



UNICAMP

JANAINA OLSEN RODRIGUES

**Estratégias de categorização em contextos patológicos e
não patológicos: construções referenciais
através da hiperonímia**

**Campinas
2013**



Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP
Instituto de Estudos da Linguagem – IEL

JANAINA OLSEN RODRIGUES

**Estratégias de categorização em contextos patológicos e
não patológicos: construções referenciais
através da hiperonímia**

Dissertação apresentada ao Instituto de Estudos da
Linguagem da Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do Título de Mestra em Linguística.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Edwiges Maria Morato

**Campinas
2013**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Teresinha de Jesus Jacintho - CRB 8/6879

OL8e Olsen-Rodrigues, Janaina, 1989-
Estratégias de categorização em contextos patológicos e não patológicos:
construções referenciais através da hiperonímia / Janaina Olsen Rodrigues. –
Campinas, SP : [s.n.], 2013.

Orientador: Edwiges Maria Morato.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Sociocognitivismo. 2. Semântica. 3. Linguística Textual. 4. Neurolinguística.
5. Categorização (Linguística). I. Morato, Edwiges Maria, 1961-. II. Universidade
Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Strategies of categorization in pathological and non pathological
contexts: referential constructions through hyperonymy

Palavras-chave em inglês:

Sociocognitivism

Semantics

Textual Linguistics

Neurolinguistics

Categorization (Linguistic)

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Edwiges Maria Morato [Orientador]

Monica Graciela Zoppi-Fontana

Renato Cabral Rezende

Data de defesa: 26-08-2013

Programa de Pós-Graduação: Linguística

BANCA EXAMINADORA:

Edwiges Maria Morato

Edwiges Maria Morato

Monica Graciela Zoppi-Fontana

Monica Graciela Zoppi-Fontana

Renato Cabral Rezende

Renato Cabral Rezende

Anna Christina Bentes da Silva

Elisandra Villela Gasparetto Sé

IEL/UNICAMP
2013

RESUMO

Com base em uma abordagem sociocognitiva da linguagem, esta pesquisa investiga e analisa as construções referenciais da hiperonímia, bem como as estratégias de ativação dos objetos de discurso a elas subjacentes, formuladas por afásicos, por indivíduos com Doença de Alzheimer em fase inicial e por indivíduos pertencentes a casos não patológicos. Como instrumento metodológico, adota-se um protocolo composto por dezoito conjuntos de três co-hipônimos cada. Tal ferramenta tem como intuito focalizar e delimitar o trabalho linguístico e sociocognitivo, assim como o percurso enunciativo realizado pelos sujeitos ao categorizar. Em consonância com esse protocolo, foi elaborado um comando que propõe aos participantes a atividade de agrupar os itens lexicais (co-hipônimos) em um mesmo “conjunto”, sendo essa a noção que ampara o conceito da relação semântica de hiperonímia. A análise das estratégias empregadas pelos participantes dos casos patológicos, tal como a comparação entre elas e aquelas mobilizadas por indivíduos não afásicos e não Alzheimer, constitui a investigação científica pretendida propriamente dita. Tendo como principal motivação a necessidade de um melhor entendimento acerca das relações entre linguagem e cognição, a pesquisa fundamenta-se, do ponto de vista teórico-metodológico, em três domínios: o da Semântica, o da Linguística Textual e o da Neurolinguística. Partindo da tentativa de categorizar e culminando na elaboração de enquadres cognitivos, apreciações, hiperônimos com diferentes graus de prototipicidade, holônimos, etc., os participantes revelam uma pluralidade de referentes, e explicitam o papel dos objetos de discurso como elementos dinâmicos, que são inseridos, mantidos, identificados, retomados, construindo ou reconstruindo, por esta via, os sentidos no curso da progressão textual (KOCH & MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2002). Assim, observando como os indivíduos constroem seus agrupamentos e os representam, podemos inferir as motivações que subjazem a esse procedimento de categorização.

Palavras-chave: Categorização, Referenciação, Hiperonímia, Afasia, Doença de Alzheimer.

ABSTRACT

From a socio-cognitive approach to language, this research aims to investigate and to analyze the constructions of reference through hyperonymy formulated by individuals with aphasia, with Alzheimer's disease (in its early stages) and by individuals without any linguistic disorders from co-hyponyms presented to them. As a methodological resource, we adopt a protocol composed of eighteen sets of three co-hyponyms each. This tool has the intention to focus on and define the social cognitive and linguistic work, as well as the enunciative path used by the subjects in order to categorize. In line with this protocol, we designed a command that proposes to the participants the activity of grouping lexical items (co-hyponyms) in the same "set". This notion of grouping supports the concept of the studied semantic relationship: hyperonymy. The analysis of these strategies and also the comparison among them and those used by the control group (non-aphasic and non-Alzheimer individuals) compose the scientific investigation itself. Taking as main motivation the necessity of a better understanding of the relations among brain, language and cognition, the theoretical and methodological underpinnings of this research rest on works from three sound domains: Semantics, Textual Linguistics and Neurolinguistics. From the attempt to categorize and culminating in the development of cognitive framings, appraisals, hyperonyms with different degrees of prototypicality, holonyms, etc., participants reveal a plurality of referents, and demonstrate the role of objects of discourse as dynamic elements that are inserted, maintained, identified, building or rebuilding, in this way, the meanings in the course of textual progression (KOCH & MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2002). Thus, by observing how individuals construct their groups and represent them, we can infer the underlying motivations in this categorization process.

Keywords: Categorization, Reference, Hyperonymy, Aphasia, Alzheimer Disease.

SUMÁRIO

Resumo	vii
Abstract	ix
Lista de figuras	xix
Lista de quadros	xxi
1) Introdução	1
1.1. Contexto, motivação, justificativa, objetivos e hipóteses.....	1
2) Das bases do empreendimento teórico: apresentação dos conceitos-chave	13
2.1. Da referência à referenciação	13
2.2. Por uma semântica pragmatizada	17
2.3. O contexto neurolinguístico	24
2.3.1 O contexto das Afasias	27
2.3.2 O contexto da Doença de Alzheimer	29
3) Metodologia	31
3.1. Aparato metodológico: o protocolo de pesquisa como input para a categorização.....	31
3.2. Coleta de dados I: do estudo piloto.	39
3.3 Coleta de dados II: da composição do corpus efetivo de pesquisa.....	42
3.4 Descrição do corpus: transcrição e sistema de notação	44
4) Dos processos semântico-textuais emergentes: os percursos linguísticos diante de co-hipônimos	47
4.1 Hiperonímia: os graus, as classificações e uma proposta de expansão da noção	47
4.2 Holonímia/Meronímia: a construção de uma relação semântica de mesmo nível hierárquico	51
4.3 Enquadre cognitivo: a ativação de frames semântico-pragmáticos.....	54

4.4. Predicações: a recategorização através de apreciações e descrições	58
4.5. Da categorização como manifestação de protótipos	60
5) Da heterogeneidade neurolinguística da pesquisa	67
5.1 Apresentação dos participantes da pesquisa sem comprometimento neurológico e do contexto de participação	67
5.2 Apresentação dos participantes afásicos da pesquisa e do contexto de participação	68
5.3. Apresentação dos participantes com Doença de Alzheimer da pesquisa e do contexto de participação	70
6) Descrição e contextualização dos dados	71
6.1 Descrição e contextualização dos dados de participantes do grupo controle	73
6.2. Descrição e contextualização dos dados de participantes do grupo controle dos participantes afásicos	111
6.3 Uma análise sociocognitivista das entrevistas dos participantes com Doença de Alzheimer	138
6.4 Um estudo comparativo dos resultados obtidos	179
7) Considerações finais.....	185
8) Referências bibliográficas.....	191
9)Apêndices	199
Apêndice A – Transcrição de todos os dados.....	199
Apêndice B – Termo de consentimento assinado pelos participantes da pesquisa	221

Para você que está lendo(,)

com carinho.

AGRADECIMENTOS

Como merônimos da minha gratidão, elegi alguns sentimentos já que, em consonância com Rousseau, “se é a razão que faz o homem, é o sentimento que o conduz”.

Meu respeito, ofereço-o à minha orientadora, prof^a Edwiges Maria Morato, que, com profissionalismo e afinco, me orientou durante o mestrado.

Minha admiração, dedico-a ao meu orientador de iniciação científica, prof^o Bento Carlos Dias da Silva, que sempre será uma referência para mim.

Minha empatia, disponho-a aos participantes da pesquisa que, pertencentes a casos patológicos ou não, mostraram-me muito mais do que eu pretendia enxergar a partir do meu objeto de estudo.

Minha consideração, oferto-a aos professores que me acolheram nas disciplinas e/ou me engajaram em produtivas discussões, oriundos da própria UNICAMP (prof^a Edwiges Morato, prof^a Anna Bentes, prof^a Sheila Elias), da UNESP - S.J. Rio Preto (prof. Lourenço Chacon), da UNESP - Araraquara (prof^a Marina Mendonça, prof^o Bento Carlos Dias da Silva), da FFLCH-USP (prof^o Leland McCleary) e da FCSH-UNL- Lisboa (prof^a Ana Monção e prof^a Antónia Coutinho).

Minha seriedade, faculto-a aos professores da banca de qualificação e de defesa, prof^a Mónica Fontana, prof. Renato Rezende, prof^a Elisandra Sé e prof^a Ana Bentes, que leram, com compromisso e atenção, o meu trabalho.

Minha satisfação, demonstro-a aos professores que me orientaram nos três PEDs realizados durante o mestrado, prof^a Claudia Hilsdorf Rocha, prof^a Denise Bértoli Braga e prof^a Maria José Coracini, proporcionando-me interessantes experiências como docente.

Minha alegria, distribuo-a colegas do grupo de pesquisa e aos amigos mestrados e doutorandos de outras áreas, para que conduzam suas pesquisas com entusiasmo.

Meu carinho, doou-o aos meus pais, aos meus demais amigos e aos meus familiares, alicerces durante qualquer etapa da minha vida.

Minha confiança, retribuo-a ao órgão de fomento à pesquisa FAPESP, que apoiou o desenvolvimento deste trabalho.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. O hiperônimo (ou genus), o differentiae e o hipônimo representados na definição de um item lexical.....	48
Figura 2. Condição de existência da relação de holonímia/meronímia.....	51
Figura 3. Correlação lateral por semelhança de família entre ser humano, cachorro, morcego, baleia e camarão.	64
Figura 4. Disposição dos hiperônimos do item lexical “chair”.....	65
Figura 5. Construções referenciais utilizadas por sujeitos dos casos não patológicos.....	180
Figura 6. Construções referenciais utilizadas por afásicos.....	181
Figura 7. Construções referenciais utilizadas por doentes de Alzheimer.....	183

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Exemplo de respostas de um informante iletrado coletadas por Monteiro (2001).	6
Quadro 2. Divisão triádica de Carnap & Morris.	18
Quadro 3. Protocolo de pesquisa e classificação dos conhecimentos ativados pelos co-hipônimos.	38
Quadro 4. Protocolo em fase experimental utilizado no estudo piloto.	40
Quadro 5. Modelo para identificação dos participantes da pesquisa e transcrição dos dados.	43
Quadro 6. Sistema de notação para transcrição dos dados coletados.	46
Quadro 7. Apresentação do participante DN do grupo controle.	68
Quadro 8. Apresentação do participante OR do grupo controle.	68
Quadro 9. Apresentação do participante afásico MS.	69
Quadro 10. Apresentação do participante afásico LE.	70
Quadro 11. Apresentação da participante TR com DA.	70
Quadro 12. Apresentação da participante AP com DA.	71
Quadro 13. Análise esquemática e panorâmica dos dados de casos não patológicos.	95
Quadro 14. Análise esquemática e panorâmica dos dados de afásicos.	128
Quadro 15. Análise esquemática e panorâmica dos dados de doentes de Alzheimer.	162

1) Introdução

1.1. Contexto, motivação, justificativa, objetivos e hipóteses.

Quando um item ou expressão lexical é selecionado no processo de produção linguística, é necessário explicar porque nenhum de seus superordenados ou subordenados foram eleitos, já que as condições de aplicabilidade, do ponto de vista estritamente linguístico, são as mesmas. Essa questão, nomeada por Stede (2000) como *the hyperonym problem revisited* e tratada, anteriormente, por Levelt (1992), é um desafio para diferentes áreas como a Psicolinguística, a Semântica e o Processamento de Linguagem Natural (PLN).

No centro dessa questão, está a hiperonímia, a relação semântica mais estudada na comunidade computacional por ser “a relação taxonômica mais definida em redes de herança” (PUSTEJOVSKY, 1995, p.23), mas também devido justamente à sua importância na definição de um item ou expressão lexical e à sua natureza inferencial, sendo uma noção central em muitos modelos de léxico como, por exemplo, as *wordnets*¹.

Tais redes semânticas são estruturadas em termos de conjuntos de sinônimos (synsets, do inglês, *synonymy set*) que se relacionam hierarquicamente através da relação de hponímia/hiperonímia, dentre outras relações de sentido (meronímia/holonímia, antonímia, etc.).

As wordnets, dessa maneira, são recursos linguístico- computacionais que, ao entenderem que os conceitos lexicalizados são acessados por meio desses synsets, cujos itens lexicais são pontos de acesso ao léxico mental, propõem uma conexão entre as

¹ As wordnets são, de modo geral, redes semânticas estruturadas em termos de conjuntos de sinônimos, os synsets, denominados “nós” da rede. Esses nós estabelecem entre si relações de antonímia, meronímia/holonímia, troponímia, que são os “arcos” que tecem essa rede, sendo a relação de hponímia/hiperonímia o “arco principal”, responsável por hierarquizar os synsets desse recurso linguístico-computacional.

estruturas conceituais e linguísticas que compõem o acesso lexical². (JACKENDOFF, 2002).

Considerando que a estrutura conceitual:

[...] não é parte da linguagem per se – é parte do pensamento. É o lócus para o entendimento das asserções linguísticas em contexto, **incorporando considerações pragmáticas e “conhecimento de mundo”**; é a estrutura linguística em termos da qual o raciocínio e planejamento ocorrem. (JACKENDOFF, 2002, p.123, grifos nossos).³

Busca-se, nesta pesquisa, investigar esse caráter pragmático que é intrínseco ao acesso lexical, como verificado no próprio interior da estrutura conceitual. Para tanto, nessa iniciativa, adotou-se um propósito sociocognitivo que considera a língua em seu contexto de uso e em situação de interação, reconhecendo e valorizando, com base em Tomasello (2008), o fato de que “a habilidade em se engajar em ações conjuntas” é, possivelmente, uma característica única dos seres humanos, além de um pré-requisito para a própria dinâmica da linguagem.

A interação face a face, nesse contexto, foi escolhida, na presente pesquisa, como o lócus mais propício a fim de conhecer uma faceta da linguagem que, embora instável, extensa e repleta de disfluências e indeterminações (como, por exemplo, redundâncias, circunlóquios e hesitações), é constituinte da comunicação humana, tal como afirma Jackendoff (2002),

² Vide OLSEN-RODRIGUES; DIAS DA SILVA (2010), monografia de conclusão de curso intitulada “Um estudo exploratório de aspectos do processamento cognitivo do léxico mental: a conexão entre as estruturas conceitual e linguística” que discute, dentre outras questões as estruturas e conceitos envolvidos no acesso lexical.

³ Tradução minha do original em inglês: [...] is not part of language per se—it is part of thought. It is the locus for the understanding of linguistic utterances in context, incorporating pragmatic considerations and “world knowledge”; it is the cognitive structure in terms of which reasoning and planning take place.

[...] a atitude comunicativa apresenta dois desideratos conflitantes. Um objetivo é acessar o significado com o mínimo de esforço físico por parte do falante e do interlocutor. Isso cria uma pressão rumo à brevidade e à abreviação. Outro objetivo é transmitir o significado de modo tão claro quanto possível, o que cria uma pressão em direção à extensão e à redundância.⁴ (JACKENDOFF, 2002, p 36).

Dessa maneira, motivada inicialmente por tais inquietações cunhadas nas perspectivas linguístico-computacionais da linguagem, como *o hyperonymy problem* e as relações semânticas da WordNet, emergentes do desenvolvimento das atividades teóricas e práticas de iniciação científica⁵ e de estudo monográfico (OLSEN-RODRIGUES, DIAS-DA-SILVA, 2010), ambos sob orientação do Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva, (DIAS-DA-SILVA, 2004), esta pesquisa busca, sob uma abordagem sociocognitivista da linguagem, investigar a hiperonímia como um recurso de referenciação, dotado de dimensões semânticas, textuais e sociocognitivas em contexto patológicos e não patológicos.

O deslocamento de uma abordagem de cunho semântico-lexical e linguístico-computacional para uma investigação de caráter semântico-pragmático e neurolinguístico, além de motivado pela própria iniciação científica realizada, também foi impulsionado pelo contato com importantes noções discutidas na disciplina Psicolinguística (como acesso lexical, léxico mental, modelo de Levelt, semiologia das afasias, vicissitudes da Doença de Alzheimer), ministrada pela Prof^a Dr^a Ana Monção na Universidade Nova de Lisboa, de setembro de 2009 a fevereiro de 2010.

⁴ Tradução minha do original em inglês: [...] the act of communication presents two conflicting desiderata. One goal is to get the meaning across with a minimum of physical effort on the part of both speaker and hearer. This creates a pressure towards brevity and abbreviation. But another goal is to convey the meaning as clearly as possible, which creates a pressure towards length and redundancy.

⁵ O contexto dessas atividades é descrito mais adiante, nesta mesma seção.

Tal transição investigativa, que expande e incrementa, portanto, os conhecimentos previamente adquiridos, encontrou seu lugar de desenvolvimento, bem como de convergência de interesses, junto ao grupo de pesquisa cadastrado no CNPq COGITES - Cognição, Interação e Significação. Esse grupo, habituado a contextos interdisciplinares, é consagrado ao estudo das relações entre linguagem e cognição por meio da análise de práticas linguístico-interacionais, em especial as que envolvem indivíduos com afasia e com Doença de Alzheimer, sendo coordenado pela Prof^a Dr^a Edwiges Maria Morato.

O grupo tem focalizado, em suas pesquisas, alguns fenômenos, tais como processos de ordem meta, referenciação, frames interacionais, competência comunicativa, metaforicidade, multimodalidade, relação fala/escrita, voltando-se, mais recentemente, ao estudo da estruturação de processos conversacionais (gestão do tópico discursivo, dêiticos, gestualidade, dinâmica de turno, etc.)⁶.

No campo mais específico dos estudos neurolinguísticos, o grupo dedica-se à reanálise crítica da semiologia das patologias de linguagem, às relações entre o não-patológico e o patológico, à discussão das implicações de modelos biomédicos e sociais para a compreensão das patologias linguísticas e cognitivas, às interrelações entre linguagem e memória, etc, além de preocupar-se com a constituição de um banco de dados, o *AphasiAcervus*, em que se encontram o registro e a transcrição de atividades realizadas no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) da Unicamp.

Delimitado o contexto em que este trabalho se insere e, atentando para a língua em uso, são levantadas e analisadas, nesta pesquisa, as estratégias de construção textual da referência utilizadas por afásicos, por indivíduos com Doença de Alzheimer (doravante DA) em fase inicial e por indivíduos sem qualquer comprometimento neurológico.

A escolha de tais contextos patológicos, não arbitrária, é motivada pela dicotomia tradicionalmente instaurada na investigação do campo das pesquisas biomédicas

⁶ Informações extraídas do site do COGITES, disponível em: <http://cogites.iel.unicamp.br/>. Acesso em: 02/2013

a respeito de ambos os casos patológicos em questão. Tal dicotomia pode ser formulada da seguinte maneira: (i) a DA, inserindo-se em uma tradição quantitativa e experimental que parte, muitas vezes, de uma concepção representacional e localizacionista da mente humana, é enquadrada em um paradigma cognitivista que privilegia, sobretudo, as relações entre estruturas neurológicas afetadas e declínio cognitivo, com ênfase nos processos neurodegenerativos e (ii) as afasias são tradicionalmente estudadas sob a perspectiva de que a instabilidade linguístico-cognitiva provocada pela patologia cerebral leva o sujeito a ter alterações na capacidade de realizar operações de ordem metalinguística (cf. Jakobson, 1981[1954]) ou mesmo perder a metalinguagem (cf Lebrun, 1983), sendo caracterizadas, dessa maneira, por comprometimentos de caráter estritamente linguístico.

Nesta pesquisa, diferentemente do caráter tradicionalmente dicotômico explicitado que associa o cognitivo *stricto sensu* à DA e o estritamente (meta)linguístico às afasias, acredita-se, de modo paralelo, que (i) a DA não altera apenas as estruturas cerebrais internas, mas os processos cognitivos, a linguagem, a interação e a organização das práticas sociais. No que diz respeito às dificuldades ou limitações relacionadas à linguagem, quando manifestadas nas interações, elas são (re) organizadas pelos participantes dentro das estruturas de base da linguagem e da interação social e (ii) na afasia, os afásicos lançam mão de ações reflexivas sobre e com a linguagem, de modo a indicar a presença de uma “competência pragmático-discursiva” (MORATO, 2002) que se constitui nas práticas interativas, não redutíveis ao sistema linguístico por si só.

No que diz respeito ao aparato metodológico, nesta investigação, foram analisados dados linguísticos de seis sujeitos: dois afásicos, dois com Doença de Alzheimer e dois não afásicos e não Alzheimer. Tais dados foram coletados a partir de dezoito conjuntos de três co-hipônimos cada a eles apresentados sob a forma de um protocolo análogo ao proposto por Monteiro (2001).

Em sua pesquisa, Monteiro (2001), cujo trabalho também foi uma das motivações para a presente investigação, destaca o papel do letramento e da escolaridade na

estruturação da memória semântica e nas formas de acessá-la através de testes de categorização semântica.

A investigação da pesquisadora, desse modo, busca as diferenças entre as preferências categoriais de um indivíduo não escolarizado e as de um indivíduo escolarizado no processo de categorização semântica através da aplicação de cinco protocolos, dentre eles, um destinado à solicitação de hiperônimos, cuja aplicação teve como objetivo “eliciar a influência da escolaridade e da continuidade do letramento ao processo de reconhecimento de relações de pertença a itens de uma mesma categoria” (MONTEIRO, 2001, p. 106).

Como resultado parcial da investigação acerca da hiperonímia realizada por Monteiro, obteve-se que 46,91% dos iletrados⁷ responderam o hiperônimo esperado enquanto 79,15% dos letrados tiveram essa mesma atitude. Dentre as respostas dos iletrados, destacam-se algumas que claramente agrupam os co-hipônimos em uma construção de natureza sociocognitiva, embora uma análise com esse caráter não tenha sido realizada no trabalho de Monteiro (2001). Alguns exemplos estão ilustrados no Quadro 1.

(a)	cascavel, coral, jibóia	→ inseto desgraçado
(b)	chocolate, brigadeiro, quindim	→ a família inteira
(c)	genro, nora, cunhado	→ ruma p. briga de foice
(d)	FHC, Lula, Enéas	→ três sem-vergonha
(e)	Brasil, México, Paquistão	→ isso aí me apertô

Quadro 1. Exemplo de respostas de um informante iletrado coletadas por Monteiro (2001).

Comentando os dados obtidos por Monteiro (2001), Marcuschi (2002) chama a atenção para o fato de que está sendo levado em conta, nos exemplos de enquadres cognitivos como os presentes no Quadro 1, não exatamente o conhecimento semântico-

⁷ “Letrado” ou “iletrado” é uma classificação adotada por Monteiro (2001).

lexical específico ou prototípico, mas sim a perspectiva, as experiências e a percepção de mundo dos informantes. Como observa o autor,

O que está atuando por trás deste sistema não é um esquema categorial, e sim uma atividade sociocognitiva de envolvimentos que produzem mesclas conceituais, *blendings*, na terminologia de Fauconnier (1997). Este informante, mesmo na condição de analfabeto, sabe, por exemplo, que sofá mesa e estante são móveis e sabe que avião, barco e trem são veículos. Portanto, ele entendeu o comando e tem condições de evocar enquadres semânticos, mas prefere outros enquadres que representam sua atividade no dia-a-dia. Tanto assim que ele não usaria aqueles mesmos enquadres em todas as condições de produção discursivas diárias (MARCUSCHI, 2002, p.54)

Diferentemente da pesquisa supracitada, propomos, então, uma investigação da relação de hiperonímia como expressão da construção de uma experiência linguisticamente revestida (MARCUSCHI, 2002), em que a categorização evidencia os enquadres cognitivos e as demais estratégias sociocognitivas por eles ativadas frente aos co-hipônimos a eles apresentados.

Tendo como premissa que os hiperônimos fundam-se numa hierarquização de elementos semânticos, assume-se que a eleição lexical de um deles e não de outros no processo de referenciação a partir de co-hipônimos exige algum tipo de organização mental para construir a ordem do enquadre cognitivo, já que se acredita que tal escolha e, conseqüentemente, esse enquadre não são nem naturais nem pragmaticamente desmotivados (MARCUSCHI, 2002). Assim, observando como os indivíduos constroem seus agrupamentos e os representam linguisticamente, podemos inferir os processos que subjazem a esse procedimento de categorização, levantando algumas hipóteses.

Considerando sempre que um falante, querendo referir-se a algo, no caso, a co-hipônimos, encontra-se diante de uma gama de itens lexicais, expressões com diferentes graus de especificidade, todos apropriados e passíveis de serem ativados tendo em vista o contexto linguístico instaurado, temos os seguintes questionamento de base: (i) Quais são

as motivações que determinam o item ou a expressão lexical o falante escolherá perante os co-hipônimos?; (ii) Quais as implicações semântico-pragmáticas de usar um termo e não outro? (iii) É possível que outros percursos linguísticos ou estratégias sociocognitivas emerjam através da relação de hiperonímia como processos referenciais a partir dos co-hipônimos?

Ao verificar os exemplos de grande plasticidade coletados por Monteiro (2001), tendo em vista também as indagações supracitadas, sobretudo de inquietações emergentes da área de linguística computacional, como o *hyperonymy problem*, a hipótese construída, considerando os objetivos da presente pesquisa, é de que a escolha de uma estratégia linguística perante os co-hipônimos, que pode assumir um caráter lexical ou não, é norteadada sociocognitivamente, ocorrendo através de um sistema de representações conceptuais e socialmente construído passível de ser expresso por diferentes estratégias linguísticas como, por exemplo, os enquadres cognitivos e outras relações semântico-conceituais, bem como predicções e demais procedimentos mais semântico-textuais que propriamente lexicais.

Tendo em vista as motivações já expostas, é possível afirmar, que em suma, a presente pesquisa tem como molas propulsoras:

(i) questões de natureza semântica relativas à hiperonímia já abordadas, porém sob outro enfoque, o linguístico-computacional, durante o desenvolvimento das atividades teóricas e práticas do projeto de Iniciação Científica (IC) *FEELING e PROCESS: co-indexação léxico-semântica entre substantivos da WN.Pr e WN.Br*, apoiado pelo CNPq⁸, no contexto de um projeto maior intitulado *O Desenvolvimento da Base de Substantivos da WordNet.Br e a sua Co-indexação com a WordNet de Princeton* (DIAS-DA-SILVA, 2004), sendo ambos coordenados pelo Prof. Dr. Bento Carlos Dias da Silva, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), *campus* de Araraquara. A discussão que nos interessará quanto a este ponto diz respeito, como se verá mais adiante, na subseção 3.1, a casos prototípicos da hiperonímia;

⁸ Processo 550.388/2008-2, de julho de 2008 a julho de 2009.

(ii) questões neurolinguísticas relativas aos processos de significação, alterados de alguma forma tanto nos quadros da afasia, uma perturbação da linguagem gerada por uma lesão estrutural adquirida no Sistema Nervoso Central, caracterizada por alterações dos mecanismos linguísticos nos níveis produtivo e interpretativo (COUDRY, 1988), quanto nos quadros da Doença de Alzheimer, um declínio cognitivo causado por fatores genéticos, por depressões tardias não tratadas e por fatores de risco (MANSUR, 2005), que não altera apenas as estruturas neurológicas, mas os processos sociocognitivos, como a linguagem, a memória, a interação, etc.

(iii) questões de fundo sócio-cognitivo, que enfatizam o caráter social e pragmático da linguagem e da cognição, estreitando as relações entre verbal e não verbal, entre linguagem e práticas socioculturais, já que a linguagem não deve ser vista como a representação dos referentes mundanos, ou como mera competência de habilidades cognitivas inatas, mas sim como o local em que, concomitantemente, a exterioridade (o cultural, o social e o histórico) se relaciona com os processos internos (nossos esquemas mentais) a partir da construção de “versões públicas do mundo” (MONDADA & DUBOIS, 1995);

(iv) questões acerca da referenciação⁹, que, entendida como atividade discursiva elaborada em um contexto de interação verbal, ocupa, segundo Marcuschi (2002), um lugar central na construção das vivências individuais, sendo uma atividade criativa e não um simples ato de designação, de modo que as estratégias de referir¹⁰, incluindo o uso de hiperônimos, são construídas discursiva e interativamente, isto é, dentro

⁹ Segundo Mondada (2001: 9), a referenciação não privilegia a relação entre as palavras e as coisas, mas a relação intersubjetiva e social no seio da qual as versões do mundo são publicamente elaboradas, sendo dessa assunção que decorre a proposta de substituir, quando adequado, a noção de **referência** pela noção de **referenciação**.

¹⁰ Em consonância com Marcuschi e Koch (1998a), “referir” é uma atividade de designação realizável com a língua que não implica uma relação especular língua-mundo, estando, portanto, em consonância com a noção de referenciação. Esse conceito também dialoga com “remeter”, uma atividade de processamento indicial na co(n)textualidade e com “retomar”, uma atividade de continuidade de um núcleo referencial, seja numa relação de identidade ou não.

de uma rede lexical situada em um sistema sócio-interativo que permite a produção de sentidos e na qual a relação de hiperonímia, como recurso referencial, se insere.

Ao selecionar o contexto patológico como um dos lugares de realização da investigação e cerne do interesse entre a relação Linguagem, Cognição e Interação, parte-se também de algumas premissas acerca das afasias e da Doença de Alzheimer veiculadas tradicionalmente na área de Neurolinguística em relação à linguagem.

As afasias são comumente definidas em termos de uma perda ou de uma alteração da capacidade de realizar operações metalinguísticas (JAKOBSON, 1981 [1954]), isto é, de fazer a correspondência entre a realidade e as categorias da língua que utilizamos para referir e categorizar o mundo, como se a linguagem fosse despojada de aspectos e processos de caráter socioculturais.

Nesta pesquisa, ao propor uma atividade de referenciação e categorização a partir de co-hipônimos para, dentre outros participantes, afásicos, busca-se superar o reducionismo biológico, pautado em teorias estruturalistas e localizacionistas acerca da relação cérebro, linguagem e cognição, atentando não apenas para fenômenos desviantes tradicionalmente estudados pela Afasiologia, mas para a criação de algumas estratégias multimodais, linguísticas e não-linguísticas, utilizadas pelos falantes em situações de interação como alternativas eficazes frente aos comprometimentos derivados da lesão cerebral sofrida (MORATO, 2010).

A DA e a linguagem na DA, por sua vez, tradicionalmente explicadas e descritas a partir de um modelo biomédico¹¹ que privilegia, sobretudo, as relações entre estruturas neurológicas afetadas e o declínio cognitivo, têm sido consideradas apenas no que diz respeito às alterações nas estruturas cerebrais internas, sem considerar os demais processos cognitivos, a interação e a organização das práticas sociais (CRUZ, 2008) também afetadas.

¹¹ Em contraposição ao modelo biomédico (Berrios, 1989; Leibing, 2006), tem-se o modelo biossocial, que se distingue daquele, sobretudo, por não adotar, nos casos patológicos, a uma visão de mente reduzida ao que é cerebral.

Supõem-se, nesta pesquisa, que, à luz de uma abordagem sociocognitiva da linguagem, seja possível verificar que as dificuldades ou limitações decorrentes das patologias relacionadas à linguagem, seja a DA, sejam as afasias, quando manifestadas nas interações, são (re) organizadas pelos participantes dentro das estruturas e de estratégias da própria linguagem e da interação social, de modo que a DA não está circunscrita ao cognitivo, ao mental ao cerebral, mas inserida em todo um contexto social e a afasia não se limita ao metalinguístico.

É importante ressaltar que as análises das características da linguagem em uso demandam também a compreensão da linguagem não patológica nos contextos de uso, isto é, a compreensão da competência linguística dos falantes sem alterações patológicas, por isso a relevância dos participantes que servem como grupo de controle dotados de um perfil etário, semelhante aos dos demais participantes da pesquisa (afásicos e com Doença de Alzheimer).

Cabe ainda destacar que, considerando os casos patológicos da linguagem, em que há comprometimentos linguístico-cognitivos, acredita-se que será possível, além de um melhor entendimento acerca das relações entre linguagem e cognição a partir da mobilização de um aparato teórico-metodológico fundamentado em três domínios: o da Semântica, o da Linguística Textual e o da Neurolinguística, encontrar algumas respostas para questões como, por exemplo, as inquietações propostas pelo *hyperonym problem*, de maneira que, pelo contraste entre os resultados da pesquisa, isto é, entre as estratégias utilizadas pelos falantes dos três grupos envolvidos perante a aplicação do protocolo, haverá a possibilidade de se chegar a uma compreensão mais concreta acerca da própria natureza da ativação de processos implicados na categorização.

A hipótese sociocognitiva da pesquisa a ser realizada, no que diz respeito à linguagem nos quadros de afasia e de neurodegenerescência, é a de que as dificuldades ou particularidades linguísticas e cognitivas associadas aos dois quadros patológicos (afasia e Doença de Alzheimer), ainda que não impeçam a construção referencial envolvida na hiperonímia, podem fornecer elementos semântico-textuais que indiquem a natureza

pragmática e sociocognitiva da atividade referencial. Acredita-se, ainda, que os indivíduos produzirão uma (re) organização dos co-hipônimos dentro das estruturas de base da linguagem e da interação social, evocando hiperônimos através de nominalizações, predicções, verbos de percepção/pensamento, sintagmas metafóricos, expressões referenciadoras típicas, paráfrases. Dessa maneira, a análise das estratégias empregadas pelos informantes na construção da hiperonímia, bem como a comparação entre elas e aquelas utilizadas pelo grupo de controle (indivíduos não afásicos e não Alzheimer), constituirá a investigação científica pretendida propriamente dita.

Quanto ao empreendimento semântico que compreende esse trabalho, destaca-se o intuito de visualizar uma ponte teórica entre o semântico e o pragmático a partir das estratégias -expressas através de relações semânticas (meronímia/holonímia, hiponímia/hiperonímia), de enquadres cognitivos, de predicções, etc. - construídas pelos participantes ao longo da interação. O grau de prototipicidade dos hiperônimos construídos pelos falantes, bem como o caráter mais ou menos prototípico ou estereotípico das construções formuladas por eles são também, juntamente com as demais estratégias utilizadas, causa e consequência da interface semântico-pragmática pretendida. “Causa” porque a própria natureza interacional do corpus requer, em sua análise, a abertura de uma semântica pragmatizada. “Consequência” porque apenas sob um enfoque que faça tal interface é possível notar, deixar visível e valorizar teoricamente os recursos linguístico-discursivos de que os falantes lançam mão.

Em relação ao propósito investigativo desta pesquisa no campo da Linguística Textual, destaca-se o interesse pelos processos textuais (tipos de anáforas, por exemplo) utilizados pelos participantes ao formularem oralmente as respostas diante do protocolo, a análise da natureza textual do que foi dito, sobretudo no que diz respeito ao gênero que mais se aproxima daquele ativado pelo participante (narração, descrição, etc.) e a descrição da estrutura textual do que foi construído pelo falante (enunciado, item lexical, etc.). Tais aspectos textuais, cabe ressaltar, serão destacados na análise dos dados da pesquisa, caracterizando-se como elementos de análise a fim de que a compreensão de um processo

textual, a referenciação, seja compreendida também pelo entendimento de recursos de igual natureza.

No que diz respeito ao compromisso neurolinguístico desta investigação, pretende-se, com base nos resultados a serem obtidos, discutir, dentre outras questões, o que, nos estudos neurocognitivos tem sido tradicionalmente afirmado como forma de consagrar a já referida dicotomia entre o linguístico e o cognitivo (MORATO, 2008): que as afasias são ou se devem essencialmente a um problema (meta)linguístico, e que as neurodegenerescências (como a DA) são ou se devem a um problema essencialmente cognitivo, isto é, conceitual, psicológico, não linguístico, a fim de melhor caracterizar a dimensão sociocognitiva da linguagem e seu papel no contexto da afasia e da neurodegenerescência - cujas inter-relações são ainda controversas, se levarmos em conta as discussões projetadas no campo da literatura da área biomédica.

2) Das bases do empreendimento teórico: apresentação dos conceitos-chave

Neste capítulo, são apresentados, em cada subseção, alguns conceitos-chaves da tríade teórico-metodológica (respectivamente, Linguística Textual, Semântica e Neurolinguística) que compõe a pesquisa.

2.1. Da referência à referenciação

A categorização¹², conforme sentença Silva (1997), consiste em um processo mental de identificação, classificação e nomeação de diferentes entidades como membros de uma mesma categoria e, sobretudo, uma das capacidades cognitivas fundamentais dos seres humanos, de maneira que somos levados a questionar o modo, o percurso e os

¹² Um adensamento do conceito de categorização é realizado na subseção 3.1 da seção 3.

processos linguísticos que permitem categorizar a imensa variedade de entidades que constituem o mundo.

De acordo com Lakoff (1987, p. 6),

Um entendimento acerca de como categorizamos é central para qualquer entendimento sobre como pensamos e como funcionamos e, portanto, central para um entendimento a respeito daquilo que nos faz humanos”¹³

A partir dessas afirmações, conclui-se que o modo que a categorização, como característica intrinsecamente humana, deve ser estudada é a partir do “como”, isto é, por meio dos processos que a possibilitam.

Dentre esses percursos e esses processos linguísticos, há o conceito de referência/referenciação que, na presente pesquisa, é um dos textualmente mais relevantes rumo à categorização.

Perscrutando esse processo textual, verifica-se, conforme pontuam Mondada & Dubois (1995), que o modo que língua refere o mundo tem sido uma questão historicamente colocada em diversos quadros conceituais; segundo Milner (2003), desde que a língua tem o designar como propriedade distintiva.

No entanto, pressupõe-se majoritariamente, nos estudos realizados, uma relação de correspondência entre as palavras e as coisas, sendo essa a noção atrelada ao termo ‘referência’. Tal abordagem acerca do referir exprime-se através das metáforas do espelho e do reflexo, estimulada pela tentativa utópica de encontrar e constituir uma língua perfeita em adequação total com o mundo.

Nessa esteira, a sintaxe é estudada em relação à sua capacidade de cartografar a “ordem natural do mundo”, e as gramáticas são concebidas para corresponder a uma lógica

¹³ Tradução minha do original em inglês: “An understanding of how we categorize is central to any understanding of how we think and how we function, and therefore central to an understanding of what make us human”

profunda subjacente à língua e destinadas a capturar as estruturas do mundo (Cohen, 1977; Grace, 1987). Em suma, essa abordagem aposta na hipótese de um poder referencial da linguagem que é fundado ou legitimado por uma ligação direta (e verdadeira) entre as palavras e as coisas (Schneidecker e Charolles, 1994).

Nesse contexto, emerge a noção denominada ‘referenciação’ (APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995; MONDADA; DUBOIS, 1995; MARCUSCHI; KOCH, 1998). Tal conceito, proveniente de pesquisas de um grupo de autores franco-suíços que participavam do projeto Cognisciences, entre os quais se podem destacar Apothéloz, Kleiber, Charolles, Berrendonner, Reichler-Béguelin, Apotheloz & Chanet, Mondada & Dubois, concebe o ato de referir como uma atividade discursiva proveniente de práticas simbólicas mais que de uma ontologia dada. Dessa maneira, passa-se a postular que o referir diz respeito às operações efetuadas pelos sujeitos à medida que o discurso se desenvolve. (KOCH, 2008)

Nas palavras de Rastier (1994:19), a referenciação não consiste em “uma relação de representação das coisas ou dos estados de coisas, mas em uma relação entre o texto e a parte linguística e não-linguística da prática em que ele é produzido e interpretado”, de modo que os referentes devem ser tratados como “objetos de discurso” (MONDADA, 1994; MONDADA & DUBOIS, 1995), construídos ao longo da progressão textual e aos quais o discurso faz remissão ao mesmo tempo que é tributário dessa construção.

Assim, paralela à metáfora do espelho, defende-se, conforme Marcuschi (2002) uma concepção da língua como metáfora da lâmpada, visto que ela pode ser concebida não como “representação especular do mundo”, mas sim uma apresentação desse mundo, capaz de iluminar e, portanto, fazer visíveis as experiências sociocognitivas daquele que faz uso dela, isto é, do falante.

Sobre a noção de objetos de discurso, atrelada à referenciação, pode-se também dizer que se trata de “objetos cognitivos e discursivos construídos na intersubjetividade das negociações, das modificações, das ratificações de concepções individuais e públicas do

mundo” (MONDADA & DUBOIS, 1995), sendo referentes construídos sócio cognitivamente por sujeitos diante de uma relação indireta entre os discursos e o mundo.

Cabe ainda destacar que “os objetos de discurso são dinâmicos, isto é, podem ser introduzidos, modificados ou reativados pelos participantes no fio da enunciação, de modo que, uma vez introduzidos linguisticamente, os objetos de discurso raramente se esgotam, desenvolvendo-se discursivamente, categorizando e recategorizando ao longo da progressão textual” (MARCUSCHI, 2000). De acordo com Koch (2002) os objetos de discurso são constantemente modificados, desativados, reativados, transformados, recategorizados, construindo-se e reconstruindo-se, por esta via, os sentidos no curso da progressão textual.

O percurso sociocognitivo da atividade referencial, dessa maneira, como bem assinala Marcuschi (2005), diz respeito a um movimento dialético que relaciona língua e exterioridade:

Conhecer um objeto como cadeira, mesa, bicicleta, avião, livro, banana, sapoti não é apenas identificar algo que está ali, nem usar um termo que lhe caiba, mas é fazer uma experiência de reconhecimento com base num conjunto de condições que foram estabilizadas numa dada cultura. O mundo de nossos discursos (não sabemos como é o outro) é sociocognitivamente produzido. O discurso é o lugar privilegiado da designação desse mundo. (MARCUSCHI, 2005, p.69)

Nessa perspectiva, atenta-se para a importância da já referida dimensão intersubjetiva inerente às atividades linguísticas e cognitivas, sendo as categorias concebidas como resultantes do próprio curso da interação, compreendendo discussões, controvérsias, desacordos, etc. Essa instabilidade é justificada devido ao fato de a referenciação estar inserida em um contexto de enunciação.

Conceituada, segundo Koch (2008)¹⁴ como a atividade sociocognitiva humana de produção de sentidos, a enunciação determina as escolhas significativas operadas pelos sujeitos sobre o material linguístico que têm à sua disposição, com vistas à concretização de uma proposta de sentido e deixa marcas na superfície dos enunciados produzidos pelos falantes.

Assim, é possível afirmar que a enunciação vincula-se de maneira intrínseca à noção de referenciação (e da argumentação) e, conseqüentemente, de cognição, tida sempre como situada - local e historicamente – e compartilhada/negociada.

Cabe ressaltar, no entanto, que se tenta evitar certa tendência, também reducionista, que ignora a observação dos aspectos evidentemente linguísticos, desconsiderando o fato de que há regularidades linguísticas apreensíveis (morfológicas, sintáticas e, sobretudo, semânticas) bem delimitadas com as quais o falante também opera, na própria interação face a face, considerando como co-existentes o que é inerente e o que complementa de modo extrínseco as estratégias de referir.

Assim, o deslocamento de referência para referenciação, mais que uma mudança terminológica, propõe uma expansão do conceito de nodo que o referir passa a não ser mais considerado como algo que estabiliza uma ligação direta com o mundo, mas como um processo que se desenvolve no interior das interações por meio de mediações (multi)semióticas construídas conjuntamente, sendo essa mudança fundamental para a análise e fundamentação de caráter sociocognitivo que se pretende nesta pesquisa.

2.2. Por uma semântica pragmatizada

Primeiramente, cabe esclarecer que, ao utilizar o termo “semântica pragmatizada” não está pressuposta uma indiferença no que diz respeito aos limites dos

¹⁴ Refiro-me, como pode ser visto na seção “Referências bibliográficas”, a um texto não publicado da autora, proferido, em 2008, no Encontro Internacional de Texto e Cultura.

dois campos de estudo envolvidos, mas ambiciona-se explorar teoricamente uma possível interface entre essas duas áreas. Para conhecer esse diálogo e atingir o ponto de intersecção, é necessário, primeiramente, que delimitemos brevemente ambas as áreas e evoquemos a literatura que traz à baila essa interdisciplinaridade, sempre tendo em mente as contribuições que essa perspectiva de dupla natureza é capaz de trazer à presente pesquisa.

Durante a primeira metade do século XX, Charles Morris e Rudolf Carnap estabeleceram uma divisão triádica que forneceu um primeiro norte para uma segmentação, uma organização e um entendimento teórico acerca dos estudos da linguagem. Peregrin (1999) faz referência a essa divisão de maneira esquemática, conforme ilustrado no Quadro 2.

<u>Syntax</u>	lida com relações entre expressões
<u>Semantics</u>	aborda a relação entre as expressões e o que elas significam
<u>Pragmatics</u>	examinam as relações e aqueles que as usam ¹⁵

Quadro 2. Divisão triádica de Carnap & Morris.

Ilari (2000) parafraseia essa divisão triádica tradicional de maneira bastante clara dizendo que, ao olhar para uma linguagem qualquer, podemos:

- querer inventariar as expressões simples que lhe são próprias e estabelecer como se combinam para formar expressões complexas, assim, estaremos analisando aspectos de sua **sintaxe**.

- querer considerar, além da combinatória possível das expressões, isto é, das relações que os sinais mantêm entre si, as relações que eles mantêm com os objetos e com as situações do mundo, desse modo, estaremos estudando esses mesmos sinais **semanticamente**.

¹⁵ Tradução minha do original em inglês: "Syntax→was to deal with the relations between expressions; semantics→was to address the relation between expressions and what they stand for; pragmatics→was to examine the relations and those who use it".

- querer incluir em nosso estudo mais um fator de complexidade: os interlocutores e a interação entre os interlocutores, de modo que estaremos adotando uma perspectiva **pragmática**.

Essas fronteiras rígidas e bem delimitadas, se necessárias para uma sistematização e organização das áreas de estudo em um primeiro momento, atualmente, estabelecem, na maioria das vezes, uma certa recusa no que diz respeito às possíveis contribuições que um estudo de interface traria.

Nos finais do século XX, no entanto, um impulso significativo rumo a uma proposta mais próxima de uma semântica pragmatizada e de fronteiras mais maleáveis entre as áreas foi, conforme pontua Cruse (1975), a contribuição que Grice apresentou em seus trabalhos, nomeadamente “The logic of conversation” (1975). Nesse empreendimento griceano, de modo ainda bastante formalizado, a linguagem em uso nos contextos comunicacionais era objeto de estudo. Para Grice (1975 [1968]), cumpre esclarecer, as interações verbais são resultado dos esforços de uma cooperação mútua entre os interlocutores, a qual pode ser sumarizada em termos de leis/ máximas conversacionais (GRICE, 1975; SPEBER & WILSON, 1986).

Em Frawley (2003, p.379), temos o conceito de semântica contextual, definido, pelo autor, como:

O estudo de aspectos do significado dependentes do contexto. A pragmática assume quando a semântica contextual se retira. A pragmática está preocupada com (i) o que um falante que construiu uma sentença afirma ou quer dizer a menos ou a mais daquilo que a sentença diz em um contexto e (ii) qual informação adicional é veiculada pela afirmação, acima ou abaixo daquilo que o falante diz ou dá a entender ao construí-la. Um outro objetivo da pragmática é explicar como os falantes usam a linguagem para fazer mais que trocar informações.¹⁶

¹⁶ Tradução minha do original em inglês: the study of context-dependent aspects of meaning. Pragmatics takes up where contextual semantics leaves off. Pragmatics is concerned with (i) what a speaker who utters a sentence says or asserts over and above what the sentence says in the context (SOAMES, chap. 3 and 4), and (ii) what additional information is conveyed by the utterance,

Nesta pesquisa, a dimensão pragmática da significação garante-se, em parte, pelos contextos heterogêneos (casos patológicos e não patológicos), pelos procedimentos metodológicos, em consonância com a abordagem sociocognitivista, que norteiam a pesquisa e pelos dados de natureza interacional que estão sob análise. Essas condições, de caráter macro, permitem e facilitam os percursos teóricos e analíticos de ordem pragmatizante em um plano micro, predominantemente semântico e textual, requeridos pelos dados. Alguns desses percursos são: a expansão conceitual da relação de hiperonímia, da noção de referência, da própria atividade de categorização a partir de co-hipônimos (incluindo a relação holonímia/meronímia e as predicções como recursos produtivos para esse fim), a contribuição para a diluição da interpretação das afasias como ligadas ao estritamente metalinguístico e da DA como relacionada apenas ao conceitual.

Assumimos, então, segundo Sacks (1992), que na interação social, em suas formas mais variadas, que vão desde a conversação ordinária às trocas profissionais e institucionais, temos o lugar da construção da ordem social, das relações, das posições, das identidades categoriais dos participantes e, sobretudo, o lugar de uso dos recursos linguísticos por excelência.

Dessa forma, a dimensão semântica, por sua vez, também encontra-se pragmatizada, na medida em que compreendemos, segundo Turner (1996, p.57, apud Salomão, 1999, p. 66), que:

“o sentido é vivo e ativo, dinâmico e distribuído, construído para propósitos locais de conhecimento e de ação. Os significados não são objetos mentais, circunscritos em regiões conceituais, mas complexas operações de projeção, ligação, conexão, mesclagem e interação de múltiplos espaços conceituais”.

over and above what the speaker says or asserts by making it. (Implicature and Presupposition). Another goal of Pragmatics is to explain how speakers use language to do more than exchange information.

Além de uma posição pragmatizada em relação à própria noção de significação e no que diz respeito aos contextos de pesquisa, o “examinar relações entre expressões” da pragmática e o “para quê as expressões servem” da semântica convergem na análise dos dados e variam de acordo com os contextos de uso.

Pode-se também verificar um posicionamento de natureza pragmatizada quando assume, na presente investigação, que “nenhum homem é uma ilha, encerrado em si mesmo”¹⁷, já que acredita-se que “ninguém fica sozinho como uma entidade autossustentável, mas emerge de, e está situado dentro de, da interação com outros, com os quais está intrinsecamente conectado”¹⁸, tal como Goodwin (1995) demonstrou em seus estudos, sobretudo através do léxico restrito a três palavras de Rob¹⁹, um afásico que contribuiu para suas pesquisas.

O diálogo entre semântica e pragmática ou, mais genericamente, entre questões linguísticas teóricas e questões de uso da linguagem podem ser articuladas, também, em torno de um postulado interacionista básico já formulado por Vygotsky (1934/1987), que pode ser assim enunciado de forma sintética: “não há pensamento ou domínios cognitivos integrais fora da linguagem e nem possibilidades integrais de linguagem fora de processos interativos humanos” (MORATO, 1996 apud MORATO, 2012, p.100).

Assim, assumimos que a estrutura conceitual das operações de categorização não parece prescindir da estrutura linguística e conceitual, mas que é nas práticas sociocognitivas e discursivas situadas que elas se constituem e se deixam entrever:

¹⁷ Tradução minha do original em inglês: “No man is an island, entire of himself”

¹⁸ Tradução minha do original em inglês: “no talk stands alone as a self-contained entity, but emerges from, and is situated within, the talk of others, to which it is inextricably linked”

¹⁹ Rob (GOODWIN, 1995) ou Chil (GOODWIN, 2002): o autor varia o nome fictício do sujeito afásico para fazer referência a um mesmo caso.

“Considerando que a língua em si mesma não providencia a determinação semântica para as palavras e as palavras isoladas também não nos dão sua dimensão semântica, somente uma rede lexical situada num sistema sócio-interativo permite a produção de sentidos. Assim, dizer que todo sentido é situado, equivale a postular que nada se dá isoladamente” (MARCUSCHI, 2002, p.51).

Assim, entende-se que lidamos com questões de ordem semântica, tais como relações semânticas (meronímia, holonímias, hiperonímias, hiponímias), com estereótipos, com enquadres cognitivos, não apenas para uma autocategorização do mundo, mas, sobretudo, porque o categorizamos para sermos entendidos, isto é, para nos fazermos entender e, para tanto, utilizamos estratégias linguísticas e interacionais, sendo aquelas emergentes a partir dos co-hipôsimos o recorte desta investigação.

A partir dessa tendência pragmatizante, amplia-se até mesmo a noção de uso da linguagem, de modo que ele passa a ser mais que a produção e a compreensão pelas pessoas de um conjunto de sentenças com significados particulares configurando-se como uma classe de atividades coletivas em que os falantes desenvolvem ações (tomam atitudes) pelas quais significam coisas (dizem algo), e seus pares se coordenam com eles na tentativa de compreender o que eles querem dizer. (CAVALCANTE, 2012, p. 137)

Essa ampliação de cunho pragmatizante em relação à noção de uso da linguagem traz consigo uma abertura quanto à própria função da linguagem. Trazendo contribuições a esse respeito, Langacker (1999) afirma que :

a linguagem serve à função semiológica de permitir conceitualizações a serem simbolizadas por meio de sons e gestos, assim como uma função interativa multifacetada envolvendo comunicação, manipulação, expressividade e comunhão social”. (LANGACKER, 1999, p. 14)

Por fim, cabe notar que faz parte do empreendimento científico, isto é, da agenda da linguística cognitiva, quanto mais da sociocognitiva, possibilitar a interface

semântica- pragmática, permitindo uma abertura rumo a uma abordagem de pesquisa de ordem social, contextual e até mesmo cultural. Tomando as palavras de Langacker, “apesar de seu foco mental, a linguística cognitiva também pode ser descrita como uma Linguística social, cultural e contextual” (1997, p. 240) e “o advento da linguística cognitiva pode também ser anunciado como um retorno à linguística cultural” (1994, p.31).²⁰

Wierzbicka (2003) propõe, em sua obra, uma interface semântico- pragmática “not in the sense that some chapters of the book are devoted to pragmatics, and others, to semantics, but in the sense that pragmatics is approached here as a part, or an aspect of semantics”. A subordinação proposta, embora aparentemente limitadora, tem uma razão de ser de cunho teórico-metodológico bem fundamentada já que , para a linguista polonesa, “para entender a interação humana, nós temos que entender os significados interacionais expressos na fala e temos que possuir ferramentas analíticas ajustadas para identificar e descrever esses significados”²¹

Subjacente ao semântico e ao pragmático, diria que está em discussão, em estudos empíricos e teóricos atuais, um contínuo entre estabilidade e estabilização, ambos contribuindo para o crescimento da perspectiva sociocognitivista, pois, se a estabilização de categorias depende do que é pragmático, diverso e proveniente de experiências e perspectivas do falante, observando como os falantes podem manipulá-la em fenômenos semânticos como implicatura e a pressuposição, também há uma dependência categorial em relação à estabilidade prévia dos itens lexicais ao longo da interação e aos domínios de conhecimento compartilhados pelos usuários de uma língua (protótipos).

²⁰ Traduções minhas dos originais em inglês despite its mental focus, cognitive linguistics can also be described as social, cultural, and contextual linguistics” (1997)” e “the advent of cognitive linguistics can also be heralded as a return to cultural linguistics”

²¹ Tradução minha do original em inglês: “to understand human interaction, we have to understand ‘interactional meanings’ expressed in speech and we have to have suitable analytical tools for identifying and describing such meanings”

Aplicando diretamente essa reflexão teórica à hiperonímia, verifica-se que, se os hiperônimos baseiam-se em uma hierarquização de elementos semânticos, pondera Marcuschi (2002, p. 53), “isso não exige algum tipo de organização mental para construir a ordem do enquadre cognitivo, já que ele não é natural”. Tal organização, para um mesmo indivíduo, continua o autor, pode levar em conta, ora “uma determinada categoria axiológica”, ora um “enquadre ilocucional que lhe parece familiar”. A operação de categorização tem, pois, um caráter semântico-pragmático. Assim, a mera associação léxica não seria suficiente para explicar esquemas lógico-semânticos e nem e nem bastaria o saber pragmático vinculado às experiências simbólicas dos indivíduos.

2.3. O contexto neurolinguístico

Segundo Ahlsén (2006), dentre as diferentes abordagens acerca da relação entre cérebro e linguagem, pode-se destacar as seguintes mais influentes: **localizacionismo-** tenta descobrir os locais ou centros no cérebro para diferentes funções da linguagem; **associacionismo-** situa as funções da linguagem nas conexões entre diferentes áreas do cérebro, sendo possível associar, por exemplo, percepções de diferentes sentidos com palavras ou conceitos; **localização dinâmica de função:** assume que alguns sistemas funcionais de subfunções localizadas executam funções da linguagem. Esses sistemas são dinâmicos e, por isso, eles podem ser reorganizados durante o desenvolvimento da linguagem ou após um prejuízo neurológico; **holismo:** teorias que consideram muitas funções da linguagem administradas por diferentes áreas do cérebro trabalhando juntas.

Adotamos, segundo Luria (1981), a abordagem que defende uma localização dinâmica das funções cerebrais, compreendendo a existência de uma integração de áreas cerebrais denominada, como sistema funcional. Nesse sistema, “ está claro que toda forma

complexa de comportamento depende da operação conjunta de várias faculdades localizadas em diferentes áreas do cérebro”²² (LURIA, 1970, p. 68).

Adere-se também, como noção atrelada à abordagem anteriormente referida, ao reconhecimento da plasticidade cerebral ou neuroplasticidade, referida, segundo Luria (1973) como “Functional Reorganization” e assim definida, dentre outras consideração, por Sohlberg & Mateer²³:

Neurociência e de fato, a observação do comportamento humano deixam pouca dúvida de que o cérebro deve ser essencialmente alterado por experiências. A noção da neuroplasticidade - a capacidade do cérebro de mudar e alterar a sua estrutura e função - é particularmente relevante para a reabilitação e para o entendimento de processos de recuperação (2001, p. 71).

Adotando tais concepções neurológicas, somos instados também a procurar a natureza das “experiências” relatadas na citação referida, sobretudo aquelas que se dão por intermédio da linguagem. Assim, na relação homem X realidade encontram-se motivações sócio-antropológicas, psicossociais, sensório-motoras, intersubjetivas que complementem e fundamentam essas experiências. Por esses caminhos, grosso modo, caminha a perspectiva sociocognitiva, que longe de ser um bloco monolítico, busca reunir campos disciplinares em torno da tese segundo a qual a práxis social é a base da modulação da experiência linguístico-cognitiva. Nessa perspectiva, admite-se que a cognição, ao contrário de ser um antecedente, é um resultado de toda a atividade interacional dos indivíduos em seus modos de interação com o mundo (MORATO, 2010).

²² Tradução minha do original em inglês: “it’s clear that every complex form of behavior depends on the joint operation of several faculties located in different zones of the brain.”

²³ Neuroscience and indeed, observation of human behavior leave little doubt that the brain must be fundamentally altered by **experiences**. The notion of neuroplasticity - the brain's capacity to change and alter its structure and function- is particularly relevant to rehabilitation and an understading of recovery processes

Segundo a abordagem sociocognitivista, é possível estudar contextos neurolinguísticos de acordo com uma visão que incorpore, além das pressuposições neurológicas, aspectos sociais, culturais e interacionais à compreensão do processamento cognitivo (KOCH, 2005), baseando-se no fato de que grande parte dos processos cognitivos acontece na sociedade, em situações de interação.

Todavia, podemos encontrar, no campo da pesquisa neurolinguística e neuropsicológica, uma tendência, já referida, de creditar às afasias um problema de ordem essencialmente linguística e, à Doença de Alzheimer (dentre outras síndromes demenciais), um problema essencialmente conceitual.

Nesta pesquisa, a hipótese sociocognitiva, no que diz respeito à linguagem nos quadros de afasia e de neurodegenerescência, é a de que as dificuldades ou particularidades linguísticas e cognitivas associadas aos dois quadros patológicos (afasia e Doença de Alzheimer), ainda que não impeçam a construção referencial envolvida na hiperonímia, podem fornecer elementos semântico-textuais que indiquem a natureza pragmática e sociocognitiva da atividade referencial. Acredita-se ainda que os indivíduos produzirão uma (re) organização dos co-hipônimos dentro das estruturas de base da linguagem e da interação social, evocando hiperônimos através de nominalizações, predicções, verbos de percepção/pensamento, sintagmas metafóricos, expressões referenciadoras típicas, paráfrases. Dessa maneira, a análise das estratégias empregadas pelos informantes na construção da hiperonímia, bem como a comparação entre elas e aquelas utilizadas pelo grupo de controle (indivíduos não afásicos e não Alzheimer), constitui a investigação científica pretendida propriamente dita.

Na mesma linha que conduz o conceito de referência como uma relação direta entre realidade e língua, já tratado na seção 2.1, no entanto, temos, como visão predominante nos modelos neuropsicológicos, a interpretação das atividades de linguagem dos sujeitos como marcadas pelas “negligências”, pelas “faltas de precisão”, pelas más realizações, pela incompletude, pelas “dificuldades em nomear” ou mesmo pelos “erros” e “insucessos”, inputáveis também às imperfeições das línguas “naturais” (em oposição às

línguas sagradas ou artificiais). Tal concepção pressupõe uma espécie de etiquetagem das palavras sobre os objetos do mundo e, fazendo uso de testes, a “palavra alvo é considerada a resposta correta, a etiqueta adequada.

Nesta pesquisa, por sua vez, a partir da análise de alguns dados empíricos é possível definir os processos subjacentes a tais “imperfeições”, reconsideradas, de modo diferente, em termos de recursos linguísticos, discursivos e cognitivos necessários para tratar eficazmente da referenciação. A atenção, portanto, é deslocada do problema das entidades da língua, do mundo ou da cognição para a análise dos processos que os constituem.

Ao selecionar contextos neurolinguísticos e analisá-los segundo a perspectiva sociocognitivista, é possível visualizar que o locutor não é, nas interações face a face, um interactante ideal que está simplesmente tentando buscar a palavra adequada dentro de um estoque lexical. O processo de categorização em tempo real ajusta constantemente as seleções lexicais, de maneira que os objetos de discurso emergem enquanto entidades ao longo do processo de construção da referenciação. O ato de enunciação representa o contexto e as versões intersubjetivas do mundo e das experiências dos falantes ativadas nesse contexto.

As seções 2.3.1 e 2.3.2 trazem considerações básicas acerca das afasias e da Doença de Alzheimer, que compõem, juntamente com os casos não patológicos, os contextos de estudo da presente pesquisa.

2.3.1 O contexto das Afasias

Estudadas por linguistas desde a primeira metade do século XX, as afasias foram inicialmente abordadas “pela fresta estreita de descrições gramaticais e modelos redutores”, como afirma Coudry (1988), sendo apenas recentemente investigadas de forma mais abrangente.

Ao longo do tempo, o estudo das afasias passa a ser considerado fundamental não apenas para o diagnóstico, mas para o conhecimento da estrutura do funcionamento da

linguagem, permitindo, a partir das dissociações e seletividades linguisticamente observadas, a elaboração de hipóteses que a investigação do processamento normal da linguagem apenas sugere (MORATO, 2010).

Englobando problemas de linguagem – oral e escrita – decorrentes de lesões cerebrais adquiridas, causadas especialmente por acidentes vasculares cerebrais (hemorrágicos ou isquêmicos), tumores e traumatismos cranioencefálicos, as afasias são, segundo Ahlsén (2006), o tópico mais relevante da agenda da Neurolinguística.

Sobre a abrangência das afasias, Luria (1976) ressalta que as elas afetam distintamente os aspectos motores e sensoriais expressivos e receptivos voltados para as tarefas de compreender e de articular a linguagem, a qual pode ser alterada em suas diferentes modalidades (fala, audição, leitura e escrita), ainda que de maneira seletiva.

Dentre os danos do ponto de vista estritamente linguístico, verifica-se que são de diversas naturezas (fonético-fonológicas, semânticas, morfológicas), e manifestam-se através de sentenças formuladas de maneiras inesperadas e, muitas vezes, ininteligíveis. Destacam-se as dificuldades de selecionar ou evocar itens lexicais, hesitações e longas pausas, abandonos do turno de fala ou do tópico discutido, falas muito laboriosas resultantes de alterações de ordem fono-articulatórias, construções “telegráficas”, devido ao impedimento de ordenação sintática, e produção de circunlóquios.

O estudo linguístico das afasias, afastando-se uma “fresta estreita”, tem segundo Morato (2010), viabilizado um melhor entendimento acerca das relações entre cérebro, linguagem e cognição, estimulando de maneira expressiva a presença da reflexão linguística no campo interdisciplinar dos estudos sobre as patologias linguístico-cognitivas, motivando e justificando a importância desta proposta de investigação.

De acordo com Morato (2012a), estudos sobre afasia têm tentado investigar a categorização por meio da análise da compreensão de processos lexicais e semânticos alterados nessa patologia (SERRANO, 2011; CARMAZZA; MAHON, 2003).

Em relação a alguns resultados desses estudos, desenvolvidos com testes de categorização não apenas de natureza taxonômica junto aos afásicos, pode-se afirmar que pessoas com afasia podem apresentar desempenho relativamente semelhante ao de indivíduos não afásicos, exceto pela dificuldade de encontrar palavras (conhecido por WFD ou *word finding difficulty*), sobretudo nos casos em que o distúrbio de evocação é predominante (DAVIDOFF & ROBERSON, 2004).

2.3.2 O contexto da Doença de Alzheimer

Caracterizada pelo neuropatologista alemão Alois Alzheimer em 1906, a Doença de Alzheimer trata-se do tipo mais comum entre as demências, atingindo dois terços das que são diagnosticadas (IZQUIERDO, 2002). Causada por fatores genéticos, por depressões tardias não tratadas e por fatores de risco, como traumatismos cranianos com perda de consciência, arteriosclerose e diabetes, a DA afeta processos cognitivos, mnêmicos, linguísticos, práticos (gestuais) e gnósicos (de reconhecimento e de percepção), acometendo por volta de mais de 1 milhão de pessoas idosas no Brasil FORLENZA & CARAMELLI (2000).

O sujeito com Alzheimer, no entanto, parece manter algumas habilidades comunicativas, que revelariam sua capacidade de readaptação funcional (MANSUR, 2005), apesar da redução da iniciativa, espontaneidade, limitação de vocabulário e dificuldade de encadear ideias e fornecer informações precisas. Dentre os conhecimentos linguísticos ou habilidades comunicativas preservados estariam as repetições, ao lado de habilidades sociais.

No campo dos estudos neurocognitivos, entende-se em linhas gerais que a Doença de Alzheimer evolui em três fases: a forma leve (ou inicial), em que os problemas mnêmicos são constantes, no qual o sujeito pode apresentar ansiedade ou depressão, e em que os informantes para a presente proposta de investigação deverão se enquadrar; a forma moderada (ou intermediária), na qual os problemas mnêmicos passam a ser incapacitantes, seguidos de desorientação temporal e linguística; e a fase severa (avançada ou final), em que a memória está bastante alterada, assim como a linguagem, havendo a dependência do

doente em relação a outros indivíduos em função da perda da capacidade de realizar atividades cotidianas.

Na primeira fase (2 a 10 anos após a incidência), estágio em que a DA dos informantes da pesquisa se inserem, são identificados, focando nos problemas de linguagem, déficits na atividade de nomeação, repetições, circunlóquios, uso expressivo de dêiticos e de estruturas sintáticas consideradas “simples”, mas sem déficits expressivos no processamento fonológico. A produção da linguagem é geralmente normal no nível da articulação, sem alterações de linguagem no nível articulatório - ainda que as pausas e as hesitações sejam consideradas recorrentes (MORATO, 2009)

Considerando que a chave para compreensão da DA não está (apenas) no cérebro ou nas estruturas neurológicas (LEIBING, 2006), e adotando uma perspectiva que tem, como conceitos base, a linguagem, a cognição e a interação, nesta pesquisa, as pessoas com DA são concebidas como atores sociais que convivem com os déficits criando estratégias - sendo as estratégias de caráter linguístico o foco da presente pesquisa- e interagem com outros atores sociais em uma imensa variedade de ambientes socialmente estruturados, conforme afirma Lyman (1989).

No campo da neuropsicologia, observa-se, com base em tarefas de compreensão de relações pragmáticas entre itens lexicais, a produção dos chamados “erros” semânticos e circunlóquios por pacientes com transtorno cognitivo leve ou demências como respostas a uma alteração de base conceitual. Estudos como Balthazar e al. (2008, 2010), desenvolvidos por meio de testes de categorização semântica, entre outros procedimentos, indicam que essa alteração se revelaria, por exemplo, no tipo de organização léxica de termos coordenados (hipônimos), bem como numa maior recorrência a termos superordenados (hiperônimos).

3) Metodologia

3.1. Aparato metodológico: o protocolo de pesquisa como input para a categorização

Como instrumento metodológico, adota-se um protocolo composto por dezoito conjuntos de três co-hipônimos cada. Tal escolha tem como intuito focalizar e delimitar o trabalho linguístico e sócio-cognitivo, bem como o percurso enunciativo realizado pelos sujeitos ao categorizar e enquadrar os co-hipônimos em um conjunto genérico, sendo possível, de modo bem delimitado, verificar, dessa maneira, o processo de referenciação em curso através dos percursos e estratégias linguísticos explicitados pelos próprios participantes.

O protocolo permite, também, que o participante explore as restrições e as potencialidades linguísticas para desenhar uma representação cognitiva socialmente compartilhada da realidade. Os locutores marcam, eles mesmos, os deslizamentos entre referencialidade e negociação intersubjetiva dos processos de referenciação, pelos comentários metalinguísticos que pontuam seu discurso.

O protocolo de pesquisa foi utilizado em conjunto com o comando “Como podemos colocar essas palavras em um conjunto?”, passível de ser parafraseado, por exemplo, “Como podemos colocar essas palavras em um grupo?”. Essa escolha metodológica pode ser justificada uma vez que partimos do princípio de que uma das maneiras de provocar a ativação de um conceito e sua representação sociocognitiva é por meio da ativação hiperonímica e, portanto, de um **conjunto** de formas lexicais - no caso, os co-hipônimos - submetida a um contexto de interação, isto é, em um contexto em que os sentidos emergem (MARCUSCHI, 2002).

Dessa maneira, com o comando utilizado, as formas lexicais co-hiponímicas foram utilizadas como input a fim de que, ao realizar a atividade de categorizar, fazer referência, relatar, descrever esse conjunto, o participante explicita a ativação de um

conceito, cuja natureza semântica, pragmática, textual será objeto de análise por evidenciar uma atividade discursiva em que os referentes, como objetos dinâmicos de discurso, são inseridos, mantidos, identificados, retomados, construindo ou reconstruindo, por esta via, os sentidos. (KOCH & MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2002).

Diferentemente de Monteiro (2000)²⁴, cujo objetivo, ao realizar uma atividade de categorização, era verificar o efeito da escolaridade e da continuidade do letramento sobre a capacidade de se depreender um superordenado, buscou-se, ao construir um protocolo análogo ao da pesquisadora²⁵, atentar para os tipos de conhecimentos ativados por cada conjunto de co-hipônimos a fim de que, contemplando conhecimentos diversos, o letramento e o grau de escolaridade não fossem uma variável a ser considerada dado o recorte teórico-metodológico e os objetivos da presente pesquisa.²⁶

A propósito, para ratificar a escolaridade como variável passível de não ser considerada na presente pesquisa, buscou-se utilizar dados em que, em um mesmo contexto, seja ele de afasia, de Doença de Alzheimer ou não patológico, constasse um participante com graus de escolaridade menor (até segundo grau completo) e outro sujeito com grau de escolaridade maior (ensino superior completo).

Partimos, então, conforme afirma Tomasello (2003, p. 209), da ideia de que a linguagem é uma forma de cognição, é cognição condicionada para fins de comunicação social (LANGACKER, 1987), assim, o falante tem que escolher meios simbólicos de expressão adaptados ao contexto comunicativo específico incluindo os conhecimentos, as

²⁴ Veja a relação entre a tese de Monteiro e este trabalho na seção 1. Introdução.

²⁵ Na tese de Monteiro, o protocolo contém 40 conjuntos de três co-hipônimos cada. No protocolo utilizado na presente pesquisa, utilizamos 18 conjunto de três co-hipônimos cada sendo que, após os ajustes do protocolo realizados a partir do estudo piloto, apenas quatro são os mesmos que a pesquisadora utilizou, nomeadamente “sofá, mesa, estante”, “cerveja, vinho e licor”, “cascavel, coral, jiboia” e “

²⁶ Vide seção 1. Introdução.

expectativas e as perspectivas suas e de seu interlocutor em uma situação particular (TOMASELLO, 2003,p. 214).

Atentando, então, para heterogeneidade desses conhecimentos ativados, buscou-se perscrutar, em campos irmanados, mais especificamente na Filosofia, na Psicologia Cognitiva e a Linguística Textual /Pragmática, os variados tipos e formas de conhecimento, bem como os diferentes critérios para a classificação a fim de não só alegar tal heterogeneidade, mas efetivamente mostrá-la, e tornar possível vê-la retratada no recurso metodológico deste trabalho, isto é, no protocolo de pesquisa, que certamente a contempla.

No campo dos estudos filosóficos, de acordo com as abordagens aristotélica e platônica acerca de conhecimento, verifica-se a classificação que tradicionalmente se instaurou nos estudos atuais quando a temática é tratada: a dicotomia entre conhecimento popular e conhecimento canônico e científico. A principal diferença entre tais abordagens baseia-se na ideia de separação completa entre esses dois tipos de conhecimento ou um contínuo entre eles. Em linhas gerais, as duas formas de conhecimento podem ser descritas da seguinte maneira:

- **Conhecimento sensível:** Aristóteles associa a esse tipo de conhecimento a sensação, a percepção, a imaginação, a memória e o raciocínio e Platão alega que a crença e a opinião o constituem. O conhecimento sensível consagrou-se como o conhecimento popular, o senso comum, corrente e espontâneo, que se adquire no trato direto com as coisas e os seres humanos. Os hipônimos que envolvem esse tipo de conhecimento tratam de temáticas cotidianas, rotineiras, que são experienciadas, portanto, conhecidas.

- **Conhecimento intelectual:** Segundo o pensamento aristotélico, é pertencente a esse tipo de conhecimento a intuição intelectual, que é “um ato do pensamento puro”. Na perspectiva platônica, o raciocínio e a intuição são classificados como constituintes do conhecimento intelectual. Tal tipo de conhecimento é denominado também como canônico ou científico, sendo aquele

que se encontra em uma dada literatura, envolvendo saberes e classificações escolares ou acadêmicos.

Enquanto Platão defende uma marcante cisão entre o conhecimento sensível e o intelectual, Aristóteles estabelece uma continuidade e uma gradação entre eles, acreditando que o nosso conhecimento vai sendo formado e enriquecido por acumulação (CHAUI, 2000).

No âmbito da Linguística Textual, Heinemann & Viehweger (1991) apud Koch & Elias (2008) elencam sete grandes sistemas de conhecimento inter-relacionados responsáveis pelo processamento pragmático-textual, nomeadamente:

- **Conhecimento linguístico** aborda os conhecimentos gramatical e lexical.
- **Conhecimento enciclopédico**, semântico ou conhecimento de mundo é aquele que se constitui pelas experiências pessoais e sociais do indivíduo, armazenados nas memórias episódica e semântica.
- **Conhecimento interacional** construído nas relações sociais. Relaciona-se com a dimensão interpessoal da linguagem, ou seja, com a realização de certas ações por meio da linguagem.
- **Conhecimento ilocucional** respeita aos atos de fala, que condicionam os objetivos da comunicação concretizados pelas enunciações.
- **Conhecimento comunicacional** responde pela aplicação das regras comunicativas que permitem ao leitor, numa situação concreta de comunicação perceber quais os objetivos do autor ao construir o texto. Refere-se aos meios empregados para prevenir e evitar distúrbios na comunicação (procedimentos de atenuação, paráfrases, parênteses de esclarecimento, entre outros).

- **Conhecimento metaenunciativo** refere-se às ações lingüísticas que visam à aceitação do texto pelo leitor e as possíveis dificuldades de compreensão do texto.
- **Conhecimentos sobre estruturas e modelos textuais globais** permite aos usuários reconhecer um texto como pertencente a determinado gênero ou tipo.

Os dois primeiros tipos de conhecimentos elencados pelas autoras, denominados lingüísticos e enciclopédicos, parecem convergir, de algum modo, com dicotomia filosófica instaurada por Aristóteles e Platão, correspondendo, em certa medida, aos conhecimentos intelectuais e sensíveis respectivamente. O quarto e o sétimo tipos de conhecimento dizem mais respeito ao texto escrito, não sendo possível aplicá-los, por exemplo, aos tipos de conhecimentos requeridos pelos itens lexicais co-hipônimos contidos no protocolo de pesquisa. Quanto às demais formas de conhecimentos mobilizadas (interacional, comunicacional e metaenunciativa), trata-se de conhecimentos intrínsecos à interação, independente do tópico discursivo ou da atividade estabelecidos, de forma que se julga adequado tomá-los como intrínsecos à interação.

Na visão clássica da Psicologia Cognitiva (ANDERSON, 2005; HABERLAND, 1994), uma terceira perspectiva a ser considerada na presente pesquisa, a dicotomia filosófica também está em vigor. Nessa abordagem, é feita a diferença entre conhecimento explícito e implícito, sendo essa distinção intimamente relacionada à ausência ou presença de consciência a respeito das regularidades presentes na informação processada, seja ela lingüística ou extralingüística. Tal grau de consciência estaria ligado ao quanto uma pessoa seria capaz de explicitar as regularidades observadas (ANDERSON & LEBIERE, 2003; BIALYSTOK, 1982; R. ELLIS, 2004).

A distinção entre conhecimento explícito e implícito deriva também de algumas abordagens neurocognitivas da memória de longo prazo, em que vigora a dicotomia conhecimento procedural ou explícito X conhecimento declarativo ou implícito.

- **Conhecimento explícito:** Esse tipo de conhecimento ativa a memória declarativa é factual e caracteriza-se como um sistema que retém conhecimento explícito, acessível à consciência e verbalizável (HABERLANDT, 1994). Observa-se também, nessa forma de conhecimento, a presença de consciência a respeito das regularidades presentes na informação processada, seja ela linguística ou extralinguística. Associa-se o conhecimento explícito com um processamento mais lento, que requer mais esforço por parte do sujeito cognoscente, sendo subdividido em semântico e episódico (TULVING, 1983).

- **Conhecimento implícito:** o conhecimento implícito é considerado automático e veloz (HULSTIJN, 2005; SEGALOWITZ, 2003), podendo ser ativado e processado muito mais rapidamente do que o conhecimento declarativo. A memória procedural armazena conhecimento implícito, que não pode ser acessado conscientemente e, portanto, não pode ser verbalizado, uma vez que são, em geral, adquiridos de maneira implícita, mais ou menos automática e sem que o sujeito perceba de forma clara que está aprendendo.

Como verificado a partir da apresentação das abordagens, as dicotomias são recorrentes, podendo ainda ser rotuladas, em outras visões, como: individual x coletivo, linguístico x pragmático, laico x religioso, teórico x empírico, inato x adquirido, geral x particular, global x local, popular x não popular, imediato x mediato, disciplinar x inter ou transdisciplinar, lingüístico x metalingüístico, *etc.*).

Assim, levando em conta os conhecimentos elencados, vislumbramos, conforme Koch (2008), a produção de linguagem como uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza com base nos recursos que a língua disponibiliza e na sua forma de organização, mas que requer a mobilização de um vasto conjunto de saberes, bem como, a sua reconstrução no momento da interação verbal, em conformidade com as circunstâncias da enunciação. Estas envolvem, por sua vez, os “projetos de dizer” dos interlocutores, que vão determinar escolhas significativas dentro do amplo feixe de opções possíveis em cada situação de interação pela linguagem.

Assim, um procedimento metodológico que antecedeu a aplicação de protocolo e também merece ser citado é o fato de ter ocorrido, em quase todos os casos, uma interação não monitorada entre a pesquisadora e o participante. Essa interação espontânea que, muitas vezes, começava por iniciativa do próprio sujeito era incentivada pela pesquisadora, configurando-se um procedimento metodológico já que, ao ser uma forma de aproximação e descontração, facilitava a interação entre pesquisadora e sujeito no momento da aplicação do protocolo justamente pelo fato de o sujeito sentir-se mais à vontade.

No Quadro 3, encontra-se o protocolo de pesquisa em sua versão final. Nele, são mobilizados, através dos co-hipônimos e da atividade proposta pelo comando, os vários tipos de conhecimento aventados. Os conjuntos de co-hipônimos, dessa forma, possuem naturezas divergentes (há, inclusive, nomes próprios²⁷), ativam diferentes conhecimentos, pertencem a diversos campos semânticos, estando em consonância com a heterogeneidade intrínseca à própria atividade de categorização, que extrapola letramentos ao lidar, não com objetos mundanos, mas com objetos de discurso recategorizáveis de acordo com experiências, com estereótipos e com a própria situação comunicativa em questão.

Nº	HIPÔNIMOS		NÃO AFÁSICO E NÃO ALZHEIMER	AFÁSICOS	ALZHEIMER	
1	sofá, mesa, estante	C				
2	alface, rúcula, agrião					
3	cerveja, vinho, licor					
4	quindim, goiabada, brigadeiro					
5	Lula, FHC, Sarney		O			
6	vermelho, rosa e verde					

²⁷ Devido ao escopo do trabalho (referenciação, hiperonímia) e ao próprio comando associado ao protocolo (“como colocar em um conjunto, em um grupo”), ambos, nomes próprios e nomes simples, são entendidos como conjuntos de co-hipônimos visto que, nesta pesquisa, eles agrupam, afinal, o que é possível que agrupem; reúnem o que é possível reunir.

7	Mercúrio, Marte, Vênus	M			
8	sogra, cunhado, genro	A			
9	Brasil, México e Paquistão	N			
10	cachorro, gato, papagaio	D			
11	Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira	O			
12	Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado				
13	avião, ônibus, navio				
14	valsa, forró, samba				
15	redondo, quadrado, oval				
16	bingo, xadrez, dominó				
17	Roberto Carlos, Jair Rodrigues e Carmen Miranda				
18	Jibóia, coral e cascavel.				

Quadro 3. Protocolo de pesquisa e classificação dos conhecimentos ativados pelos co-hipônimos.

Assim, acredita-se que as instabilidades do processo de categorização não são simplesmente um caso de variações individuais que poderiam ser remediadas e estabilizadas por uma aprendizagem convencional de “valores de verdade” ou de cunho escolar; elas são ligadas à dimensão constitutivamente intersubjetiva das atividades cognitivas. É com relação a isto que insistiremos, nesta parte, na referenciação concebida como uma construção colaborativa de objetos de discurso – quer dizer, objetos cuja existência é estabelecida discursivamente, emergindo de práticas simbólicas e intersubjetivas (MONDADA, 1994, 1995).

3.2. Coleta de dados I: do estudo piloto.

Na primeira fase da pesquisa, que compreende o ano de 2011, foi realizado, em termos de coleta de dados, um estudo piloto com cinco participantes de faixa etária semelhante (entre 60 e 80 anos), graus de escolaridade distintos, não Alzheimer e não afásicos, sendo as entrevistas feitas individualmente, geralmente em uma instituição que o participante frequenta, na sua própria residência ou no local de trabalho de cada um dos participantes que, nesse estudo piloto, se inserem apenas em contextos não patológicos, isto é, não Alzheimer e não afásicos.

As interações, no total cinco, foram gravadas em material audiovisual, com o equipamento Sony Handycam DCR-TRV 22 e transcritas sem um comprometimento, nesse primeiro momento, com sistemas de notação, visto que um dos interesses foi justamente verificar quais os recursos linguísticos e extra linguísticos (gestos, expressões faciais, etc.) realizados pelos interactantes a fim de que, após essa observação, fosse possível ajustar uma notação que contemplasse, na coleta de dados final, todos os movimentos interacionais necessários.

Nesse estudo piloto foi elaborado e aplicado, como ponto de partida para a coleta de dados da pesquisa, um protocolo semelhante àquele apresentado na seção 2.1, já que objetivou-se, além da adequação do sistema de notação, a seleção dos conjuntos de co-hipônimos mais semanticamente inteligíveis dentre aqueles previamente selecionados e modificados a partir do trabalho de Monteiro (2010). O Quadro 4 apresenta o protocolo na versão experimental que foi utilizada no estudo piloto.

Nº	HIPÔNIMOS		RESPOSTA RECEBIDA	HIPERÔNIMO ESPERADO	AFÁSICO	ALZHEIMER
1	sofá, mesa, estante	C		Móveis		
2	alface, rúcula, agrião			Hortaliças		
3	cerveja, vinho, licor			Bebidas alcoólicas		

4	avião, ônibus, trem	O		Meios de transporte		
5	quindim, goiabada, brigadeiro		M		Doces	
6	Lula, Bush, Sarney	A			Políticos	
7	feijão, arroz, soja		N		Grãos	
8	Mercúrio, Marte, Vênus	D			Planetas	
9	sogra, cunhado, genro		O		Familiares	
10	Holanda, Brasil, Espanha	O			Países	
11	cão, baleia, morcego cachorro, gato papagaio		O		Mamíferos	
12	Fernanda Montenegro, Suzana Viera, Tarcísio Meira	O			Atores	
13	Monteiro Lobato, Machado de Assis, Cecília Meireles		O		Escritores	
14	Bingo, xadrez, dominó	O			Jogos	
15	valsa, forró, samba		O		Danças	

Quadro 4. Protocolo em fase experimental utilizado no estudo piloto.

A partir da aplicação do Quadro 4, foram detectados, no estudo piloto, os possíveis conjuntos de co-hipônimos que davam vazão a algum tipo de incompreensão ou mal-entendido - como, por exemplo, “raquete, taco de baseball e rolo de macarrão”- o

protocolo foi, dessa maneira, reformulado, sendo a versão contida no Quadro 1 apresentada aos participantes na coleta de dados final.

Dentre outras mudanças proporcionadas pelo Quadro 4 e visíveis no Quadro 3, estão: o acréscimo de mais 3 conjuntos de co-hipônimos, que possuem os hiperônimos prototípicos “cobras”, “cantores” e “formas”; a troca do conjunto “Brasil, Holanda e Espanha” por “Brasil, México e Paquistão”, considerando a inclusão de um país asiático relevante para a categorização; a unificação em termos de gênero (masculino/feminino) dos representantes cujos hiperônimos prototípicos são “atores” e “escritores”; exclusão do conjunto “feijão, soja e arroz”.

Quanto ao comando verbal dado aos sujeitos da pesquisa, também ocorre um processo de reformulação ao longo do desenvolvimento dessa coleta prévia. No estudo piloto, utilizou-se o comando: “O que, no geral, essas palavras são?”. Tal pergunta está de acordo com o fundamento teórico de que em uma língua natural, a hiponímia é definida como a relação em que “X é um tipo de Y”, adotando X como hipônimo e Y como hiperônimo. Por exemplo: “Cerveja, vinho e licor são tipos de bebidas”, sendo também representada, em modelos computacionais, por “X é um Y” (RUMELHART et al., 1972) ou pela expressão “X é um membro de Y” (KINTSCH, 1974). No entanto, na aplicação final do protocolo, considerou-se mais conveniente a adoção da noção de conjunto, conforme explicitado na seção 2.1.

Ainda sobre o protocolo, admitimos que, ao apresentar conjuntos de co-hipônimos e escolher três co-hipônimos para constitui-los, já existe, nessa escolha, uma atividade de categorização que precede aquela construída pelos participantes. Reconhecemos, ainda, que essa primeira categorização, embora tenha uma contingência enunciativa, pragmática e sociocognitiva, é instável já que a instabilidade é intrínseca às categorias.

Assumimos, também, em relação às limitações que o recurso metodológico de protocolo nos impõe, que a ordenação dos conjuntos, isto é, a sequência em que eles são apresentados, poderia ter alguma influência no processo de categorização realizado pelos participantes. No entanto, adiantamos que, na análise, não houve uma motivação

semântico-pragmática de ordem paradigmática que determinasse as respostas dos falantes já que o comando, pautado na ideia de conjunto, assegurou o escopo do trabalho.

3.3 Coleta de dados II: da composição do corpus efetivo de pesquisa.

Quanto à coleta final de dados, tanto com os participantes enquadrados nos casos patológicos quanto nos não patológicos, ela foi feita de modo individual, isto é, com a presença apenas do participante e da pesquisadora, tal como no estudo piloto. A gravação do material em formato audiovisual é mantida, sendo utilizados dois equipamentos, a câmera Sony Handycam DCR-TRV 22 e a câmera Sony Cybershot 10.1

Nessa segunda fase da pesquisa, a coleta de dados foi realizada com dois representantes de cada grupo, totalizando seis participantes (dois com Alzheimer, dois afásicos e dois casos não patológicos).

Os dados do grupo de controle foram coletados na residência ou no local de trabalho dos participantes.

Em relação aos afásicos, a coleta foi feita no Centro de Convivência de Afásicos – CCA da Unicamp, localizado no Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp.

O CCA pode ser definido como um local de interação entre pessoas afásicas e não afásicas cujo objetivo é garantir às pessoas afásicas efeitos terapêuticos e sociais possibilitados por um conjunto variado de experiências interacionais cotidianas, bem como possibilitar, através de atividades com finalidade semelhante, o desenvolvimento de estudos linguísticos e neurolinguísticos. (MORATO, 2002).

Quanto aos participantes com Doença de Alzheimer, a aplicação do protocolo foi efetuada na Faculdade da Terceira Idade, uma iniciativa da Faculdade Politécnica de Campinas, Policamp, que tem como intuito oferecer, aos idosos, palestras e oficinas para estimular a reflexão sobre o processo de envelhecimento.

Os participantes da pesquisa, nesse contexto da DA, foram dois alunos da oficina “Mente Ativa”, cuja finalidade é proporcionar práticas interativas e sociocognitivas para um grupo pequeno de pessoas idosas com diagnóstico de provável transtorno cognitivo e demência de grau leve em fase inicial do tipo Alzheimer comprovada por avaliação neuropsicológica.

A fim de identificar os participantes, a ficha de identificação representada no Quadro 5 foi criada e preenchida em momento posterior àquele da coleta de dados.

Iniciais:
Data de nascimento:
Escolaridade:
Quadro neurolinguístico/diagnóstico:
Data do registro:
Tempo de gravação:
Local da gravação:
Observações:
Iniciais da pesquisadora: JO
Transcrição da situação interacional decorrente da aplicação do protocolo:

Quadro 5. Modelo para identificação dos participantes da pesquisa e transcrição dos dados.

Segundo o Conselho Nacional de Saúde, pela resolução nº 196 de 10 de outubro de 1996, as pesquisas que, individual ou coletivamente, envolvam o ser humano, de forma direta ou indireta, em sua totalidade ou partes dele, incluindo o manejo de informações ou materiais devem ser autorizadas por um Comitê de Ética.

Nesta pesquisa, portanto, houve a elaboração e a submissão, após a coleta de dados, de um Termo de Consentimento ao Comitê de Ética, localizado na Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp. Além do termo, a aplicação do protocolo, nos casos

patológicos, contou com a autorização expressa da coordenadora da Faculdade da Terceira Idade, a Prof^ª Dr^ª Elisandra Villela Gasparetto Sé e da Prof^ª Dr^ª Edwiges M. Morato, uma das docentes responsáveis pelo Centro de Convivência de Afásicos (CCA).

Cabe destacar que, tanto no estudo piloto quanto na aplicação do protocolo visando à composição do corpus efetivo da pesquisa, antes de iniciar e após finalizar a interação, a pesquisadora perguntou ao sujeito se a gravação poderia ser utilizada para fins acadêmicos. A resposta foi positiva em todos os casos.

3.4 Descrição do corpus: transcrição e sistema de notação

O protocolo foi apresentado oralmente e a interação, depois de gravada em áudio e em vídeo, foi transcrita. A gravação das situações interativas em vídeo permitiu uma descrição dos recursos utilizados pelos interlocutores na prática interacional e discursiva ocorrida, bem como deu visibilidade à variedade de processos de significação verbais e não-verbais em curso. Dentre os não verbais, restringimo-nos, sobretudo, à descrição de gestos em contexto de afasia, que contribuíam para a construção de sentidos dado o escopo do trabalho.

Quanto ao sistema notação adotado, o mesmo foi composto por alguns critérios de transcrição utilizados no *AphasiAcervus*²⁸ nos anos de 2006 e 2007 e por critérios modificados desses sistemas de notação, ilustrados no Quadro 4. Ao compor tal sistema, levou-se em consideração que a análise de recursos expressivos de indivíduos afásicos, bem

²⁸ O *AphasiAcervus* reúne dados linguístico-interacionais emergentes das atividades realizadas no Centro de Convivência de Afásicos do IEL/Unicamp, coletados de 2003 a 2012, quase inteiramente digitalizados e parcialmente transcritos. Esse acervo possui sistemas heterogêneos de transcrição do material registrado em vídeo, voltados para diversos fenômenos envolvidos nas interações entre afásicos e não-afásicos. Vide mais informações no site do grupo de pesquisa COGITES: <http://cogites.iel.unicamp.br/p/aphasiacervus.html>

como de pessoas com Doença de Alzheimer, torna-se mais consistente a partir de um sistema de transcrição minimamente multimodal, capaz de caracterizar as gesticulações, por exemplo, presentes nas práticas discursivas.

<u>Fonte</u>	<u>Ocorrências</u>	<u>Notação</u>
2007	Superposição de turnos	[Início Fim]
2006	Micro pausa, inferiores a 3 segundos	...
2007 Modificado	Pausas superiores a 3 segundos	(PAUSA)
2006	Alongamento de vogal	:
2007	Truncamento de palavra	-
2007	Entoação crescente	/
2007	Entoação decrescente	\
2007	Ênfase	Sublinhado
2007	Volume de voz alto	Maiúscula
2007	Volume de voz baixo	° início fim °
2007 Modificado	Comentários do pesquisador, expressões faciais dos interlocutores, movimentações e ruídos no local de gravação.	((Início Fim))
2007	Hipótese do que se ouviu	(Início Fim)
2006	Segmentos Incompreensivos	*SI*

Modificado		
2007 Modificado	Delimitação da ação e/ou do movimento dos interlocutores enquanto falam. Essa ação é descrita na linha seguinte à fala, caso haja a concomitância gesto-fala. Caso contrário apenas a ação é descrita seguindo essa notação.	+ início Fim+ + descrição da ação+
2007	Continuação do turno de fala de um interlocutor 1 após a quebra do seu turno pela sobreposição ou por gestos de um interlocutor 2.	
2006	Silabação	Sílaba - silaba – silaba

Quadro 6. Sistema de notação para transcrição dos dados coletados.

4) Dos processos semântico-textuais emergentes: os percursos linguísticos diante de co-hipônimos

4.1 Hiperonímia: os graus, as classificações e uma proposta de expansão da noção

Dentre as relações estabelecidas entre itens e expressões lexicais, podem-se destacar aquelas de natureza léxico-semântica, como as relações de sinonímia e antonímia, e as relações de natureza lógico-conceitual, como de hiponímia/hiperonímia (relações de sub- / sobreordenação) (MARRAFA; RIBEIRO; SANTOS, 2005), meronímia/holonímia (relações entre a parte e o todo), troponímia (isto é, a hiponímia verbal), acarretamento e causa (CRUSE, 1986; FELLBAUM, 1998; LYONS, 1977). Para justificar parcialmente essa classificação, Murphy (2003) afirma que sinonímia e antonímia são relações intralexicais, enquanto hiperonímia e meronímia são relações entre os conceitos que os itens lexicais denotam.

Sendo a relação mais estudada na comunidade computacional (PUTEJOVSKY, 1995) devido à sua importância na definição de um item lexical, à sua relevância para restrições na gramática de uma língua e à sua natureza inferencial, a relação de hiponímia/hiperonímia tornou-se uma noção central em muitos modelos de léxico como, por exemplo, as wordnets.

Em língua natural, a hiponímia é definida como a relação em que “X é um tipo de Y”, adotando X como hipônimo e Y como hiperônimo. Por exemplo: “Água, cerveja e suco são tipos de bebidas”. Em modelos computacionais, ela é representada por “X é um Y” (RUMELHART et al., 1972) ou pela expressão “X é um membro de Y” (KINTSCH, 1974). Definições clássicas (aristotélicas) também recaem sobre a hiponímia, como a de *genus* e *differentiae*, isto é, o hiperônimo e as qualidades que o distinguem de seus hipônimos. Como exemplo, a Figura 1 apresenta a definição de um item lexical em que

estão sinalizados, em caixa alta, o hiperônimo, ou o genus; em itálico, o differentiae e; em negrito, o hipônimo.

Martagão – um **LÍRIO** *eurasiano... geralmente tem flores roxas rosadas e manchadas.*

Figura 1. O hiperônimo (ou genus), o differentiae e o hipônimo representados na definição de um item lexical.

Gramaticalmente, restrições do objeto de um verbo, por exemplo, podem ser verbalizadas em termos de um hiperônimo, e todos os hipônimos dessa palavra são também selecionados como potenciais objetos (RESNIK, 1993). Por exemplo, o verbo “beber”, tendo como complemento o item lexical “bebida”, aciona também todos os hipônimos (“água”, “cerveja”, “suco”, etc.) desse item lexical. Lyons (1977) e Cruse (2000) notam que apenas os hipônimos e seus hiperônimos correspondentes podem ocorrer em uma frase como “X e outros (as) Y”, nesse caso, “água, cerveja, suco e outras bebidas”.

Cruse (1986, 2000, 2002) propõe que as relações de hiponímia/hiperonímia sejam tratadas como categorias prototípicas, e incorpora o conceito de taxonomia, instaurando essa noção como um subconjunto que ocupa, nesse contexto, um papel central. A fim de sistematizar as características prototípicas da relação de hiponímia/hiperonímia, Cruse, considerando que X é hipônimo de Y, afirma que:

- Não há incongruências categoriais entre X e Y, em consonância com o caráter paradigmático da relação de hiponímia/hiperonímia.
- A relação de hiponímia é antissimétrica, já que “X ser hipônimo de Y” implica em “Y não ser hipônimo de X”.
- A hiperonímia é geralmente entendida como uma relação transitiva, isto é, se A é hiperônimo de B, B é um hiperônimo de C, então A é um hiperônimo de

C. Seguindo essa lógica, A é chamado de hiperônimo direto de B, enquanto B é um hiperônimo indireto de C, sendo essa mesma transitividade verificada na relação inversa, de hiponímia (STEDE, 2000). Nenhum item lexical Z, porém, é hipônimo de Y e hiperônimo de X.

- A extraespecificidade que distingue X de Y é central para o significado de Y.
- Expressões como X é um(a) tipo/variedade/ espécie de Y são normais.
- X e Y relacionam-se em suas características não proposicionais (registro, expressividade, etc.).

Dentro dessa perspectiva, a classificação mais comum de hiponímia é a que divide essa noção em funcional e em taxonômica (MILLER, 1998). Relações taxonômicas são as baseadas na fórmula “X é um tipo de Y” enquanto as relações funcionais são as que se enquadram na expressão “X é usado (a) como um tipo de Y”. Estas são mais tênues que aquelas por não serem uma relação necessária, mas que explora uma potencialidade semântica de um item lexical. Por exemplo, uma relação taxonômica de hiponímia é estabelecida entre artigo esportivo > bastão de beisebol, já que “todo bastão de beisebol é um tipo de artigo esportivo”, sendo a relação arma > bastão de beisebol uma relação funcional de hiponímia visto que nem todo o bastão de beisebol é uma arma, mas todos são potencialmente, de forma que é perfeitamente possível afirmar que um “bastão de beisebol pode ser usado como um tipo de arma”.

Seguindo a proposta de classificação segundo Cruse (1986), destacam-se também as “para-relações”, que consistem em relações lexicais definidas mais em termos de uma expectativa sustentada acerca dos itens lexicais envolvidos que de uma necessidade semântica. Um exemplo de para-hiperonímia é a relação existente entre cachorro e animal de estimação, sendo necessário, para que seja visualizada a relação “esperada” entre eles, o “teste do embora”. Nesse teste, são utilizadas duas sentenças: (a) “Isso é um cachorro (X), embora seja um animal de estimação (Y)” e (b) “Isso é um cachorro (X), embora não seja um animal de estimação (Y)”, de modo que, por existir uma relação esperada entre

cachorro e animal de estimação, parece haver um paradoxo em (a) enquanto a aceitação predomina em relação à (b). A fim de distinguir a para-hiponímia e ratificar o teste apresentado, verifica-se a possibilidade de ocorrência dos mesmos itens lexicais na construção “X e outros Y”, essa verificação resulta na aceitação de (c) “cachorros e outros animais de estimação”, mas não de (d) “animais de estimação e outros cachorros”, ratificando que se trata de uma para-hiponímia.

Nos casos em que itens lexicais de diferentes categorias morfológicas estabelecem entre si uma relação de hiperonímia, esta também passa a ser classificada de modo distinto, sendo denominada, segundo Lyons (1977), relação de “quase-hiperonímia”. Os adjetivos, por exemplo, frequentemente tem hiperônimos nominais, tais como os hipônimos “arredondado, oval, triangular” que tem como “forma” como hiperônimo. Para “vermelho, rosa e verde”, por exemplo, também não há um Y que preencha a construção “O fato de isso ser vermelho, rosa e verde, acarreta que isso é Y”. Não há possibilidade de Y ser “colorido” porque, em muitos contextos, como em “uma foto colorida”, uma ou mais cores são excluídas, de modo que essa foto não pode, por exemplo, ser simplesmente branca, preta ou cinza. Nessa situação, “cor”, assim como “forma”, exerce a função de “quase-hiperônimo”.

Para a investigação apresentada neste projeto, estão incluídos, no protocolo da pesquisa a ser apresentado aos sujeitos, exemplos de hiperonímia que atendem à classificação de hiperonímia como categoria prototípica (6, 8, 10, 12, 13)²⁹, de quase-hiperonímia(7, 16), de para-hiperonímia(11), de hiperonímia funcional (4) e de hiperonímia taxonômica (1-3, 5, 7, 9, 14, 15, 17).

Cabe destacar que, como foi necessário considerar uma escala semântica hierárquica bem definida para determinar a prototipia do hiperônimo, utilizou-se a hierarquia da rede semântica WordNet (FELLBAUM, 1998), uma ferramenta linguístico-

²⁹ No protocolo de pesquisa (cf. Quadro 3), os conjuntos de co-hipônimos estão numerados, de modo que cada número apresentado corresponde a uma linha do protocolo.

computacional que permite a visualização hierárquica das relações semântico-lexicais que diversos itens lexicais estabelecem uns com os outros.

Nota-se que, ao exportar da WordNet de Princeton os hiperônimos prototípicos, não houve a intenção de considerá-los como a versão “correta” ou “almejada” diante dos hipônimos apresentados, mas permitir uma comparação entre o que é efetivamente produzido pelos falantes e o que é adotado como standard ou prototípico.

4.2 Holonímia/Meronímia: a construção de uma relação semântica de mesmo nível hierárquico

Ao categorizar, é possível notar que, muitas vezes, recorre-se a itens ou expressões pertencentes a diferentes níveis semânticos hierárquicos, estabelecendo uma relação taxonômica em que as entidades linguísticas evocadas mantêm relações de esquema-instância entre si (McCleary & Viotti, 2007). Categorizando de tal modo, temos a instauração de relações semânticas como a hiperonímia/hiponímia.

No entanto, nos casos em que, ao categorizar, buscamos uma relação não-hierárquica, mas entre entidades irmãs, temos, por exemplo, relações de sinonímia e holonímia/ meronímia, de caráter não taxonômico, portanto. Nessa última, uma condição de existência pode ser verificada e formulada, com base em Cruse (2006) da seguinte forma:

$Y \text{ tem um } X \rightarrow \text{meronímia e } X \text{ é parte de } Y \rightarrow \text{holonímia}$
--

Figura 2. Condição de existência da relação de holonímia/meronímia

Algumas características da(s) “parte(s)” que compõem o holônimo e da própria relação semântica que permitem identificar a relação de holonímia/meronímia são:

- **Autonomia** - a parte, em relação a um todo, é autônoma, e tal autonomia é justificada por uma estabilidade topográfica e por fronteiras bem definidas dessa parte em relação ao todo. Por exemplo, não há uma relação de meronímia que possa ser estabelecida a partir do item lexical “fluxo”, justamente pela instabilidade topográfica do mesmo, mas há a possibilidade de citarmos os merônimos de corpo, cujas partes são bem delimitadas (braços, pernas, cabeça, etc.). (CRUSE, 1986, p.158)
- **Função determinada** - a parte deve ter uma função bem delimitada em relação ao todo. Continuando com o exemplo das partes do corpo, a função dos olhos é olhar, do nariz é cheirar, etc.) (CRUSE, 1986, p.159)
- **Transitividade** – enquanto a relação de hiperonímia/hiponímia configura-se como uma relação transitiva, em se um poodle é um cachorro, um cachorro é necessariamente um animal e um poodle é necessariamente um animal; os merônimos e seus holônimos não estabelecem obrigatoriamente uma relação transitiva, mas relações de funcionalidade e agregação³⁰. Um exemplo de funcionalidade já foi dado anteriormente. Um exemplo de agregação seria, a relação do merônimo “maçaneta” em relação à “porta” ou de “olho mágico” em relação a esse mesmo holônimo.³¹

³⁰ “Agregação”, do inglês “attachment”. Esse termo também é teorizado em Cruse (1979, p.33-35).

³¹ Cruse (1986) ressalta ainda a existência de merônimos facultativos, que parece ser uma característica da agregação. Por agregação, entende-se que os merônimos encontram-se incrustados no todo. A agregação e a funcionalidade muitas vezes se sobrepõem.

Apesar das diferenças entre holonímia/meronímia e as relações taxonômicas, como a hiperonímia/hiponímia, há, em ambas, uma tendência de estabelecer uma coerência interna e uma distinção externa dos itens lexicais envolvidos. Essa é uma das razões pelas quais, nos dados da presente pesquisa, ao solicitar, através do comando, o hiperônimo de “quindim, brigadeiro e goiabada”, é ativado, por exemplo, o holônimo “festa de criança”. Sobre esse ponto de encontro entre holonímia/meronímia e relações taxonômicas, Cruse (1986, p.179) esclarece:

Em ambos os casos, a subdivisão é conduzida de modo a criar elementos em que dois parâmetros são maximizados, nomeadamente, coesão interna e diferenciação externa. No caso das classes, essa coesão consiste em um grau de semelhança entre membros; nas partes, a coesão pode ser interpretada como integridade física. Diferenciação, nas classes, significa atributos não compartilhados; nas partes, isso significa incompatibilidade. Esse princípio dual funciona bem tanto para a meronímia quanto para a taxonomia, e expressa, de modo satisfatório, uma ligação próxima entre as duas.³²

Dessa maneira, é possível verificar a plasticidade semântica de itens lexicais co-hiponímicos como passíveis de estabelecer relações que extrapolam a relação de hiperonímia justamente pelas características que as relações semânticas compartilham entre si.

³² Tradução minha do original em inglês: In both cases, sub-division is carried out in such a way as to create elements in which two parameters are maximised, namely, internal cohesiveness and external distinctiveness. In the case of classes, cohesiveness consists in degree of resemblance between members; in parts, cohesiveness is to be interpreted as physical integrity. Distinctness in classes means unshared attributes; in parts it means unconnectedness. This dual principle works quite well for both meronymy and taxonomy, and expresses in a satisfying way the close connection between the two.

4.3 Enquadre cognitivo: a ativação de frames semântico-pragmáticos

Se os hiperônimos baseiam-se em uma hierarquização de elementos semânticos, é possível, conforme pondera Marcuschi (2002, p. 53), que “isso exija algum tipo de organização mental para construir a ordem do enquadre cognitivo, já que ele não é natural”. Tal organização, para um mesmo indivíduo, continua o autor, pode levar a ativar uma determinada categoria axiológica expressa através de um “enquadre ilocucional que lhe parece familiar”. Essa ativação acontece, na aplicação do protocolo dos co-hipônimos, por exemplo, por meio de estratégias linguísticas como a construção de predicacões, evocação de categorias taxonômicas, elaboração de apreciações, etc.

Dessa forma, é possível afirmar que a mera associação léxica é uma pista, embora represente, metaforicamente, apenas a ponta de um iceberg³³ para explicar as estratégias linguísticas a que os falantes recorrem, estando submerso todo um saber pragmático vinculado às experiências simbólicas dos indivíduos que confere à operação de categorização um caráter sociocognitivo.

Vários são os modelos ou construtos teóricos que têm sido formulados para dar conta, teórica e empiricamente desse iceberg como um todo. A noção de frame (e seus avatares), por exemplo, pode nos ajudar a compreendê-lo melhor, ao permitir um entendimento acerca da forma pela qual os indivíduos constroem (compartilham, modificam, organizam, regulam, representam, justificam, reconhecem) a experiência de conhecimento de mundo.

Dos múltiplos conceitos irmanados a frame, temos as noções de *contexto*, *prática*, *sistemas de referência*, *enquadre*, *esquema*, *conhecimento prévio*, *situação social*, *script*, *moldura comunicativa*, dentre os quais elegemos, nesta pesquisa, as noções de “frame” e de “enquadre” como ferramentas de análise dos dados, sendo ambas, aqui, interpretadas como complementares e produtivas dado o objeto de estudo de cunho semântico-pragmático (hiperonímia) que norteia a pesquisa.

³³ Metáfora já largamente utilizada por Koch e por diversos autores em outros contextos.

Em linhas gerais, os frames têm sido compreendidos como conjuntos ou “blocos” de conhecimentos inter-relacionáveis que, incorporados por meio de práticas sociais nas quais emergem e por meio das quais se reconstróem, atuam na organização de nossas experiências e são reciprocamente por elas organizados (MORATO, 2010a).

Fillmore (1982), fundador da noção de frame na semântica linguística em meados da década de 70, define o conceito como esquemas de conhecimento ou padrões prototípicos e estereotípicos, ou ainda hipóteses feitas pelos indivíduos a respeito do mundo ou estados de coisa no mundo (Garcez e Ribeiro, 1987:140).

Da noção fillmoriana de frame, extraímos o seguinte pressuposto básico: o de que frame é uma estrutura conceitual complexa, organizada de tal modo que, para compreender qualquer de suas partes, é imprescindível o conhecimento do todo. (SALOMÃO, 2009, p.172)

A noção de enquadre, por sua vez, não diz respeito apenas a um conhecimento estruturado em termos linguísticos e conceptuais, e sim ao enquadramento social dos falantes na interação e aos regimes e práticas sociais que a qualificam, de acordo com Goffman (1974, p.10-11):

Assume-se que as definições de uma situação são formuladas de acordo com princípios de organização que governam os eventos – ao menos os de cunho social – e nosso envolvimento com eles; frame é a palavra usada para fazer referência a esses elementos básicos que sou capaz de identificar.³⁴

Em sua obra *Frame Analysis* (1974)³⁵, Goffman concebe os frames como enquadres, metáfora que funciona para compreender melhor o que, no campo da

³⁴ Tradução minha do original em inglês: “I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principles of organization which govern events - at least social ones - and our subjective involvement in them; frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify”.

³⁵ Outros conceitos relevantes que não serão tratados neste estudo são “footing” e “keying”

Sociologia, é também denominado “contexto”, “conhecimento prévio”, “situação social”. Enquadres, assim, são compreendidos como estruturas sociais relacionadas intimamente com a linguagem, reconhecidas e modificadas pelos indivíduos – “agentes de mudanças e de condução do envolvimento interacional” - em contextos e práticas discursivas situadas.

Dessa noção de frame goffmaniana, depreendemos os seguintes princípios de base:

- os frames representam organização de experiências (GOFFMAN, 1974, p11)

- a noção de frame, nos estudos desenvolvidos por Goffman, coesiona e investe de sentido uma atividade comunicativa (SALOMÃO, 2009, p.171).

- A preocupação não é com a estrutura da vida social, mas em relação à estrutura das experiências individuais em meio à sociedade (GOFFMAN, 1974, p.13)

A combinação de frame e enquadre, nas perspectivas expostas, permitem uma co-existência dos chamados frames semânticos e interacionais, diferenciados por Tannen e Wallat (1987, p.183) como, respectivamente, “esquemas de conhecimento”, baseados em múltiplas relações que os falantes co-constroem em uma encontro face-a-face, e “enquadres interacionais”, calcados em informações pressupostas, compartilhadas ou não pelos interactantes.

Podemos afirmar que foge aos autores que opõem frames semânticos e interacionais, conforme afirma Morato (2010a, p. 100), o fato de que as ações nas quais se engajam os sujeitos em interação são parte integrante da constituição e da ressignificação dos frames semântico-conceptuais (CIENKI, 2007). Do mesmo modo, estes são parte integrante da orientação dos atos de significação no decurso das interações. Ao segregar os conceitos, então, o *continuum* dialético entre interação e conceitualização, manifestações linguísticas e estruturas complexas de conhecimento é desprezado.

A escolha pela aglutinação entre dois conceitos e a não separação entre eles, como sugerem as autoras Tannen e Wallat (1987) supracitadas, justifica-se também pelo fato de as “significações serem relativizadas a cenas”, como conclui Fillmore (1977) a partir da análise, dentre outras, do item lexical *bachelor*³⁶. Esta relativização é um dos princípios norteadores da própria semântica de frames, atuando como a expressão da “continuidade entre linguagem e experiência”, como afirma Salomão (2009, p.172), que enfatiza:

[...] a contribuição essencial da semântica de frames é a de possibilitar esta mediação entre o conhecimento-do-mundo – acumulado como memória social e/ou pessoal – e a sua ativação numa perspectiva singular, definida para o evento comunicativo em desenvolvimento.

A autora supracitada continua a argumentação, defendendo frames como categorias de natureza “(sócio)cognitiva” e postulando que qualquer conceitualização, linguística ou não linguística, processa-se com a evocação ou invocação (FILLMORE, 2008) de um frame.

Optar pela diferenciação entre frames semânticos e interacionais significaria, então, buscar eliminar algo intrínseco às estratégias linguísticas e negar a própria noção de semântica pragmatizada, exposta na subseção 2.2, assim, adota-se a nomenclatura “enquadre cognitivo”, para designar o sincretismo entre aspectos da noção de caráter sociológico de Goffman e cognitivista de Fillmore, admitindo, tal como Marcuschi (2002, p.64) que “[...] a calibragem de nossos enquadres cognitivos não vem de uma simples exterioridade sócio-histórica, mas de nossa relação de continuidade entre sociedade e cognição, isto é, de um crivo sociocognitivo”.

³⁶ Fillmore 1975, 1977 e 1982 também apresentam discussões sobre o item lexical *bachelor* e outros exemplos que requerem uma ampliação do frame habitualmente mobilizado, como *widow* e *orphan*.

4.4. Predicações: a recategorização através de apreciações e descrições

A predicação é um dos recursos linguísticos presentes nas estratégias de recategorização de co-hipônimos. Tais estratégias são as apreciações e as descrições, recorrentes diante do processo de referenciação, como podemos verificar na análise do corpus³⁷. Apostamos, para justificar a recorrência de adjetivos acompanhando hiperônimos ou mesmo isoladamente, emergentes durante a atividade de referenciação, que se trata de uma questão com motivação de cunho pragmático-textual, a qual marca e é marcada pelo processo anafórico em voga.

Segundo Koch (2002; 2006, p.269), o uso de uma descrição nominal pressupõe sempre “uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto”. Dessa forma, a descrição implica “uma ativação, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados com o(s) interlocutor(es) (isto é, a partir de um background tido por comum), de características ou traços do referente que o locutor”.

Com base na exposição acerca dos hiperônimos com função anafórica formulada por Koch (2006; 2002,p.37-38), uma anáfora recategorizadora por hiperonímia associada a predicações pode acontecer quando, recategorizado, o objeto de discurso adquire uma função de glosa, por meio de uma anáfora correferencial definicional; de atualização do conhecimento do interlocutor, através de uma anáfora correferencial especificadora; ou de expressão de um enquadre cognitivo por si só via anáfora indireta (cabe ressaltar que tanto na glosa quanto na atualização já temos tal enquadre implícito). Assim, não é incomum a ocorrência, diante de co-hipônimos, de adjetivos isolados ou do hiperônimo acompanhado de uma expansão adjetival de caráter classificatório, a qual permite capturar o referente como uma subespécie, o chamado hiperônimo corrigido, segundo nomenclatura de Apothelóz e Beguelin (1995).

³⁷ Vide seção 6.

Como caso de ocorrência de predicções, podemos citar, aprofundando-nos na proposta de Koch (2006, p. 267), as situações em que os hiperônimos, ao serem ativados por anáfora especificadora, estão imersos em uma atividade referencial em que o falante julga necessário um refinamento da categorização visando, muitas vezes, a atualização ou checagem do conhecimento do/com o interlocutor. Tal atividade permite que o objeto de discurso traga à interação, mesmo que de forma compacta, informações novas e perspectivadas, segundo os conhecimentos prévios do falante acerca dos co-hipônimos que são retomados. Essas informações e esse enquadramento dos itens lexicais em um frame só são visíveis graças à predicção.

Outro procedimento anafórico que permite a ocorrência de predicções associadas a hiperônimos são, como já dito, as anáforas definicionais. Nelas, segundo Koch (2006, p. 267), os itens lexicais a serem referidos, no caso, os co-hipônimos, são denominados *definiendum* enquanto o *definiens* é a expressão anafórica, isto é, o hiperônimo seguido de características que o definem ou definem os itens lexicais a que ele se relaciona. Assim, o objeto de discurso adquire uma função de glosa perante os termos a que ele se refere. Cabe destacar que, tal como acontece na anáfora especificadora, tanto as especificações quanto as definições expressas por predicções são perspectivadas, ou seja, são realizadas, muitas vezes, de acordo com o enquadre cognitivo em que o falante insere o objeto de discurso em questão, revelando, através desses enquadres, inserções sociocognitivas e experiências vividas. As predicções, então, são uma forma do sujeito manipular parcial ou imparcialmente os objetos de discurso com que lida, afinal, conforme afirmam Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995:228), “os chamados ‘objetos de discurso’ não preexistem “naturalmente” à atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes, mas devem ser concebidos como produtos - fundamentalmente culturais - dessa atividade”.

Dentre as classificações propostas por Moura Neves (2000, p.184), em uma visada mais gramatical que propriamente textual, a predicção formulada pelos participantes da aplicação do protocolo classifica-se como “subcategorizadora”, de modo que os adjetivos são atribuídos aos nomes a fim de delimitá-los e subespecificá-los tanto de maneira taxonômica como também de maneira experienciada, isto é, de acordo com seu

enquadramento social. No primeiro caso, as predicções são sempre classificadoras, já que pressupõem hierarquias; no segundo caso, no entanto, podem ser tanto classificadoras quanto qualificadoras. Em ambas as situações, isto é, tanto na predição de ordem taxonômica quanto naquela de ordem axiológica, experienciada e situada, as predicções tem o potencial de unir ou diferenciar os três co-hipônimos entre si, enquadrando-os, portanto, cognitivamente. Assim, pela coleta de dados ocorrer mediante a aplicação de um protocolo, as predicções tem lugar nas apreciações e nas descrições que os participantes formulam, por meio de processos anafóricos variados, quando diante dos co-hipônimos a fim de, de um modo ou de outro, delimitar seus enquadres cognitivos.

4.5. Da categorização como manifestação de protótipos

A categorização em torno de pontos de referência cognitivos é o princípio geral da própria organização categorial (ROSCH, 1973, 1975), logo, buscando entender a categorização por hiperonímia, faz-se necessário o estudo dos pontos de referência cognitivos ou protótipos.

Nesse contexto, as categorias lexicais são concebidas, por Rosch, em duas dimensões: (i) horizontal, referente às relações internas dos membros de uma categoria (estante, mesa e cadeira para a categoria móveis) e (ii) vertical, referente às relações entre as próprias categorias (móveis, mobília, artefatos, objetos, coisas).

Grosso modo, a prototipicidade é um fenômeno sociocognitivo, estabelecido entre membros do eixo horizontal e vertical, como veremos adiante, responsável por organizar as categorias em termos de membros mais centrais e membros periféricos ou em eleger um nível categorial como mais estável que os demais. Um exemplo no plano horizontal seria o fato de que, em uma categoria hiperonímica como “mamífero”, “cachorro” seria um membro mais central, um protótipo, se comparado à baleia, por

exemplo. Outro exemplo, agora no eixo vertical, seria o fato de considerarmos, dentre mamífero, animal e cachorro, o nível a que animal pertence como o mais representativo.

No plano horizontal, os membros prototípicos são tradicionalmente conhecidos como os mais facilmente reconhecidos em uma categoria, além de serem primeiramente apreendidos ao longo do processo de aquisição da linguagem (ROSCH, 1973), representando o “melhor exemplo de uma categoria”. No entanto, o efeito da prototipicidade, mais que delimitar um protótipo busca, a partir da década de 80, o estudo de “assimetrias dentro das próprias categorias e gradações ao invés do melhor exemplo” (LAKOFF, 1987, p.59).

Assumimos, com base em Mondada e Dubois (2003 [1995]) que essa variação resultante dos efeitos de prototipicidade deve-se à própria instabilidade das categorias na interação, uma vez que essas são avaliadas e ajustadas pelos falantes ao longo do enquadramento do contexto através de suas necessidades interativas.

Na presente pesquisa, há uma categoria de análise que, embora estabelecida no plano vertical, marca os graus de prototipicidade das respostas obtidas a partir da aplicação do protocolo justamente para demonstrar essa flexibilidade categorial que, em meio às restrições impostas pelo entorno linguístico-discursivo e até mesmo semântico, persiste nos contextos de interação.

Tal noção de gradiência, que pode ser considerada uma expansão da chamada Teoria dos Protótipos, é pertinente, pois:

(i) há, como afirmam Kleiber (1990) e Lakoff (1987), uma necessidade de admitir que certos itens, sobretudo os polissêmicos, não são passíveis de serem definidos a partir de um sentido, ou membro, prototípico. Por exemplo, qual, dentre os mamíferos, é mais prototípico, gato ou cachorro?; ou, para exemplificar à moda de Wittgenstein (1993), qual o jogo mais prototípico: videogame, xadrez, peteca, amarelinha?

(ii) existe a possibilidade de se estruturar as categorias como um contínuo de representações análogas, sendo o protótipo um fenômeno que está na superfície de tais representações, já que os limites das categorias não possuem fronteiras nítidas, como observa Geeraets (1997).

(iii) é possível notar que os sentidos e os itens lexicais mais estáveis podem ser reavaliados pelos falantes e estabilizados ao longo da interação já que, de acordo com Marcuschi (2007, p.136), “as categorias constituem-se no processo intersubjetivo de pelo menos duas mentes convergindo sobre a melhor forma de construir uma dada proposição diante do mundo”.

(iv) torna-se plausível um contínuo em relação à prototipia, pois, em consonância com (iii), temos que os protótipos são frutos de rotinas significativas incorporadas pelos sujeitos, e não de propriedades individuais nomeadas e compartilhadas pelas categorias.

Assumimos, então, então, uma orientação teórica, no campo da Semântica dos Protótipos sobre a Teoria dos Protótipos, que procura descrever a emergência e a construção das categorias inseridas em atividades discursivas. Desse modo, busca-se entender o que ocorre ao longo da variação contextual e tópica de situações interativas e identificar a gradiência de prototipicidade do léxico mobilizado nessas situações. Atenta-se, portanto, à “estabilização intersubjetiva das categorias” já que, como afirma Marcuschi (2007, p.141), “ não analisa as formas per se, mas as vê emergindo como fontes para as interações”.

Tal perspectiva sociocognitiva da Teoria dos Protótipos permite, além de um enriquecimento da análise de dados, a inclusão, na escolha de co-hipônimos, pertencentes ao mesmo nível taxonômico categorial portanto, a inclusão não apenas de membros prototípicos, como, por exemplo, no conjunto “Brasil, México e Paquistão”. Tal posicionamento permite que os participantes categorizem de modo mais próximo ao que

eles habitualmente fazem em suas experiências cotidianas quando expostos a uma gama de categorias prototípicas e periféricas.

Segundo Rosch et al. (1976, p.32), é possível estabelecer também, no que diz respeito ao plano vertical, três planos de classificação semântico-lexical: *superordinate* (*furniture*), *basic level* (*chair*) e *subordinate* (*kitchen chair*).

O *basic level*, nível básico ou nível de base, pode ser definido como “nível ótimo de percepção em que é possível formar uma imagem que represente toda a categoria” (KOCH& CUNHA-LIMA, 200, p.276), sendo dotado de alto grau de informatividade, maior que o presente em *superordinate*, mas menor do que o presente no *subordinate level*. Como exemplo, podemos dizer que “objeto” seria uma categoria do nível superordenado, “móveis” pertenceria ao nível de base e a categoria “cadeira” seria alocada no nível subordinado.

Sendo nível de base, de acordo com Rosch et al (1976, p.32), “o nível de classificação mais inclusivo em que os objetos tem muitos atributos em comum” percebe-se, nessa teorização, uma tentativa de prototipizar o nível de base ou nível básico, como o mais representativo em uma organização categorial taxonômica.

As categorias, no entanto, são infindáveis e inumeráveis para que elejamos um nível como prototípico. Essa expansão decorre da própria ampliação da Teoria dos Protótipos já referida e ratificada pela noção wittgensteiniana de “semelhança de família”³⁸.

Tal conceito wittgensteiniano dispõem os elementos de uma dada categoria lateralmente e não a partir de um centro de características comum, permitindo que eles sejam recategorizados e estabeleçam semelhanças variadas entre si. A Figura 3 tenta explorar as possibilidades que a Teoria da Semelhança por familiaridade e as alternativas que ela oferece frente a existência de um nível mais prototípico.

³⁸ Segundo Kleiber (1990, p. 161), “l’introduction de la notion de ressemblance de famille dans la théorie du prototype s’accompagne de la possibilité d’un changement radical de la conception prototypique standard des catégories”.

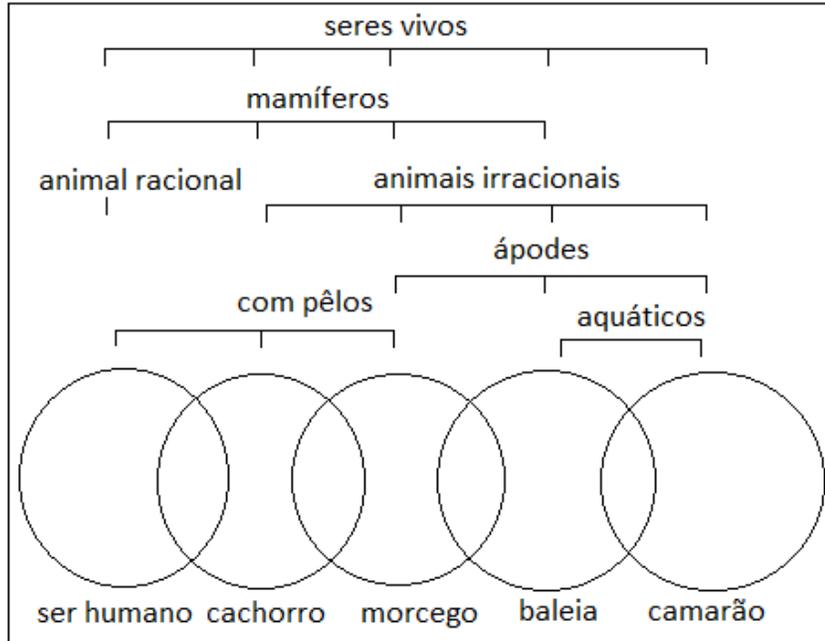


Figura 3. Correlação lateral por semelhança de família entre ser humano, cachorro, morcego, baleia e camarão.

O esquema representado na figura 3, culminante de uma incrementação do modelo de Givón (1995), não assume uma forma nuclear, mas dispõe os elementos como um agrupamento. Dessa forma, pode ser que “ser humano” e “baleia” não tenham as mesmas características, mas estão relacionados em alguns dos níveis categoriais. Tais níveis, por sua vez, mostram-se mais ou menos eficazes de acordo com o contexto sociocomunicativo em que se inserem e o propósito daquele que os evoca.

Assim, na presente pesquisa, frente às teorias analisadas, adotou-se a gradiência em relação à prototipicidade no plano vertical, isto é, considerando o nível básico como o prototípico e como o lugar de uma possível estabilidade taxonômica e, a partir dele, estabeleceram-se gradiências de prototipicidade. Essa escolha, que não avalia a prototipicidade no eixo horizontal, já considerada na seleção dos co-hipônimos, foi feita porque (i) o interesse central da pesquisa é a relação hierárquica estabelecida, muitas vezes de hiperonímia/hiponímia, entre os co-hipônimos e aquilo que é enunciado pelos participantes e (ii), pretende-se verificar o quão diverso pode ser a instabilidade de um nível prototípico, como instancia e permite concluir a teoria de Wittgenstein.

Dessa forma, como metodologia de análise, a classificação em termos de graus de prototipicidade foi a seguinte: (i)prototípicas- as respostas que coincidem, parcialmente ou totalmente, com o hiperônimo prototípico, pertencente ao nível básico; (ii)mais prototípicas(que não prototípicas) - as respostas que fazem parte do mesmo frame que os hipônimos enunciados ou são hiperônimos não prototípicos; e (iii)menos prototípicas (mas ainda não atípicos)- as respostas que envolvem predicções e são apreciações.

Como foi necessário considerar uma escala semântica hierárquica bem definida para determinar os graus de prototipicidade do hiperônimo construído, utilizou-se a hierarquia da rede semântica WordNet de Princeton, ferramenta linguístico computacional de cunho semântico-lexical que permite a visualização das relações semântico-lexicais hierarquicamente. A Figura 4 mostra a disposição hierárquica que a ferramenta WordNet de Princeton, em sua versão 2.1 disponibiliza.

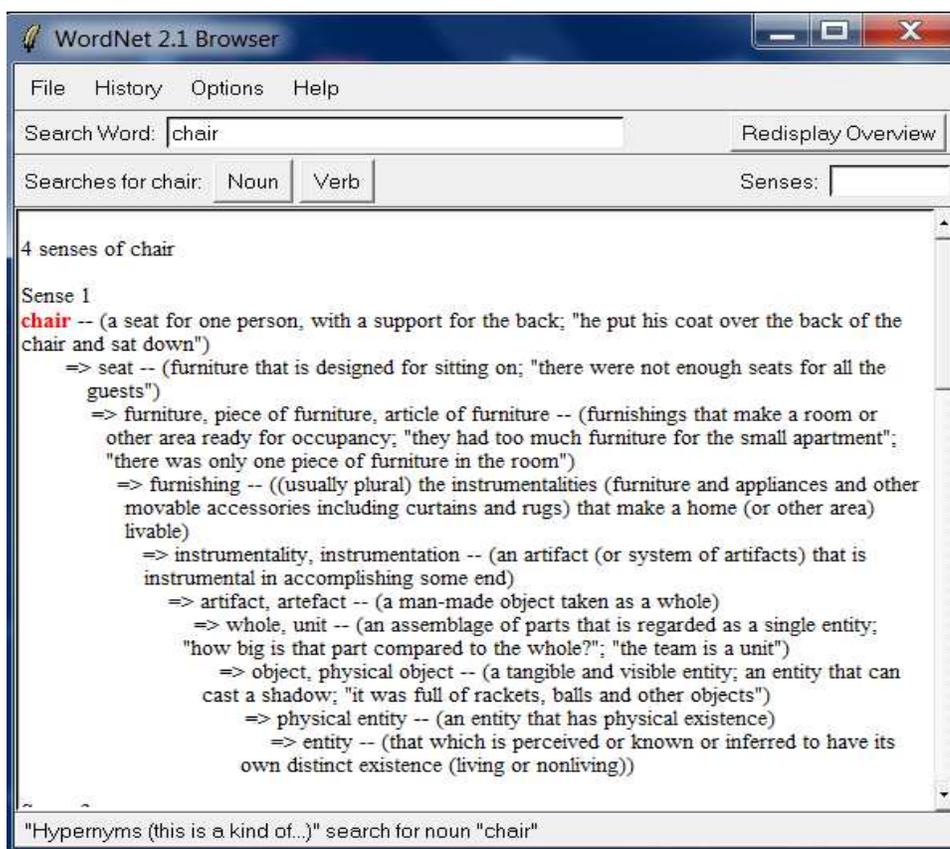


Figura 4. Disposição dos hiperônimos do item lexical "chair".

5) Da heterogeneidade neurolinguística da pesquisa

Nesta seção, serão apresentados os participantes da pesquisa, que possibilitaram a aplicação do protocolo e ofereceram seus dados à pesquisa. A heterogeneidade é justificada pelo fato de estarem envolvidos, neste estudo, tanto indivíduos com afasia, quanto com Doença de Alzheimer, além do grupo controle.

Ao rotular os sujeitos que não se enquadram em casos patológicos como grupo controle, assume-se que as análises das características da linguagem em uso por si só demandam a compreensão da linguagem de contexto não patológico em instâncias de uso semelhante a fim de compreender o que é efetivamente característico de um ou outro grupo, o que é produzido por todos e o que varia de indivíduo para indivíduo. Tais sujeitos, então, servem como um controle, um parâmetro de comparação, nem melhor nem pior, do que é realizado, das características encontradas, garantindo a heterogeneidade do corpus.

5.1 Apresentação dos participantes da pesquisa sem comprometimento neurológico e do contexto de participação

Iniciais da pesquisadora: JO
Iniciais do participante: DN
Data de nascimento: 10/11/1946
Escolaridade: terceiro grau completo em Matemática e em Direito.
Quadro neurolinguístico/diagnóstico: quadro não-patológico
Observações: DN é promotor aposentado. Atualmente, ele atende, como advogado, apenas alguns clientes, e gosta de apreciar a natureza em sua casa de campo no interior.

Tempo de gravação: 10 min. e 53 seg.
Local da gravação: Residência de DN, Ibitinga – SP

Quadro 7. Apresentação do participante DN do grupo controle.

Iniciais da pesquisadora: JO
Iniciais do participante: OR
Data de nascimento: 09 de março de 1951
Escolaridade: primeiro grau incompleto.
Quadro neurolinguístico/diagnóstico: quadro não-patológico
Observações: OR é porteiro de um condomínio residencial. Em suas horas vagas, gosta de descansar com a família e assistir TV.
Tempo de gravação: 11 min. e 6 seg.
Local da gravação: Salão de festas do local de trabalho de OR em Araraquara-SP

Quadro 8. Apresentação do participante OR do grupo controle.

5.2 Apresentação dos participantes afásicos da pesquisa e do contexto de participação

Iniciais da pesquisadora: JO
Iniciais do participante: MS
Data de nascimento: 17/01/1946

Escolaridade: terceiro grau completo em Letras.
Quadro neurolinguístico/diagnóstico: Ao exame clínico, o médico constatou afasia, com marcha parética, mantendo hemiparesia D com sinais de liberação piramidal (Hoffman e Babinski à direita). MS apresenta como seqüela deficit motor em domínio direito e afasia motora. Caracteriza sua afasia dificuldade para encontrar palavras, perseverações, disartria leve, além da hemiparesia à direita, o que lhe dificultou a escrita já que era destro.
Observações: MS trabalhava como professor de inglês em curso pré vestibular quando sofreu o AVC e também já atuou como jornalista e ator de teatro. Antes do AVC, lia e escrevia muito, nos variados gêneros textuais; após o AVC continua lendo, porém não apresenta a mesma proficiência anterior, o que o incomoda. Frequenta cinemas, teatros e apresentações musicais, viaja, inclusive, ao exterior.
Tempo de gravação: 10min. e 34 seg.
Local da gravação: Centro de Convivência de Afásicos – CCA/ Unicamp

Quadro 9. Apresentação do participante afásico MS.

Iniciais da pesquisadora: JO
Iniciais do participante: LM
Data de nascimento: 10/09/1957
Escolaridade: primeiro grau completo.
Quadro neurolinguístico/diagnóstico: Em 1986, LM sofreu um Acidente Vascular Cerebral hemorrágico, com edema na região temporal à esquerda, interessando a região da cápsula interna e lesão provavelmente subcortical. Na avaliação neuropsicológica inicial, diagnosticou-se uma hemiparesia espástica acentuada à

direita e uma afasia de predomínio expressivo (eferente), com hesitações, parafasias fonológicas, perseverações e alteração de prosódia.
Observações: LM é metalúrgico aposentado
Tempo de gravação: 20 min. e 6 seg.
Local da gravação: Centro de Convivência de Afásicos – CCA/ Unicamp

Quadro 10. Apresentação do participante afásico LE.

5.3. Apresentação dos participantes com Doença de Alzheimer da pesquisa e do contexto de participação

Iniciais da pesquisadora: JO
Iniciais do participante: TR
Data de nascimento: 20/11/1936
Escolaridade: primeiro grau incompleto (cinco anos de escolaridade)
Quadro neurolinguístico/diagnóstico: Após anamnese detalhada com a paciente e com a acompanhante familiar (filha), avaliação discursivo-pragmática, do estado de humor, história de eventuais doenças clínicas gerais, avaliação neuropsicológica e neurolinguística numa abordagem psicométrica por meio de testes padronizados e adaptados para a população idosa e avaliação funcional, numa abordagem qualitativa com protocolos específicos, cogitou-se um possível diagnóstico de comprometimento cognitivo leve dentro dos padrões de provável DA de fase leve/inicial com preservação da capacidade funcional.
Observações: TR é comerciante aposentada. Ela se ocupa dos afazeres domésticos, frequenta academia três vezes por semana, gosta de atividade física e também frequenta eventos religiosos com o marido.
Tempo de gravação: 10 min. 59 seg.
Local da gravação: Faculdade da Terceira Idade – Policamp

Quadro 11. Apresentação da participante TR com DA.

Iniciais da pesquisadora: JO
Iniciais do participante: AP
Data de nascimento: 10/01/1926
Escolaridade: terceiro grau completo com doutorado em Biologia
Quadro neurolinguístico/diagnóstico: Por meio de testes padronizados e adaptados para a população idosa numa abordagem psicométrica e enunciativa, discursiva-pragmática com protocolos específicos, levanta-se a hipótese diagnóstica de provável quadro pré-clínico de demência do tipo Alzheimer em fase leve.
Observações: É professora universitária aposentada, frequenta aulas de hidroginástica para terceira idade, conta com ajuda de cuidadora formal e participa de sessões de reeducação e potencialização das funções cognitivas e funcionalidade com uma fonoaudióloga desde janeiro de 2010 em atendimento domiciliar.
Tempo de gravação: 17 min. e 47 seg.
Local da gravação: Residência de AP, Campinas-SP

Quadro 12. Apresentação da participante AP com DA.

6) Descrição e contextualização dos dados

Primeiramente, cabe atentar, nesta seção, para a utilização de uma análise tradicionalmente chamada qualitativa, já que são cumpridos princípios básicos dessa natureza veiculados pela comunidade acadêmica, tais como número reduzido de participantes, interesse pela pesquisa indutiva geradora de hipóteses, preferência por dados advindos de situações interacionais naturais

No entanto, apresentamos uma rejeição à dicotomia estrita entre qualidade e quantidade, de modo que se busca visualizar, entre o quantitativo e o qualitativo, um continuum interativo (Newman & Benz, 1998 apud Marcuschi, 2001 ALED). Nesse continuum, à análise qualitativa somam-se argumentos quantitativos que corroboram para

uma legitimação ou uma eliminação das hipóteses construídas e, sobretudo, para o entendimento da construção referencial da hiperonímia, questão central desta pesquisa. Dessa maneira, os gráficos apresentados nas figuras 5, 6 e 7, da subseção 6.4, são relevantes na análise por serem evidências das constatações culminantes dos dados descritos e analisados sob uma perspectiva qualitativa, configurando-se, ambas abordagens, como complementares.

A partir dessa posição, os fatos da língua são encarados como uma construção social e não um dado objetivo, independente e extrínseco ao indivíduo e, por outro lado, a pretensão da análise da interação verbal passa a oferecer interpretações compreensivas daquilo que ocorre e não criar um modelo meramente abstrato acerca do objeto de estudo.

Sobre a estrutura discursiva da análise, para os três grupos (nomeadamente, grupo controle, afásicos e com DA) envolvidos na pesquisa, buscou-se descrever o contexto de participação, levantar e quantificar os recursos linguísticos que os participantes utilizaram, tentar justificar a utilização deles, instanciar esses recursos a partir do corpus, descrever como tais estratégias foram textual e semanticamente construídas pelo participante e considerar, dentro do que é relevante ao escopo do trabalho, alguns aspectos multimodais, como gesticulação, sobretudo em contexto de afasia, manifestados durante a interação.

No início da análise sociocognitiva das interações de cada grupo, foi construído, para cada participante, um quadro analítico em que constam: as iniciais do sujeito, o nº do conjunto de co-hipônimos em questão³⁹, a resposta do participante perante a apresentação dos co-hipônimos, a descrição da estrutura do que foi enunciado em termos semânticos, o procedimento semântico realizado ao categorizar, o item lexical hiperonímico prototípico⁴⁰, o grau de prototipicidade do que foi enunciado⁴¹, a estrutura textual do que

³⁹ Para saber quais itens lexicais co-hiponímicos correspondem a cada grupo, vide Quadro 3 da seção 3.

⁴⁰ Tais itens lexicais, como esclarecido na seção 3, na subseção 3.1, foram extraídos da rede semântica WordNet, versão 2.0.

foi enunciado, o procedimento textual realizado ao categorizar, o tipo de anáfora utilizado e a manifestação ou não de um enquadre cognitivo. Assim, antes de adentrar a análise pormenorizada, é possível que se observe minimamente e esquematicamente, através dos quadros, os resultados encontrados.

6.1 Descrição e contextualização dos dados de participantes do grupo controle

A interação com DN aconteceu em sua casa de campo, em meio aos preparativos para seu aniversário, sendo esse justamente o tópico da conversa que precedeu a aplicação do protocolo. O participante é amigo da família da pesquisadora há cerca de dez anos e sempre mostra-se disposto a ajudar em trabalhos escolares e universitários, dada a sua experiência em três cursos superiores, enquanto professor de Matemática e como militar aposentado.

A interação com OR aconteceu em seu local do trabalho, sendo o fim do expediente e as atividades domésticas a serem realizadas os assuntos tratados antes da aplicação do protocolo. OR é porteiro do condomínio em que a pesquisadora reside há cerca de 3 anos.

Iniciando a análise do corpus propriamente dito, na aplicação do protocolo, perante a apresentação dos 18 de co-hipônimos para cada participante, tivemos 36 apresentações de co-hipônimos repetidos dois a dois.

Para sistematizar e organizar a análise, adotamos a estrutura “nX (nDN +nOR), Y e Z”, onde n é a quantidade total de ocorrências de um determinado o recurso linguístico X, distribuídas segundo o quanto DN e o quanto OR, individualmente, lançaram mão de tais recursos. Y representa as prováveis motivações de cunho semântico, pragmático e

⁴¹ Vide seção 3, subseção 3.5.

textual que levaram os participantes a proceder de tal maneira e não de outra, bem como a descrição do percurso linguístico realizado. Z é a transcrição do corpus da pesquisa, que mostra o que Y descreve. Essa esquematização apenas explicita o modo como a descrição dos dados está organizada. Essa descrição, em todos os casos, patológicos ou não, está organizada logo após os quadros analíticos (Quadro 13, 14 e 15).

Cabe também destacar que as estratégias elencadas podem ser co-ocorrentes, isto é, perante a apresentação de um único conjunto de três co-hipônimos, o mesmo participante recorre, ao longo da progressão referencial que constrói, aos diferentes recursos linguísticos que encontra, mesclando-os, inclusive, com suas experiências, demonstrando que, “mais que um retrato, a língua é um trato da realidade” (MARCUSCHI, 2002, p.50).

Frente aos dados e explicitado o esquema de análise, a ser seguido de forma análoga para os três grupos contemplados pela pesquisa (afásicos, doentes de Alzheimer e casos não patológicos), foram obtidas as seguintes ocorrências:

GRUPO CONTROLE										
SUJEITO	Nº	OCORRÊNCIA	DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA LEXICAL DO QUE FOI ENUNCIADO	PROCEDIMENTO LEXICAL REALIZADO AO CATEGORIZAR	ITEM LEXICAL (HIPERÔNIMO) PROTOTÍPICO	GRAU DE PROTOTIPICIDADE DO QUE FOI ENUNCIADO	ITEM LEXICAL, SINTAGMA, ENUNCIADO	PROCEDIMENTO TEXTUAL REALIZADO AO CATEGORIZAR	TIPO DE ANÁFORA	ENQUADRE COGNITIVO
-DN-GRUPO CONTROLE	1	“Minha sala possui um belo sofá, uma mesa e uma estante tipo colonial.”	Holônimo (“sala”) situado em uma apreciação/descrição espacial pessoal.	Relação de holonímia	Móveis	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de uma referente espacial (sala), atrelado a uma experiência situada, que é um holônimo em relação aos itens lexicais co-hiponímicos enunciados.	Anáfora por meronímia/holonímia ou anáfora associativa	Por ativação de uma experiência situada (“minha sala”)
	2	“Uma horta” “Que nós temos no sítio...uma horta onde se destacam essas verduras”	Holônimos (“horta”, “sítio”) associado a uma descrição espacial pessoal	Relação de holonímia	Hortaliças	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de uma referente espacial (horta), atrelado a uma experiência situada, que é um holônimo	Anáfora por meronímia/holonímia ou anáfora associativa	Por ativação, por meio de uma experiência situada, de itens lexicais do mesmo campo semântico, pragmática

								em relação aos itens lexicais enunciados		mente organizado ⁴² (“sítio”, por exemplo), do hiperônimo prototípico.
3	“Normalmente são bebidas servidas no fim de semana...agora: ...especialmente na festa do meu aniversário elas serão servidas”	Hiperônimo atrelado a uma referência temporal genérica (“bebidas servida no fim de semana”) Hiperônimo atrelado a uma referência temporal pessoal (“na festa do meu aniversário elas serão servidas”)	Relação de hiperonímia	Bebidas	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica de um referente, “bebidas”, predicado inicialmente de forma genérica, mas atrelado, posteriormente, a uma experiência situada.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de uma experiência situada (“fim de semana”, “meu aniversário”)	
4	“Muito comum é:: esses três doces... quindim	Hiperônimo prototípico (doces)	Relação de hiperonímia	Doces	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica de um referente, que é	Anáfora por hiponímia/	Por ativação de uma experiência	

⁴² O enquadre cognitivo licencia a presença do campo semântico, que, por sua vez, ratifica a existência de enquadres cognitivos.

	goiabada e brigadeiro... em festa de criança... aliás eu participei de uma que foi a festa do meu neto e tinha esses três doces ”	Referência temporal genérica que pode atuar como um holônimo (festa de criança) Referência temporal específica e pessoal que pode atuar como um holônimo (a festa do meu neto)	Relação de holonímia		Mais prototípico		o hiperônimo prototípico, “doces”. Ativação de uma referência temporal genérica que pode atuar como um holônimo (festa de criança) e de uma referência a uma experiência situada, que também pode atuar como um holônimo (festa do meu neto) em relação aos co-hipônimos.	hiperonímia	situada (“festa de criança”, “festa do meu neto”)
5	“Três ex-presidentes do Brasil/...Ahm:... com os quais eu não me afinei\”	Hiperônimo prototípico seguido de predicação e de uma apreciação. Tal apreciação ativa um enquadre cognitivo	Relação de hiperonímia	Presidentes	Prototípico	Enunciado/ Sintagma	Ativação anafórica de um referente, “presidentes”, predicado inicialmente de forma genérica, mas atrelado, posteriormente, a uma apreciação pessoal (com os	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por expressão de um ponto de vista, uma opinião.

								quais eu não me afinei).		
6	“Bom...esse último é:...cor da bandeira brasileira...uma das cores da bandeira brasileira. Vermelho, rosa e verde são cores que normalmente você não encontra em harmonia ...geralmente estão em espaços em locais diferentes”	Hiperônimo atrelado a uma predicação de caráter pessoal responsável pela ativação de um enquadre cognitivo.	Relação de hiperonímia	Cores	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica de um referente, “cores” atrelado a apreciações que refletem uma experiência situada.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de uma experiência situada.	
7	“três sistemas... três planetas do nosso sistema solar”	Hiperônimo superordenado ao prototípico (“sistema”) <p>Hiperônimo prototípico atrelado ao hiperônimo superordenado (“planetas</p>	Relação de hiperonímia	Planetas	Mais prototípico <p>Mais prototípico</p>	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica de dois referentes, um que é o hiperônimo prototípico e o outro, qualificador, na segunda ocorrência, do primeiro, é um item lexical	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, via uma experiência situada, de itens lexicais (“sistema”, sistema solar”) pertencentes ao mesmo campo semântico,	

			do nosso sistema solar")					mais superordenado.		pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
8	<p>“DN: Bom... uma família/...ahm... uma família/...digam os completa/... com os agregados/... normalmente tem sogra cumad- [JO: cunhado] & cunhado e genro...porque o cunhado e o gen- o genro é agregado e o cunhado pode ser da família ou não JO:Ah tá DN: Se ele se casar com alguém da família...será da família...se não se casar será agregado</p>	<p>Hiperônimo prototípico (família)</p> <p>Hiperônimo atrelado a uma predicação genérica (família completa com os agregados)</p> <p>Hiperônimo (agregados) que reflete um enquadre cognitivo</p>	Relação de hiperonímia	Família	<p>Prototípico</p> <p>Mais prototípico</p> <p>Mais prototípico</p>	Enunciado/Sintagma	<p>Ativação anafórica de dois referentes, um que é o hiperônimo prototípico e que é um hiperônimo mais específico, localizado em uma posição mais baixa na cadeia hierárquica já que atribui características (“completa” e “com os agregados”) ao primeiro. Por fim, admite-se que “agregados” também pode ser hiperônimo dos hipônimos apresentados.</p>	<p>Anáfora por hiponímia/hiperonímia</p>	<p>Por expressão de um ponto de vista, uma opinião e ativação de item lexical do mesmo enquadre (“agregados”).</p>	

	também...os três podem ser da família ou agregados”									
9	"DN: Brasil e México... dois países da América do Sul...América do Sul? [JO: Ahm...] &México: acho que é América do Sul? JO: América latina né? DN: Eu...e o outro lá...o Paquistão é: do Oriente ou Ásia ou Oriente...com culturas completamente diferentes”	Hiperônimo prototípico atrelado a uma predicação espacial: “países da América do Sul” Hiperônimo genérico atrelado predicação espacial: “o outro lá é: do Oriente ou Ásia” Predicação que une, pela distinção, os hiperônimos construídos: “com culturas completamente diferentes”.	Relação de hiperonímia	Países	Prototípico Mais prototípico Menos prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico o qual, segundo o hipônimo em questão, é predicado com referentes espaciais diferentes. Para unir os hipônimos em um conjunto, o sujeito utiliza uma predicação. Nela, há o item “cultura”, que pertence ao mesmo frame do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia Anáfora indireta	Por expressão de uma opinião e de itens lexicais (“América”, “Oriente”). pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
10	“Três animais domésticos...ca	Hiperônimo prototípico	Relação de hiperonímia	Animais	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica,	Anáfora por	Por expressão	

		chor-ro...gato...e papagaio...geral men-te convivem”	associado a predicções (“domésticos” e “que convivem”)					através dos hipônimos, de um referente, sob a forma de um hiperônimo. O referente é acompanhado de predicções, o que o deixa ainda mais específico que o anterior.	hiponímia/hiperonímia	de uma opinião, de um ponto de vista.
11	“DN: Três grandes expoentes da nossa dramaturgia [JO: aham] & que é o Tarcísio Meira... o Lima Duarte e: JO: Tony Ramos DN: e o Tony Ramos...trabalham muito bem...são invejáveis naquilo que fazem no teatro”	Hiperônimo constituído por predicções. No interior dessas predicções, há outros hiperônimos.	Relação de hiperonímia e ativação de um enquadre cognitivo em que consta os itens lexicais (expoentes, dramaturgia, teatro e os hipônimos)	Atores	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica e metafórica de um referente (expoente) e ativação anafórica de um referente que situa o anterior, visto que é semanticamente e mais abrangente (Dramaturgia). Após essa ativação, ainda temos uma apreciação que evoca o teatro”, um outro item lexical pertencente ao mesmo	Anáfora por hiponímia/hiperonímia Anáfora indireta	Por ativação de uma opinião, um ponto de vista e de itens lexicais (“dramaturgia”, “teatro”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	

								enquadre cognitivo.		
12	<p>“Três escritores que jamais serão esquecidos [JO: Aham] porque: fazem parte da nossa cultura..ahm: e: até hoje... são profundamente estudados...seus livros são guias para nossa: digamos... evolução...inclusive... quando se fala em: quando nós falamos na língua portuguesa... nós não podemos esquecer dos três”</p>	<p>Hiperônimo prototípico seguido de predicação pessoal/apreciações.</p> <p>Itens lexicais (“cultura”, “livros”, “evolução”, “língua portuguesa”), no interior das apreciações, que evocam um enquadre cognitivo</p>	Relação de hiperonímia	Escritores	Prototípico	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	<p>Ativação anafórica de um hiperônimo prototípico seguido de predicação pessoal/apreciações. No interior das apreciações, destacam-se itens lexicais (cultura, livros, evolução, língua portuguesa) que evocam um enquadre cognitivo</p>	<p>Anáfora por hiperonímia/hiperonímia</p> <p>Anáfora indireta</p>	<p>Por uma opinião, um ponto de vista e pela ativação de e de itens lexicais (“cultura”, “livros”, “evolução”, “língua portuguesa”).</p> <p>pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico</p>
13	<p>“Bom...avião ônibus e navio são três máquinas...de transporte [J: Aham] & é: diferentes</p>	<p>Hiperônimo (“máquinas”) cuja predicação é um outro hiperônimo “transporte”</p>	Relação de hiperonímia	Meios de transporte	Mais prototípico		Enunciado/Sintagma	<p>Ativação anafórica, através dos hipônimos, de uma referente mais superordenado</p>	<p>Anáfora por hiperonímia/hiperonímia</p>	<p>Pela ativação de itens lexicais (máquinas, meio) pertencentes ao mesmo</p>

		quanto ao meio que circulam”						(máquinas) que tem como qualificador o hiperônimo prototípico.		campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
14	“Balsa, forró e samba...ahm: eles representam o nosso nordeste...incluindo a Bahia. Quando se fala em balsa forró e samba [J: VALSA VALSA] ((D continua, parecendo não ouvir o que JO fala)) & nós pensamos na Bahia ou no nordeste...porque: seriam símbolos do nosso Nordeste... incluindo a Bahia”	Predicação/apreciações construídas a partir de objetos de discurso espaciais (nosso Nordeste”) (Bahia, Nordeste) Item lexical (símbolos do nosso Nordeste... incluindo a Bahia) pertencente ao mesmo frame que os hipônimos	Ativação de um enquadre cognitivo	Música/ Dança	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de referentes espaciais (o nosso Nordeste, Nordeste, Bahia) e de uma expressão lexical de caráter metafórico (símbolos do nosso Nordeste... incluindo a Bahia) que revelam um enquadre cognitivo do qual os hipônimos também fazem parte	Anáfora indireta	Por uma opinião, um ponto de vista e pela ativação de um item lexical (“símbolos”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico.	
15	“Bom, três	Predicação/ap	Relação de	Formas	Mais	Enunciado/	Ativação	Anáfora	Pela	

	<p>figuras geométricas que: dependo do que você pensa...se pensar em: em: ciência...eles pertencem às ciências exatas...são estudados. Se pensar em: em: digamos... +faz movimento com as mãos+ o que eu diria...como figura geométrica é ciência, matemática...ou : fazem parte da: ahm: por exemplo: ahm: por exemplo: ((DN mostra-se um pouco irritado)) se você é um arquiteto... AH bom, +bate na mesa+ ...é mais que se identifica com as exatas”</p>	<p>reciação com hiperônimos em diferentes posições na hierarquia (“figuras geométricas”, “ciência”, “ciências exatas”, “matemática”, “exatas”).</p> <p>Item lexical ativado na predicação e pertencente ao mesmo enquadre cognitivo que os hipônimos e hiperônimos enunciados: “arquiteto”</p>	hiperonímia	geométricas	prototípicos e prototípicos	Sintagma	<p>anafórica, no interior de uma apreciação, de um hiperônimo mais superordenados que o prototípico (“ciência”, “ciências exatas”, “matemática”, “exatas”), de um hiperônimo sinônimo do prototípico (figuras geométricas).</p> <p>Ativação, na predicação, de um item lexical pertencente ao mesmo enquadre cognitivo que os hipônimos e hiperônimos enunciados: “arquiteto”</p>	<p>por hiponímia/hiperonímia</p> <p>Anáfora indireta</p>	<p>ativação de itens lexicais (“ciências”, “matemática”, “exatas”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmática organizado, do hiperônimo prototípico.</p>
16	“Olha, eu não tenho muita	Predicação/apreciação/descr	Relação de hiperonímia	Jogos	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica,	Anáfora indireta	Pela expressão,

	afinidade: bingo, xadrez e dominó...porque: o xadrez...ele desenvolve muito o raciocínio...você depende do raciocínio...o dominó um pouco não muito...agora: o bingo é aleatório...são três jogos que: não tem uma coisa a ver com outra... eles não se identificam”	ição que ativa itens lexicais (raciocínio, aleatório) que caracterizam os co-hipônimos Hiperônimo prototípico (jogos)			Prototípico		através dos hipônimos, de um referente, que é o hiperônimo prototípico (jogos). Precedendo essa ativação, há itens lexicais pertencentes ao mesmo frame do hiperônimo prototípico e dos hipônimos constituindo uma apreciação/descrição/predicação composta pelo sujeito	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	via experiência situada, de uma opinião, de um ponto de vista.
17	“Três cantores de épocas diferentes e também...digamos: com tipos de música diferentes...a Carmem Miranda antiga... o Jair Rodrigues que gosta de um	Hiperônimo prototípico com predicação dos hipônimos e, consequentemente, ativação de itens lexicais (música, samba, jovem	Relação de hiperonímia Ativação de um enquadre cognitivo	Cantores	Prototípico Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente, que é o hiperônimo prototípico (cantores), de um referente mais superordenado	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela expressão, via experiência situada, de uma opinião, de um ponto de vista.

		samba um pouco mais contemporâneo e o: Roberto Carlos representa a jovem guarda e está até hoje parece que: cantando na jovem guarda”	guarda) pertencente ao mesmo frame do hiperônimo prototípico e dos hipônimos					(música) que situa o referente anterior e de itens lexicais pertencentes ao mesmo frame do hiperônimo prototípico e dos hipônimos		
18	“É...três cobras...a mais venenosa é a cascavel...a outra... coral... pode ser venenosa ou não... e a outra... jiboia... não é venenosa... sendo que a jiboia é predadora das outras duas ao que eu sei...e: ela ajuda a equilibrar...ela come sapo e outros animais ...ajuda a equilibrar o meio	Hiperônimo prototípico e apreciações/ predicações através da ativação de um enquadre cognitivo evidente através dos itens lexicais “venenosa”, “predadora”, “meio ambiente”.	Relação de hiperonímia e ativação do referido enquadre cognitivo	Cobras	Prototípico Mais prototípico	Enunciado/ Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente, que é o hiperônimo prototípico (cobras) e de itens lexicais que estão no mesmo frame que os hipônimos e o hiperônimo prototípico.	Anáfora I por hiponímia/ hiperonímia Anáfora indireta e por subespecificação	Pela ativação de itens lexicais (“venenosa”, “predadora”, “meio ambiente”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico.	

		ambiente...e as outras duas...a coral pode ser venenosa ou não...a cascavel é venenosa”								
<u>SUJEITO</u>	<u>Nº</u>	<u>OCORRÊNCIA</u>	<u>DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA LEXICAL DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>PROCEDIMENTO LEXICAL REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>ITEM LEXICAL (HIPERÔNIMO) PROTOTÍPICO</u>	<u>GRAU DE PROTOTIPICIDADE DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>EVOCAÇÃO DE UM ITEM LEXICAL OU DE UM ENUNCIADO /SINTAGMA</u>	<u>PROCEDIMENTO TEXTUAL REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>TIPO DE ANÁFORA</u>	<u>ENQUADRE COGNITIVO</u>
- OR -	1	“Não sei...uma sala de jantar”	Holônimo	Holonímia	Móveis	Mais prototípico	Enunciado/ Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de uma referente espacial (sala), que é um holônimo em relação aos itens lexicais enunciados.	Anáfora por meronímia /holonímia ou anáfora associativa	Por ativação de um sintagma (“sala de jantar”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
	2	“Salada”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Hortaliças	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espacial	Anáfora por meronímia /holonímia	Por ativação de um item lexical (“salada”) pertencente

										ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
3	<p>“Churrasco”</p> <p>“JO: Hum: por quê? O senhor acha que no churrasco tem isso?</p> <p>OR: É: às vezes tem... mas não o licor...agora o vinho e a cerveja...principalmente a cerveja né?</p> <p>Ah...um banquete...”</p>	Holônimo	Relação de holonímia	Bebidas alcoólicas	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de referentes espaciais e temporais, eventos que contém bebidas alcoólicas, tal como churrasco e banquete.	Anáfora por meronímia /holonímia	Por ativação de um itens lexicais (“churrasco” “banquete”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
4	<p>“Bolo”</p> <p>Alegou não saber</p>	Outro hipônimo análogo aos enunciados	Relação de sinonímia em relação aos hipônimos	Doces	Menos prototípico	Item Lexical	Ativação de um hipônimo sinônimo dos hipônimos já citados	Anáfora indireta	Por ativação de um item lexical (“bolo”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente	

										organizado, dos outros co-hipônimos
5	“Eles seriam o que? Presidentes?”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Presidentes	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“presidentes”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
6	“Cores? São cores né?”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cores	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“cores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e	

										que coincide com o hiperônimo prototípico
7	Alegou não saber responder			Planetas						
8	Família	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Família	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora I por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“família”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
9	OR: Estados não pode ser... né? JO: Estados:...países? OR: Países	Hiperônimos	Relação de hiperonímia	Países	Mais prototípico Prototípico	Itens lexicais	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um hiperônimo mais prototípico e de um hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um itens lexicais (“Estados”, “países”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente	

										organizado, do hiperônimo prototípico
10	“Uma criação?”	Ativação de enquadre cognitivo	Ativação de enquadre cognitivo	Animais (domésticos)	Mais prototípico	Sintagma	Ativação, através dos hipônimos, de referentes espaciais e temporais, eventos que contém bebidas alcoólicas, tal como churrasco e banquete.	Anáfora por meronímia /holonímia	Por ativação de um item lexical (“criação”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
11	“Artistas”	Hiperônimo sinônimo do hiperônimo prototípico	Relação de hiperonímia	Atores	Mais Prototípico	Enunciado/ Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um hiperônimo sinônimo do hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/ hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“família”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo	

										prototípico
12	“Estórias”	Item lexical pertencente ao mesmo frame de escritores	Ativação de um enquadre cognitivo e de um representante desse enquadre	Escritores	Mais prototípico	Item lexical	Ativação, a partir dos hipônimos, de um enquadre cognitivo e eleição de um representante (estórias)	Anáfora indireta	Por ativação de um item lexical (“estórias”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
13	“OR: Tá na ponta da língua e não vem...ahm: uma viagem...mas teria uma palavra mais certa né? JO: Meios de transporte? OR: Transporte era isso que estava na ponta da língua e não saia”	Item lexical pertencente ao mesmo frame de transporte. (“viagem”) Transporte	Ativação de um enquadre cognitivo e de um representante desse enquadre (“viagem”)	Meios de transporte	Mais prototípico Prototípico		Ativação, a partir dos hipônimos, de um enquadre cognitivo e eleição de um representante (estórias) e, após a manifestação de insatisfação, apresentação do hiperônimo prototípico	Anáfora indireta	Por ativação de um item lexical (“viagem”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico, que é posteriormente construído.	

14	"Valsa forro e samba...uma festa"	Holônimo	Relação de holonímia	Música/Dança	Mais prototípico	Sintagma	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espacial	Anáfora por meronímia/holonímia	Por ativação de um item lexical ("festa") pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
15	"OR: Bandeira? Não é? Ou não? JO: Oval? OR: É o centro dela né?"	Ativação de um enquadre cognitivo	Ativação de um enquadre cognitivo	Formas geométricas	Menos prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espacial, em que eles (formas) estariam contidas (bandeira)	Anáfora por meronímia/holonímia		
16	"Jogo"	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Jogos	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente que é o	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical ("jogo") pertencente ao mesmo	

								hiperônimo prototípico		campo semântico, pragmática mente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
17	“Cantor”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cantores	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“cantor”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmática mente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
18	“OR: °(Raptil reptil reptal)°...o pessoal que fala JO: Hum: não entendi o que o	Hiperônimo superordenado ao prototípico (réptil)	Relação de hiperonímia	Cobras	Mais prototípico	Sintagma/Enunciado	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente	Anáfora por hiponímia/hiperonímia.	Por ativação de um item lexical (“família”) pertencente	

	<p>senhor disse OR: Jiboia: JO: Jiboia coral e cascavel OR: Venenosas JO: Hum: mas são o quê venenosas? OR: A gente pode dizer inseto?"</p>	<p>Predicação (venenosas)</p> <p>Hiperônimo (inseto)</p>	Ativação de um enquadre cognitivo		Menos prototípico		<p>que é o superordenado ao prototípico. Frente a não compreensão desse hiperônimo, o sujeito predica. (venenosas). Por fim, ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente que, embora não esteja na cadeia hierárquica dos hipônimos, está no mesmo frame que eles</p>	<p>Anáfora indireta e por subespecificação</p>	<p>ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico ("réptil")</p>
--	---	--	-----------------------------------	--	-------------------	--	--	--	---

Quadro 13. Análise esquemática e panorâmica dos dados de casos não patológicos.

I. 4 Holônimos + apreciação (2+2) – Diante do primeiro e no segundo conjuntos de co-hipônimos, respectivamente, “sofá, mesa, estante” e “alface, rúcula e agrião”, são ativados os holônimos “sala” e “horta”. DN, então, qualifica, no primeiro conjunto, os co-hipônimos como belo (em relação a “sofá”) e tipo colonial (referindo-se à “estante”), descrevendo o holônimo ativado.

JO: Então...oh...ahm...são só três palavras...que eu peço pro senhor ((D faz uma expressão de descontentamento)) posso te chamar de você, né? ((risos)) que eu peço pra você agrupar em um conjunto. Mas primeiro eu gostaria que você falasse seu nome e sua ida- sua data de nascimento.
DN: Meu nome é Dirceu Sordi Nogueira...nascido em 10 de 11... quer dizer... de Novembro de 1946.
JO: Aham
DN: 65 anos...prestes a completar 66. ((risos))
JO: Aham ((risos)) Então... o primeiro conjunto de palavras/...ahm... que eu peço pra você englobar / ((gesticula)) em uma palavra só/ ou em uma expressão/ é sofa, mesa e estante.
DN: Sofá mesa e estante?
JO: Isso
DN: Minha sala possui um belo sofá, uma mesa e uma estante tipo colonial.
JO: Então sala englobaria isso tudo?
DN: ((balança a cabeça afirmativamente)) sala englobaria isso tudo.

No segundo conjunto é ativado outro holônimo “sítio”, dessa vez tendo “horta” como merônimo. “Verdura” também é um item lexical ativado, caracterizado como mais prototípico já que, embora hiperonímico, localiza-se, na hierarquia semântica, mais distante do hiperônimo prototípico “hortaliças”. Os dois holônimos (sítio e horta), ativados nesse segundo conjunto, bem como o item lexical mais prototípico selecionado mostram, m consonância com a construção “Que nós temos”, que o participante buscou enquadrar cognitivamente os co-hipônimos ao categorizar, ajustando a atividade ao seu contexto.

JO: Tá...alface rúcula agrião
DN: Uma horta
JO: Uma horta... aham
DN: Que nós temos no sítio...uma horta onde se destacam essas verduras
JO: Tá ótimo
DN: São justamente essas verduras que se destacam...alface, agrião e:
JO: Rúcula.

OR, por sua vez, diante dos mesmos conjuntos de co-hipônimos, tem um posicionamento semelhante ao de DN, evocando o holônimo “sala de jantar” para o primeiro e “salada” para o segundo. Note, ainda, que esse mesmo holônimo, “salada”, é ativado por AP, com DA, como estratégia de referência.

JO: Uhum: alface, rúcula e agrião.
OR: Salada

II. 6 Hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico (2+4) - Frente ao quarto conjunto de co-hipônimos “quindim, goiabada, brigadeiro”, o item lexical “doces” é, em meio à mobilização de enquadres cognitivos (“festa de criança”, “festa do meu neto”- vide, nesta seção, o item III a), construído; tal como o hiperônimo prototípico “figuras geométricas” é ativado em meio às ancoras ativadoras de enquadres (“ciência”, “ciências exatas”, “matemática”, “arquiteto”, “exatas”) diante do décimo quinto conjunto de co-hipônimos “redondo, quadrado, oval”.

JO: Quindim goiabada e brigadeiro

DN: Muito comum é:: esses três doces... quindim goiabada e brigadeiro... em festa de criança... aliás eu participei de uma que foi a festa do meu neto e tinha esses três doces

JO: Redondo, quadrado e oval

DN: Bom, três figuras geométricas que: dependo do que você pensa...se pensar em: em: ciência...eles pertencem às ciências exatas...são estudados. Se pensar em: em: digamos...+faz movimento com as mãos+ o que eu diria...como figura geométrica é ciência, matemática...ou: fazem parte da: ahm: por exemplo: ahm: por exemplo: ((DN mostra-se um pouco irritado)) se você é um arquiteto... AH bom, +bate na mesa+ ...é mais que se identifica com as exatas

Diante do quinto e do sexto conjuntos, respectivamente “Lula, FHC, Sarney” e “vermelho, rosa e verde”, o participante OR ativa os hiperônimos prototípicos “presidentes?” e “cores?”. Cabe destacar que o tom interrogativo é, possivelmente, devido à insegurança compreensível do participante que se vê diante de uma atividade que lhe parece incomum, não costumeira, além da

preocupação em servir bem, em satisfazer, em “acertar” e não desapontar, mesmo diante da explicação da pesquisadora acerca do contexto da pesquisa e do tentativa de manutenção de um tom o mais informal possível.

JO: Tá... Lula FHC e Sarney

OR: (PAUSA)

JO: O Lula... o Fernando Henrique Cardoso né? e o Sarney.

OR: Eles seriam o que? Presidentes?

JO: Uhum:

“Jogo” e “cantor” são os hiperônimos prototípicos selecionados diante dos conjuntos de co-hipônimos “bingo, xadrez, dominó” e “Roberto Carlos, Jair Rodrigues e Carmen Miranda”, décimo sexto e décimo sétimo respectivamente.

JO: Bingo xadrez dominó

OR: Jogo

JO: Jair Rodrigues Roberto Carlos e Carmen Miranda

OR: Cantor

III. 10 descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos: A retomada por descrição nominal configura-se como uma atividade anafórica em que o uso de uma descrição nominal implica sempre uma escolha dentre as propriedades ou qualidades capazes de caracterizar o referente, escolha esta que será feita, em cada contexto, em função do projeto comunicativo do produtor do texto (KOCH, 1984, 1989, 1997, 2002a, b, 2004, p. 251). Desse modo, são ativadas, dentre os conhecimentos pressupostos como partilhados do participante com o(s) interlocutor(es), isto é, a partir de um background tido por comum, algumas características ou traços do referente que o locutor procura ressaltar ou enfatizar. Assim, o uso da referência por anáfora adquire um cunho avaliativo, em que são veiculadas opiniões, crenças e atitudes do falante, que busca ajustar o conhecimento partilhado com o interlocutor e/ou trazer informações que o participante julgava desconhecidas. Caso o núcleo dessa descrição seja um hiperônimo prototípico, temos as

ocorrências descritas em VI. No entanto, quando o núcleo é (a) um referente construído por anáfora indireta – podendo ou não ser de (b)um objeto de discurso com caráter associativo, isto é, ativado através de um objeto de discurso que estabelece uma relação de ingradiência⁴³ com elementos presentes no contexto sociocognitivo e pertencente ao mesmo enquadre cognitivo dos co-hipônimos – temos os dados que serão tratados aqui. Juntamente a eles, trataremos dos casos em que as descrições a que os falantes recorrem diante dos co-hipônimos resumem-se em (c)qualificadores, ativados através de uma referência subespecificada.

a) *Descrição/apreciação em que constam âncoras que exploram o enquadre cognitivo do referente por meio da anáfora indireta (8+0):* “festa de criança” e “festa do meu neto” são as duas construções ativada, por anáfora indireta por DN diante do quarto conjunto de co-hipônimos “quindim, goiabada, brigadeiro”. A primeira construção revela que o participante, pautado em experiências socialmente construídas, enquadrou sociocognitivamente os co-hipônimo em uma situação festiva infantil. A segunda, por sua vez, aprofunda esse enquadre e mostra que o participante insere-se de acordo com sua experiência pessoal na atividade de categorização, incorporando, inclusive, o hiperônimo prototípico (“doces”) nesse frame ao formular “aliás eu participei de uma que foi a festa do meu neto e tinha esses três doces”.

JO: Quindim goiabada e brigadeiro
DN: Muito comum é:: esses três doces... quindim goiabada e brigadeiro... em festa de criança... aliás eu participei de uma que foi a festa do meu neto e tinha esses três doces
JO: Então... doces que tem em festas de crianças
DN: Festa de criança

No décimo primeiro conjunto “Tarcísio Meira, Lima Duarte e Tony Ramos”, ao dizer “três grandes expoentes da nossa dramaturgia”, DN demonstra um enquadre cognitivo em que “expoentes” tem uma carga metafórica de elevação

⁴³ Nesse tipo de relação, descrita por Lesniewski (1989), mais que uma associação metonímica, tem-se que o objeto do discurso construído é um ‘ingrediente’ do enquadre cognitivo mobilizado.

e de superioridade associada, “dramaturgia” é um hiperônimo bem mais prototípico, estando mais distante na hierarquia semântica que o prototípico “atores” e “grandes” também qualifica positivamente os co-hipônimos. Assim, os itens lexicais ativados por anáfora indireta “expoentes”, “dramaturgia” e “teatro” (posteriormente evocados) demonstram o frame mobilizado pelo participante.

JO: Tony Ramos Lima Duarte e Tarcísio Meira
DN: Três grandes expoentes da nossa dramaturgia [JO: aham] & que é o Tarcísio Meira... o Lima Duarte e:
JO: Tony Ramos
DN: e o Tony Ramos...trabalham muito bem...são invejáveis naquilo que fazem no teatro

No décimo segundo conjunto de co-hipônimos, não bastando a ativação do hiperônimo prototípico e uma construção qualificadora, são ativados, por anáfora indireta, os itens lexicais “cultura”, “livros”, “guias”, “evolução”, “língua portuguesa”, compondo um enquadre cognitivo em que o participante demonstra, através de “cultura”, “guias” e “evolução” sua admiração pelos escritores.

JO: Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
DN: Três escritores que jamais serão esquecidos [JO: Aham] porque: fazem parte da nossa cultura..ahm: e: até hoje... são profundamente estudados...seus livros são guias para nossa: digamos... evolução...inclusive... quando se fala em: quando nós falamos na língua portuguesa... nós não podemos esquecer dos três
JO: Aham: ((sorri))

Frente ao décimo quinto conjunto de co-hipônimos “redondo, quadrado, oval”, são ativadas por anáfora indireta, juntamente com o hiperônimo prototípico, âncoras que compõem um enquadre cognitivo formulado pelo participante. Tais âncoras são: “ciência”, “matemática”, “arquiteto”, “exata”, isto é, três áreas do conhecimento, sendo “ciência” a mais hiperonímica, “exatas” hipônima a ela e “matemática”, hiponímica em relação a “exatas”, e “arquiteto” um profissional que trabalha com as referidas “formas geométricas”, de modo que todo um frame é mobilizado nessa categorização.

JO: Redondo, quadrado e oval
DN: Bom, três figuras geométricas que: dependo do que você pensa...se pensar em: em: ciência...eles pertencem às ciências exatas...são estudados. Se pensar em: em: digamos...+faz movimento com as mãos+ o que eu diria...como figura geométrica é ciência, matemática...ou: fazem parte da: ahm: por exemplo: ahm: por exemplo: ((DN mostra-se um pouco irritado)) se você é um arquiteto... AH bom, +bate na mesa+ ...é mais que se identifica com as exatas

Diante do décimo sexto conjunto de co-hipônimos, “bingo, xadrez e dominó”, “não ter muita afinidade” é a primeira tentativa que o participante faz para agrupá-los, sendo a segunda, descrever cada um dos co-hipônimos, ativando âncoras, como “raciocínio”, “aleatório”, que pertencem a enquadres diferentes, quase opostos. Por fim, DN agrupa-os pela negação ao afirmar “não tem uma coisa a ver com outra... eles não se identificam”.

JO: Bingo xadrez e dominó
DN: Olha, eu não tenho muita afinidade: bingo, xadrez e dominó...porque: o xadrez...ele desenvolve muito o raciocínio...você depende do raciocínio...o dominó um pouco não muito...agora: o bingo é aleatório...são três jogos que: não tem uma coisa a ver com outra... eles não se identificam
JO: Aham...

Um procedimento semelhante acontece diante dos co-hipônimos do décimo sétimo conjunto “Roberto Carlos, Jair Rodrigues e Carmen Miranda” em que, após ativar o hiperônimo prototípico “cantores” e qualificá-lo, o participante discorre sobre os co-hipônimos ativando, por anáfora indireta, âncoras como música, samba e jovem guarda, que, revelam um enquadre cognitivo de DN pautado em suas lembranças, sobretudo em relação à jovem guarda.

JO: Aham...Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda
DN: Três cantores de épocas diferentes e também...digamos: com tipos de música diferentes...a Carmem Miranda antiga... o Jair Rodrigues que gosta de um samba um pouco mais contemporâneo e o: Roberto Carlos representa a jovem guarda e está até hoje parece que: cantando na jovem guarda

“Predadora”, “meio ambiente”, “sapo” são algumas âncoras mobilizadas pelo participante DN ao compor um enquadre cognitivo diante do décimo oitavo conjunto de co-hipônimos “jiboia, coral e cascavel”.

JO: Aham...jibóia coral e casca- cascavel
DN: É...três cobras...a mais venenosa é a cascavel...a outra... coral... pode ser venenosa ou não... e a outra... jiboia... não é venenosa... sendo que a jiboia é predadora das outras duas ao que eu sei...e: ela ajuda a equilibrar...ela come sapo e outros animais ...ajuda a equilibrar o meio ambiente...e as outras duas...a coral pode ser venenosa ou não...a cascavel é venenosa

- b) 2 *Descrição/ apreciação em que essas âncoras também aparecem, mas sob a forma de qualificadores por referência subespecificada (1+1)*: No décimo oitavo conjunto “jibóia, coral, cascavel”, a categorização das cobras enquanto venenosas ou não venenosas deixa subespecificado o hiperônimo prototípico, ativado a mais venenosa apenas no início da referência “a cascavel...a outra... coral... pode ser venenosa ou não... e a outra... jiboia... não é venenosa...”. Nesse já referido conjunto de co-hipônimos, o décimo oitavo, composto por “jiboia, coral, cascavel”, OR ativa o qualificador venenosas, tal como DN, no entanto, diante da pergunta “Hum: mas são o quê venenosas?” da pesquisadora, que pretendia verificar o item subespecificado, OR responde “A gente pode dizer inseto?”, contrastando com o item subespecificado “cobra” de DN. Verifica-se, então, que inseto, enquanto animal, se ajusta ao enquadre cognitivo dos co-hipônimos, não sendo uma escolha arbitrária. O participante, já inseguro com a situação comunicativa em curso, tenta, logo em um primeiro contato com os co-hipônimos em questão, evocar o item “réptil”, mais prototípico em relação ao prototípico “cobras”, além de categorizar os co-hipônimos de modo subespecificado como “venenosas” e, somente quando questionado pela pesquisadora, enuncia “inseto”, item menos prototípico em relação a “cobras” e mais prototípico em relação a “animais”. Entre “cobra” e “inseto”, também podemos destacar a característica em comum de serem animais indesejados em meio humano, que, por exemplo, em alguns casos e

com graus de severidade diferentes, picam. Talvez tais características, além da insegurança, tenham motivado a ativação desse item.

JO: Aham...jibóia coral e casca- cascavel

DN: É...três cobras...a mais venenosa é a cascavel...a outra... coral... pode ser venenosa ou não... e a outra... jiboia... não é venenosa... sendo que a jiboia é predadora das outras duas ao que eu sei...e: ela ajuda a equilibrar...ela come sapo e outros animais ...ajuda a equilibrar o meio ambiente...e as outras duas...a coral pode ser venenosa ou não...a cascavel é venenosa

JO: Jiboia coral e cascavel
OR: °(Raptil riptil riptal)°
JO: Como?
OR: °(Raptil riptil riptal)°...o pessoal que fala
JO: Hum: não entendi o que o senhor disse
OR: Jiboia:
JO: Jiboia coral e cascavel
OR: Venenosas
JO: Hum: mas são o quê venenosas?
OR: A gente pode dizer inseto?
JO: Aham: (PAUSA) tá...tá...é isso aí

IV. 5 Itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos (2+3) No terceiro conjunto de co-hipônimos, não bastando a ativação do hiperônimo prototípico seguido de uma delimitação temporal, em “bebidas servidas no fim de semana”, DN mobiliza, não arbitrariamente, diante de “cerveja, vinho e licor”, o frame “festa do meu aniversário”, dada a proximidade desse evento ao momento em que a aplicação do protocolo estava sendo realizada. Enquadrando sociocognitivamente os co-hipônimos, então, o participante recupera anaforicamente, através do dêitico “elas”, o hiperônimo prototípico bebidas na construção “especialmente na festa do meu aniversário elas serão servidas”, em que ele demonstra que o evento pessoal categoriza e organiza os itens lexicais construídos.

JO: Rúcula...cerveja vinho e licor.
DN: Normalmente são bebidas servidas no fim de semana...agora: ...especialmente na festa do meu aniversário elas serão servidas.
JO: Hum:
DN: O licor a cerveja e o vinho

Diante do oitavo conjunto de co-hipônimos, são mobilizados o hiperônimo prototípico família e, como pertencente a esse hiperônimo, temos “agregados”, revelando um enquadre cognitivo. No entanto, ao longo da progressão textual, surge uma condição “porque o cunhado e o gen- o genro é agregado e o cunhado pode ser da família ou não: se ele se casar com alguém da família...será da família...se não se casar será agregado também...”. Logo, há a separação do frame em dois, um que é a “família”, cujos membros são marcados pelo ato do casamento, e outro são os “agregados”, que ainda não casaram. Assim, o participante conclui sua categorização: “os três podem ser da família ou agregados”.

JO: Sogra cunhado e genro

DN: Bom... uma família/...ahm...uma família/...digamos completa/... com os agregados/... normalmente tem sogra cumad- [JO: cunhado] & cunhado e genro...porque o cunhado e o gen- o genro é agregado e o cunhado pode ser da família ou não
JO: Ah tá
DN: Se ele se casar com alguém da família...será da família...se não se casar será agregado também...os três podem ser da família ou agregados
JO: Ah: aham ((sorri))

Ao ativar “churrasco” diante do terceiro conjunto de co-hipônimos “vinho, cerveja, licor”, OR revela um enquadre cognitivo, admitindo, dentro desse frame, a predominância de um co-hipônimo, como “cerveja”, em detrimento a outro, como “licor”, optando, por fim, por um outro enquadre, “banquete”, em que se observa a presença dos três co-hipônimos de maneira comumente menos heterogênea.

JO: Cerveja vinho e Licor
OR: Churrasco
JO: Hum: por quê? O senhor acha que no churrasco tem isso?
OR: É: às vezes tem... mas não o licor...agora o vinho e a cerveja...principalmente a cerveja né? Ah...um banquete...
JO:Uhum:

O décimo segundo conjunto de co-hipônimos, composto pelos itens lexicais “Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado”, é referido através do item

lexical “estórias”, pertencente e, simultaneamente, ativador do mesmo enquadre cognitivo dos co-hipônimos, que elencam atores e fazem emergir um universo literário do qual as “estórias” fazem parte.

JO: Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
OR: Estórias

Diante do décimo terceiro conjunto de co-hipônimos, “avião, ônibus, navio”, o participante OR ativa o item lexical “viagem”, também pertencente ao mesmo enquadre cognitivo dos co-hipônimos e do hiperônimo prototípico “(meios de) transportes”.

JO: Avião ônibus e navio.
OR: Tá na ponta da língua e não vem...ahm: uma viagem...mas teria uma palavra mais certa né?
JO: Meios de transporte?
OR: Transporte era isso que estava na ponta da língua e não saia

V. 6 Hiperônimo prototípico + predicções (6+0) – O terceiro conjunto de co-hipônimos, formado pelos itens lexicais “cerveja, vinho e licor”, é referido, por hiperonímia, a partir do item lexical “bebidas” qualificado por “servidas no fim de semana”, de modo que o participante enquadra de maneira temporal o hiperônimo ativado.

JO: cerveja vinho e licor.
DN: Normalmente são bebidas servidas no fim de semana...agora: ...especialmente na festa do meu aniversário elas serão servidas.
JO: Hum:
DN: O licor a cerveja e o vinho

Diante do quinto conjunto de co-hipônimos, “Lula, FHC, Sarney”, é evocada a construção ““Três ex-presidentes do Brasil/... com os quais eu não me afinei\”, sendo “presidentes” o hiperônimo prototípico e “ex”, “do Brasil”, “com os quais não me afinei”, os qualificadores, sendo a última construção aquela em que DN realmente se coloca e categoriza de maneira mais parcial, demonstrando que o referir é uma atividade de reconstrução e co-construção de sentidos.

JO: Lula o FHC e o Sarney
DN: ((começa a rir))
JO: ((ri também, após DN))
DN: Três ex-presidentes do Brasil/...Ahm:... com os quais eu não me afinei\
JO: Aham: ((ri))

Perante aos co-hipônimos “vermelho, rosa e verde, constituintes do sexto conjunto, DN evoca o hiperônimo prototípico “cores” ao qualificar o co-hipônimo “verde” como “cor da bandeira brasileira”, bem como ao qualificar todos os co-hipônimos como “cores que que normalmente você não encontra em harmonia ...geralmente estão em espaços em locais diferentes”. Nessa última construção, podemos verificar que o participante, embora já tenha agrupado os itens lexicais co-hiponímicos em um hiperônimo prototípico, acaba também por agrupá-los justamente por não se encontrarem “em harmonia” ou por estarem “em espaços em locais diferentes”, tal como acontece diante do nono conjunto, ao agrupar “Brasil, México e Paquistão” como “com culturas completamente diferentes”, estando “países” subespecificado.

JO: vermelho rosa e verde
DN: Bom...esse último é:...cor da bandeira brasileira...uma das cores da bandeira brasileira. Vermelho, rosa e verde são cores que normalmente você não encontra em harmonia ...geralmente estão em espaços em locais diferentes

JO: Ah: aham ((sorri)). Brasil México e Paquistão
DN: Brasil e México... dois países da América do Sul...América do Sul? [JO: Ahm...] &México: acho que é América do Sul?
JO: América latina né?
DN: Eu...e o outro lá...o Paquistão é: do Orien-do Oriente ou Asi- ou Ásia ou Oriente...com culturas completamente diferentes
JO: Países com culturas diferentes
DN: ((balança a cabeça afirmativamente))

Frente ao sétimo conjunto de co-hipônimos “Mercúrio, Marte, Vênus”, é ativado o hiperônimo prototípico “planetas” e, como qualificador, temos um hiperônimo mais prototípico e, portanto, mais distante, na hierarquia semântica,

dos co-hipônimos, “sistema solar”. É interessante notar que há a necessidade de lançar mão de um qualificador para um hiperônimo prototípico e esse qualificador, que especifica o sentido da expressão, ser um termo mais genérico que o próprio hiperônimo mobilizado. Situação semelhante acontece diante do já referido nono conjunto de co-hipônimos “Brasil, México e Paquistão”, em que os itens lexicais “América Latina”, “América do Sul”, “Oriente” e “Ásia” são utilizados para especificar e qualificar o hiperônimo prototípico “países”.

JO: Mercúrio Marte e Vênus
DN: três sistemas... três planetas do nosso sistema solar

O décimo conjunto de co-hipônimos “cachorro, gato e papagaio” é referenciado, por DN, através do hiperônimo prototípico “animal” atrelado aos qualificadores “domésticos” e a “geralmente convivem”, que o especificam.

JO: Cachorro gato papagaio
DN: Três animais domésticos...cachorro...gato...e papagaio...geralmente convivem.

Diante do já referido décimo segundo conjunto de co-hipônimos “Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado”, o hiperônimo prototípico “escritores” é ativado, sendo “que jamais serão esquecidos” o que o especifica e qualifica. A essa apreciação, seguem âncoras mobilizadoras de um enquadre cognitiva que serão tratadas em a).

DN: Três escritores que jamais serão esquecidos [JO: Aham] porque: fazem parte da nossa cultura..ahm: e: até hoje... são profundamente estudados...seus livros são guias para nossa: digamos... evolução...inclusive... quando se fala em: quando nós falamos na língua portuguesa... nós não podemos esquecer dos três
JO: Aham: ((sorri))

VI. 1 Hiperônimo mais prototípico (0+1) – os hiperônimos mais prototípicos, cabe lembrar, são considerados aqueles hiperônimos que fazem parte do mesmo frame que os hipônimos enunciados, mas localizam-se em um patamar outro da escala hierárquica ativada que não a prototípica ou de nível básico. “Uma

criação” é a expressão formulada por OR diante do décimo conjunto de co-hipônimo “cachorro, gato, papagaio”. Admitindo que “criação” é sinônimo de “grupo de animais domesticados e criados em casa”, verifica-se que o participante mobilizou um enquadre cognitivo coerente com os co-hipônimos a partir desse item lexical “criação”, considerado mais prototípico porque mais distante, na hierarquia semântica e, portanto, mais genérico.

JO: Cachorro gato e papagaio.
OR: Uma criação?
JO: Criação
JO: Aham...

- VII. 2 Hiperônimo mais prototípico + predicções (1+1) - Frente ao conjunto de co-hipônimos “avião, ônibus e navio”, o participante DN ativa “máquinas de transporte”, sendo “máquinas” mais prototípico que “meios”, e qualificando “máquinas” como “diferentes quanto ao meio que circulam”, que também é uma forma de agrupar e categorizar.

JO: avião ônibus e navio
DN: Bom...avião ônibus e navio são três máquinas...de transporte [J: Aham] & é: diferentes quanto ao meio que circulam

Diante do nono conjunto de co-hipônimos, constituído por “Brasil, México e Paquistão”, OR seleciona o item lexical “estados” que, embora não sendo o hiperônimo prototípico, pertence ao mesmo enquadre cognitivo que “países”, introduzido pela pesquisadora, de modo que o participante demonstrou que compreendeu o frame em questão.

JO: Brasil México e Paquistão
OR: Estados não pode ser... né?
JO: Estados:...países?
OR: Países

- VIII. 2 Hiperônimos menos prototípicos (0+2) – Perante ao quarto conjunto de co-hipônimos, composto por “quindim, goiabada e brigadeiro”, OR ativa o item lexical “bolo”, pertencente ao mesmo plano dos co-hipônimos na hierarquia

semântica, sendo um co-hipônimo em potencial. Embora pertença ao mesmo frame dos outros co-hipônimos, o item lexical ativado foi considerado menos prototípico por não estar em consonância com o comando, que pedia o agrupamento em um conjunto.

JO:Uhum: quindim goiabada e brigadeiro
OR: (PAUSA) Bolo
JO: Hum: como eu poderia colocá-los em um conjunto... assim: agrupar? Quindim...goiabada ... e brigadeiro
OR: Hum: esse eu vou ficar te devendo
JO: Tá...

Diante do décimo quinto conjunto de co-hipônimos “redondo, quadrado, oval”, OR seleciona o item lexical “bandeira”, e por descrever o centro dela como oval, parece querer referir-se à bandeira brasileira, embora o próprio oval não esteja presente nela. Assim, apesar de haver uma aparente relação entre as formas geométricas e as bandeiras, esse último item lexical é considerado menos prototípico por não pertencer ao mesmo enquadre cognitivo dos co-hipônimos e do hiperônimo prototípico “formas geométricas”.

JO: Redondo quadrado e oval
OR: Bandeira? Não é? Ou não?
JO: Oval?
OR: É o centro dela né?

IX. 1 Alegou não saber responder (0+1): Diante do sétimo conjunto, aquele composto por “Mercúrio, Marte, Vênus”, OR alegou não saber responder, tal como LE, um dos participantes afásicos, provavelmente por ser um conjunto cuja categorização exija a mobilização de conhecimento intelectual/ linguístico / explícito / declarativo, altamente standardizado.

JO: Mercúrio Marte e Vênus
OR: (PAUSA)
JO: É um conjunto de:
OR: Esse me foge da memória

X. 1 Mal entendido (1+0): O décimo quarto conjunto de co-hipônimos “valsa, forró e samba” foi entendido pelo participante como “balsa, forró e samba”,

mesmo com a pesquisadora insistindo no item lexical “valsa”. Assim, o participante realizou a atividade de referenciação com base em “balsa, forró e samba”, classificando tais co-hipônimos como representantes do “nosso Nordeste, incluindo a Bahia” e “símbolos do nosso Nordeste... incluindo a Bahia”, criando uma conotação metafórica para “símbolos” e situando o enquadre em uma região brasileira.

JO: Valsa forró e samba.

DN: Balsa, forró e samba...ahm: eles representam o nosso nordeste...incluindo a Bahia. Quando se fala em balsa forró e samba [J: VALSA VALSA] ((D continua, parecendo não ouvir o que JO fala)) & nós pensamos na Bahia ou no nordeste...porque: seriam símbolos do nosso Nordeste... incluindo a Bahia

6.2. Descrição e contextualização dos dados de participantes do grupo controle dos participantes afásicos

Tanto a interação com LE quanto com MS aconteceu no Centro de Convivência de Afásicos da Unicamp - CCA, após uma das reuniões semanais entre afásicos e não afásicos realizadas nesse centro. Antes desse encontro, a pesquisadora já havia sido apresentada ao grupo que frequenta as reuniões do CCA por intermédio da Prof^a Dr^a Edwiges Morato, bem como havia participado de uma das atividades culturais do grupo, em que uma exposição de arte contemporânea foi visitada.

Antes de iniciar a aplicação do protocolo propriamente dita, o tópico da conversa com LE foi a busca de por um possível emprego e, com MS, a conversa girou em torno de sua experiência com câmeras devido ao cargo que ele ocupava em uma emissora de televisão.

Iniciando a análise do corpus propriamente dito, na aplicação do protocolo, perante a apresentação dos 18 de co-hipônimos para cada participante, somando, portanto, 36 apresentações de co-hipônimos repetidos dois a dois. Utilizando a estrutura “n X (nLE +nMS), Y”, onde n é a quantidade total de ocorrências de um determinado o recurso linguístico X, distribuídas segundo o quanto LE e MS individualmente lançaram mão de tais recursos. Y representa as prováveis motivações de cunho semântico, pragmático e textual que levaram os participantes a proceder de tal maneira e não de outra, bem como a descrição do percurso linguístico realizado. Z é a transcrição do corpus da pesquisa, que mostra o que Y descreve.

Frente aos dados e explicitado o esquema de análise, a ser seguido de forma análoga para os três grupos contemplados pela pesquisa (afásicos, doentes de Alzheimer e casos não patológicos), temos que foram obtidas as seguintes ocorrências:

<u>SUJEITO</u>	<u>Nº</u>	<u>OCORRÊNCIA</u>	<u>DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA LEXICAL DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>PROCEDIMENTO REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>ITEM LEXICAL (HIPERÔNIMO) PROTÓTIPO</u>	<u>GRAU DE PROTOTIPICIDADE DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>EVOCÇÃO DE UM ITEM LEXICAL OU DE UM ENUNCIADO/SINTAGMA OU DE GESTOS</u>	<u>PROCEDIMENTO TEXTUAL REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>TIPO DE ANÁFORA</u>	<u>ENQUADRE COGNITIVO</u>
-LEAFÁSICO	1	“Sala”	Holônimo	Holonímia	Móveis	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espacial	Anáfora por meronímia/Holonímia	Por ativação de um item lexical (“sala”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
	2	“Cozinha”	Item lexical diretamente mobilizador de enquadre cognitivo	Ativação de um enquadre cognitivo	Hortaliças	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espacial	Anáfora indireta	Por ativação de um item lexical (“cozinha”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
	3	“Aniversário”	Item lexical diretamente mobilizador de enquadre cognitivo	Ativação de um enquadre cognitivo	Bebidas	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espaço-temporal que demonstra o enquadre	Anáfora indireta	Por ativação, via experiência situada, de um item lexical (“aniversário”) pertencente ao mesmo campo semântico,

								cognitivo do sujeito		pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
4	“Café da manhã”	Expressão diretamente mobilizadora de enquadre cognitivo	Ativação de um enquadre cognitivo	Doces	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação, através dos hipônimos, de um referente espaço-temporal que demonstra o enquadre cognitivo do sujeito	Anáfora indireta	Por ativação, via experiência situada, de uma expressão (“café da manhã”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
5	“Bom” “O Lula foi bom”	Predicação/Apreciação	Categorização por predicação	Presidentes	Menos prototípico	Item Lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um enquadre cognitivo expresso pela predicação. “Bom” é ativado como uma qualidade comum a todos os co-hipônimos em questão.	Anáfora associativa	Por ativação de um ponto de vista, uma opinião.	
6	“eu gosto dessas cor aí”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cores	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica,	Anáfora I por	Por ativação, via apreciação, de	

								através dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo prototípico.	hiponímia/hiperonímia	um item lexical (“cor”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
7	“esse negócio dos planeta”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Planetas	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“planeta”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
8	“Eles foram bom”	Dêitico discursivo acompanhado de predicação	Relação de hiperonímia - Categorização por objeto de discurso acrescido de	Família	Menos prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um objeto de discurso (eles),	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela expressão, via experiência situada, de uma opinião, de um ponto de vista.	

				predicação				bastante hiperonímico, seguido da predicação desse objeto, o que o torna mais específico, logo, menos genérico.		
9	“Tem um país que eu acho ruim...Paquistão”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Países	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, via apreciação, de um item lexical (“país”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
10	“Eu gosto desses animal aí.”	Apreciação com a presença de um hiperônimo prototípico	Relação de hiperonímia	Animais	Apesar de a resposta ser uma apreciação, é “mais prototípico” porque ocorreu a ativação do frame (animal, quintal).	Enunciado/Sintagma	No interior de uma apreciação em relação aos hipônimos, ocorre a ativação anafórica de um referente sob a forma de um hiperônimo	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela expressão, via experiência situada, de uma opinião, de um ponto de vista	

		“Quintal”	Item lexical mobilizador de um enquadre cognitivo	Ativação de enquadre cognitivo		Mais prototípico	Item Lexical	prototípico. Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente que revela como o participante enquadra cognitivamente os co-hipônimos	Anáfora indireta	Por ativação de um item lexical (“quintal”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
11	“Eles são bom.”	Dêitico discursivo acompanhado de predicação	Relação de hiperonímia - Categorização por objeto de discurso acrescido de predicação	Atores	Menos prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um objeto de discurso (eles), bastante hiperonímico, seguido da predicação desse objeto, o que o torna mais específico, logo, menos genérico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela expressão, via experiência situada, de uma opinião, de um ponto de vista.	
	“Grupo de artistas”	Hiperônimos	Relação de hiperonímia		Prototípico		Ativação anafórica,		Pela ativação de itens lexicais (“grupo”, “artistas”). pertencentes ao mesmo campo semântico,	

								através dos hipônimos, de um referente superordenado (grupo), que é predicado e especificado através de um referente menos superordenado (artista), mas ainda mais superordenado que o prototípico (atores).		pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
12	Alegou não saber responder				Escritores					
13	“Passear” “Férias”	Itens lexicais pertencentes ao mesmo frame dos hipônimos	Categorização através da ativação do frame	Meios de transporte	Mais prototípico Mais prototípico	Item lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente que evoca o frame a que os hipônimos também pertencem.	Anáfora indireta	Pela ativação de itens lexicais (“passear”, “férias”). pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
14	“baile”	Itens lexicais pertencentes	Categorização através da	Música/ Dança	Mais prototípico	Item lexical	Ativação, através dos	Anáfora indireta	Pela ativação de um	

			ao mesmo frame dos hipônimos	ativação do frame				hipônimos, de um referente que evoca o frame a que os hipônimos também pertencem.		item lexical (“baile”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
15	Alegou não lembrar				Formas geométricas					
16	“Brinquedo”	Itens lexicais pertencentes ao mesmo frame dos hipônimos	Categorização através da ativação do frame	Jogos	Mais prototípico	Item lexical	Ativação, através dos hipônimos, de um referente que evoca o frame a que os hipônimos também pertencem.	Anáfora indireta	Pela ativação de um item lexical (“brinquedo”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
17	“Grupo de artista bom”	Hiperônimos acompanhados de predicação	Relação de hiperonímia	Cantores	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente superordenado (grupo), que é predicado e especificado através de um referente menos	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela expressão, via apreciação, de uma opinião, de um ponto de vista e pela ativação de itens lexicais (“grupo”, “artistas”). pertencentes ao mesmo campo semântico,	

								superordenado (artista), mas ainda mais superordenado que o prototípico (cantores).		pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
	18	“Cobra”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cobras	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia.	Pela ativação de um item lexical (“cobra”). pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
<u>SUJEITO</u>	<u>Nº</u>	<u>OCORRÊNCIA</u>	<u>DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA LEXICAL DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>PROCEDIMENTO REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>ITEM LEXICAL (HIPERÔNIMO) PROTOTÍPICO</u>	<u>GRAU DE PROTOTIPICIDADE DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>EVOCÇÃO DE UM ITEM LEXICAL OU DE UM ENUNCIADO /SINTAGMA OU DE</u>	<u>PROCEDIMENTO TEXTUAL REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>TIPO DE ANÁFORA</u>	<u>ENQUADRE COGNITIVO</u>

							<u>GESTOS</u>			
-MS- AFÁSICO	1	“M- ... móveis”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Móveis	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação de um item lexical (“móveis”). pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
	2	“(PAUSA)...+balbucia+...+faz sinal com a mão para esperar+...rúquila...é: ...rúcula: maravilha... alface: maravilha...+balbucia+...ve - ge - tais....((sorri))...isso”	Predicações “maravilha” Hiperônimo	Predicação Relação de hiperonímia	Hortaliças	Mais prototípico	Item Lexical	Avaliação positiva (“maravilha”) de cada um dos hipônimos enunciados e ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente, que é superordenado ao hiperônimo prototípico (vegetais).	Predicação Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por expressão de uma opinião, de um ponto de vista.
	3	“Bebidas”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Bebidas	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica,	Anáfora por	Pela ativação de um item lexical

								através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	hiponímia/ hiperonímia	("bebidas") pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
4	"é:(PAUSA)...+balbucia+...como chama...brinquedos...não...brigadeiro...quindim..." "balbucia)...brinquedos...não..."	Item lexical pertencente ao mesmo frame do hiperônimo prototípico	Ativação de um enquadre cognitivo	Doces	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um item lexical ("brinquedo") que pode estar dentro do enquadre cognitivo do hiperônimo prototípico.	Anáfora indireta	Pela ativação de um item lexical ("brinquedo") pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
5	"presidentes do Brasil"	Hiperônimo prototípico acompanhado por predicação	Relação de hiperonímia	Presidentes	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/ hiperonímia	Pela ativação de um item lexical ("presidentes") pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e	

										que coincide com o hiperônimo prototípico
6	“Cores”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cores	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação de um item lexical (“cores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
7	“Planetas”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Planetas	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação de um item lexical (“planetas”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	

8	<p>“MS: Eu tive cinco...eu tive cinco esposas JO: <u>Cinco</u> sogras ((JO e MS riem)) JO: Então:...como eu consigo colocar em um conjunto sogra cunhado e genro? MS: É: ...parentesco”</p>	Item lexical (“parentesco”)pertencent e ao mesmo frame do hiperônimo prototípico	Ativação de um enquadre cognitivo	Família	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um item lexical (parentesco) que pode estar dentro do enquadre cognitivo do hiperônimo prototípico.	Anáfora indireta	Pela ativação, via experiência situada, de um item lexical (“parentesco”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
9	<p>“MS:&Eu...Brasil..excelente...México...excelente...+Paquistão+ +MS faz um sinal de negativo com o dedo+ MS: & Eu conheço o Paquistão. JO: Ah é? MS: Oh...+prende o nariz com os dedos, como um prendedor, e solta+”</p>	<p>Predicação/Apreciação</p> <p>Relato pessoal</p>	Ativação de um enquadre cognitivo	Países	Menos prototípico	Enunciado/Sintagma	Apreciação dos co-hipônimos individualmente	Anáfora indireta	Pela ativação de um enquadre cognitivo em que Brasil e México se inserem e de outro em que Paquistão está.
10	<p>“É...papagaio...ca chorro...maravilhoso...gato...maravilhoso...papagaio...aves...não...não...é..</p>	<p>Predicação/Apreciação</p> <p>Hiperônimo</p>	Ativação de um enquadre cognitivo		Menos prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação, a partir dos hipônimos, de um enquadre cognitivo por	Anáfora I por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação, com predicções, de um itens lexicais

		.animais ...isso”	de “papagaio” (“aves”) Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Animais	Prototípico	Item lexical Item lexical	meio das predicações. Posteriormente, houve a ativação anafórica do hiperônimo de apenas um dos hipônimos (“aves”). Em seguida, ocorreu a ativação anafórica do hiperônimo prototípico		(“aves”, “animais”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamen te organizado, dos co- hipônimos
11	“MS: Eu adoro o Lima Duarte [...] MS: Atores”	Predicação/ Apreciação Hiperônimo	Ativação de um enquadre cognitivo Relação de hiperonímia	Atores	Menos prototípico Prototípico	Enunci ado/Si ntagm a Item lexical	Ativação, a partir dos hipônimos, de um quadre cognitivo por meio das predicações. Em seguida, ocorreu a ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/ hiperoními a	Pela ativação, com predicação, de um item lexical (“atores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamen te organizado, dos co- hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
12	“Escritores”	Hiperônimo	Relação de	Escritores	Prototípico	Item	Ativação	Anáfora	Pela ativação,	

				hiperonímia			lexical	anáforica do hiperônimo prototípico	não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	de um item lexical (“escritores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
13	“MS: Hum...é como ônibus +imita o barulho de um ônibus e finge dirigir+ & avião +imita, com a mão, o pouso de uma avião+ &navio...transportes”	Gesticulação Hiperônimo	Ativação de um enquadre cognitivo Relação de hiperonímia	Meios de transporte	Mais prototípico Prototípico	Item lexical	Ativação de um enquadre cognitivo por meio da gesticulação. Em seguida, ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação, com gesticulação, de um item lexical (“transporte”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
14	“Isso...adoro +finge dançar+”	Predicação/Apreciação	Ativação de um enquadre	Música/Dança	Mais prototípico	Enunciado/Si	Ativação de um enquadre	Anáfora indireta	Pela ativação, com predicação,	

		((JO ri)) forró...maravilha ((finge dançar de novo)) samba...é:...+faz sinal para esperar+....calma. ..brincadeiras +faz um sinal de mais ou menos+”	Gesticulação Item Lexical do frame (“brinca- deira”)	cognitivo			ntagm a	cognitivo por meio da predicação/ apreciação e da gesticulação. Em seguida, ativação, por anáfora associativa, de um item lexical do mesmo frame a que valsa, forró e samba pertencem.		de um item lexical (“brincadeiras”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamen te organizado, dos co- hipônimos e do hiperônimo prototípico
15	“É:...redondo +faz, no ar, uma forma redonda e um positivo+ & quadrado +faz um sinal de positivo e desenha, no ar, um quadrado+ (PAUSA) & não sei”	Gesticulação	Ativação de um enquadre cognitivo	Formas geométricas	Menos prototípico	Gestos	Ativação de um enquadre cognitivo por meio da predicação	Anáfora indireta		
16	“jogos”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Jogos	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/ hiperoními a	Pela ativação, de um item lexical (“jogos”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamen	

										te organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
17	“Roberto Carlos...péssimo.. .Jair Rodrigues...maravi- lha...carmem Miranda +faz um sinal de mais ou menos+ cantores”	Predicação/ Apreciação Hiperônimo	Ativação de um enquadre cognitivo Relação de hiperonímia	Cantores	Menos prototípico Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação de um enquadre cognitivo por meio da predicação/apreciação. Em seguida, ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação, com predicação, de um item lexical (“cantores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
18	Cobras	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cobras	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Pela ativação, de um item lexical pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e	

										que coincide com o hiperônimo prototípico

Quadro 14. Análise esquemática e panorâmica dos dados de afásicos.

I. 1 Holônimos (1+0) O participante LE, diante primeiro conjunto de co-hipônimos compostos pelos co-hipônimos “sofá, mesa e estante” evoca o holônimo “sala”, interpretando os co-hipônimos como merônimos. Essa ocorrência, já verificada nos dados dos participantes com DA, é justificada, como já dito, devido a uma busca não-hierárquica por uma coesão interna entre os itens lexicais que compõem o conjunto.

JO: Bom... o primeiro é sofá mesa e estante.
LE: Sala

II. 13 Hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico (5+8) Os hiperônimos prototípicos “cor”, “planeta”, “país”, “grupo de artistas” e “cobra” foram os ativados por LE enquanto MS evocou os hiperônimos prototípicos “móveis”, “bebidas”, “presidentes do Brasil”, “cores”, “escritores”, “planetas”, “jogos” e “cobras”.

JO: Vermelho rosa e verde.
LE: (PAUSA) ah... eu gosto dessas cor aí... sabe?
JO: Mercúrio Marte e Vênus
LE: (PAUSA) esse negócio dos planeta...significa uma coisa só... né? Fala dos planeta
JO: planetas
JO: Bom...Brasil México e Paquistão
LE: (PAUSA) Tem um país que eu acho ruim...Paquistão
JO: Aham...Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira
LE: Esses três aí...vamos por que eles são bom...bom...
JO: Humm...eles são:
LE: Bons
JO: Pode colocar em outro conjunto... além de bons? Por exemplo... Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira...que grupo que eles formam? Um grupo de que?
LE: (PAUSA) um grupo...um grupo de artistas né?
JO: Jibóia coral e cascavel
LE: (PAUSA) Cobra...por no conjunto...de cobra né?
JO: Isso...é só isso

JO: Então:... oh/:... sofá mesa e estante
MS: M- ... móveis
JO: Tá... Lula FHC Fernando Henrique Cardoso e Sarney
MS: É:...presidentes do Brasil
JO: Vermelho rosa e verde
MS: É:...cores
JO: Mercúrio Marte e Vênus.
MS: É:...planetas
JO: Sei...bingo xadrez e dominó
MS: É:...jogos

JO: Jiboia coral e cascavel.
MS: Cobras

Dentre os 11 hiperônimos diferentes ativados, sendo 2 repetidos, quatro dizem respeito a uma categorização que faz uso de conhecimento sensível/ enciclopédico /implícito /procedural (“grupo de artistas”, “móveis”, “bebidas” e “jogos”) e 6 dizem respeito a ativação de um conhecimento intelectual/ linguístico / explícito / declarativo (“cores”, “planeta”, “país”, “presidentes do Brasil”, “escritores” e “cobras”), prevalecendo, frente a uma escolha prototípica, a ativação de um conhecimento de natureza mais standartizada. Dentre esses itens, cabe ainda ressaltar a que em “grupo de artistas”, tem-se, além da ativação do hiperônimo artistas, a ativação do item lexical grupo, que está em consonância com a palavra conjunto, presente no comando de aplicação do protocolo e deixa explícito a referência a um item ainda mais distante da nível básico ou de base, sendo portanto, mais hiperonímico.

III. 4 Descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos

a) *4 Descrição/ apreciação em que essas âncoras também aparecem, mas sob a forma de qualificadores por referência subespecificada (3+1):* Frente ao quinto conjunto de co-hipônimos “Lula, FHC, Sarney”, ao oitavo conjunto “sogra, cunhado e genro” e ao décimo primeiro “Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira”, o participante LE evoca, respectivamente, “bom”, “eles foram bom” e “eles são bom”.

JO: Pode ser...Lula FHC e Sarney
LE: (PAUSA) bom
JO: Bom?
LE: Uhum
JO: Então você coloca no conjunto dos bons?
LE: O Lula foi bom
LE: Minha sogra...foi bom pra mim...até durante o tempo que eu fiquei casado... sabe? Então... quer dizer que eu posso falar mal da minha sogra? Não né?
JO: Tem como colocar sogra, cunhado e genro em um conjunto?
Em um grupo?
LE: Tem...assim... eles foram bom

JO: Aham...Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira
LE: Esses três aí...vamos por que eles são bom...bom...
JO: Humm...eles são:
LE: Bons
JO: Pode colocar em outro conjunto... além de bons? Por exemplo... Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira...que grupo que eles formam? Um grupo de que?
LE: (PAUSA) um grupo...um grupo de artistas né?

O qualificador “bom” e o dêitico “eles”, então, categorizam e colocam “em um conjunto”, os co-hipônimos, além, no caso do qualificador, “bom”, deixar explícita uma apreciação, um julgamento de valor por parte do participante, deixando implícito um suposto hiperônimo com grau de prototipicidade desconhecido. É possível ainda destacar, dado o modo de construção da referenciação, que o tempo verbal em “foram” e “são”, mostra um conhecimento atualizado do participante em relação à realidade, visto que os presidentes citados não ocupam mais o cargo de presidência, mas os atores citados através dos co-hipônimos continuam atuando. No caso do décimo primeiro conjunto “Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira”, a atividade de referenciação deixa de ser subespecificada quando, o participante retoma o turno e diz que são “um grupo de artistas”.

Em relação a MS, cabe destacar os itens lexicais “maravilha” e “excelente” que, ao mesmo tempo que qualificam positivamente os objetos de discurso, e os próprios co-hipônimos, subespecificando um possível item lexical hiperonímico, parecem *feedbacks* que o sujeito utiliza para mostrar ao seu interlocutor que ele compreendeu o que está em questão, bem como para demonstrar simpatia, carisma, bom humor. MS, também opta, diante do nono conjunto de co-hipônimos (“Brasil, México e Paquistão”), por deixar a referenciação subespecificada a cargo de alguns gestos emblemáticos (McNeil, 1992, 2005) como o positivo, o negativo e o próprio gesto icônico de prender o nariz com os dedos, fazendo uso da multimodalidade possível na comunicação face a face.

JO: Brasil México e +Paquistão+
MS: +Hum+
+MS faz uma expressão de surpresa+

MS: & +México+
+conta um com o dedo+
MS: & +Brasil+
+conta dois com o dedo+
MS: & Paquistão
+faz um sinal para o lado com a mão+
MS: & Eu...Brasil...excelente...México...excelente...+Paquistão+
+MS faz um sinal de negativo com o dedo+
MS: & Eu conheço o Paquistão.
JO: Ah é?
MS: Oh...+prende as narinas com os dedos, como um prendedor,
e solta+

IV. 5 Itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos (6+0) – “Aniversário”, evocado diante do terceiro conjunto de co-hipônimos “cerveja, vinho e licor” permite constatar que o participante LE enquadrou sociocognitivamente os co-hipônimos, tal como fez ao ativar “café da manhã”, perante os co-hipônimos “quindim, goiabada e brigadeiro”, constituintes do quarto conjunto, e pertencentes, para o participante, do frame, do contexto que envolve a cena “café da manhã”.

JO: Cerveja vinho e licor
LE: (PAUSA) Aniversário
JO: Quindim goiabada e brigadeiro
LE: (PAUSA) café da manhã? Não... né?
JO: Pode ser...

No décimo conjunto de co-hipônimos, o mesmo acontece quando “quintal” é o item lexical ativado. Veja que não temos aí um holônimo pois os co-hipônimos não são partes do quintal, mas o constituem enquanto figuras ou elementos de um frame.

JO: Cachorro gato e papagaio
LE: Eu gosto desses animal aí...então...o que que eu posso falar...quintal né?
JO: Aham...

“Passear” e “férias” também enquadram cognitivamente, para LE, os co-hipônimos “ônibus, avião e navio”, revelando que ao participante, a situação comunicativa ou efetivamente mundana de “passear” ou de “férias” incluem tais transportes, bem como “valsa forró e samba” em um “baile”, tal como ativado por LE no décimo conjunto.

JO: Avião ônibus e navio.
 LE: (6s) Falando...esses três...só lembro... só...eu só lembro de passear, né? Então...férias, né?
 JO: Férias?
 LE: Uhum
 JO: Valsa, forró e samba.
 LE: (PAUSA) que jeito que a gente põe isso?
 JO: hum: como a gente pode agrupar isso, hein? Como a gente pode por em um conjunto? A valsa...o forró ...e o samba? Conjunto do que? Como colocar em um grupo?
 LE: (PAUSA) ah...baile né?

Ao explorar o enquadre cognitivo em que os itens lexicais se inserem, notamos que os participantes podem trazer à interação, ao categorizar, suas experiências pessoais e sociais, preocupando-se menos, de certo modo, com a hierarquia semântica e a prototipicidade dos itens lexicais dentro dela.

V. 5 hiperônimo prototípico + apreciações e/ou gesticulações (1+4) - A construção, por JE, de “eu gosto desses animal aí”, diante do décimo conjunto de co-hipônimos “cachorro, gato e papagaio”, bem como a combinação de “maravilha” e “animais” por MS frente a esses co-hipônimos demonstram que, mesmo com a evocação do hiperônimo prototípico uma complementação de cunho apreciativo se faz necessária. “Eu adoro o Lima Duarte” seguido de “atores”, diante do décimo primeiro conjunto de co-hipônimos “Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira”; bem como “Roberto Carlos...péssimo... Jair Rodrigues...maravilha...Carmem Miranda +faz um sinal de mais ou menos” seguido de “cantores” também encaixam-se na mesma estratégia de referência.

JO: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda
 LE: Bom...aí: ...grupo de artista bom

JO: +Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda+
 +MS faz um sinal de não gostar+
 JO: Não gosta?
 MS: Roberto Carlos...péssimo...Jair Rodrigues...maravilha...carmem Miranda +faz um sinal de mais ou menos+ cantores

Expandindo o uso dos gestos icônicos e de outros meios multimodais, como o som, para qualificar, descrever e categorizar os co-hipônimos, MS realiza, no décimo terceiro conjunto “ônibus, avião, navio”, a imitação do barulho do ônibus, do pouso do avião e, por fim, a classificação hiperonímica prototípica “transportes”, situando e ativando todo um enquadre cognitivo.

JO: Avião ônibus e navio

MS: Hum...é como ônibus +imita o barulho de um ônibus e finge dirigir+ & avião +imita, com a mão, o pouso de uma avião+ &navio...transportes

VI. 1 Hiperônimo mais prototípico (1+0) – O décimo sexto conjunto de co-hipônimos “bingo xadrez e dominó” é referido anaforicamente a partir do item lexical “brinquedo”, que, embora pertencente ao mesmo enquadre cognitivo do hiperônimo prototípico “jogos”, localiza-se, na hierarquia semântica, mais distante deste.

JO: Bingo xadrez e dominó.

LE: Bom (PAUSA) aí é: ...brinquedo né?

VII. 4 Hiperônimo mais prototípico + predicções, apreciações e/ou gesticulações (2+2) - No décimo sétimo conjunto, como LE evoca “grupo de artista bom”, perante o décimo sétimo conjunto “Roberto Carlos, Jair Rodrigues e Carmen Miranda”. Tanto “grupo”, quanto “artista” são itens lexicais hiperonímicos bastante genéricos e distantes do nível de base ou básico, embora o segundo seja mais próximo, na hierarquia semântica, do hiperônimo prototípico “cantores”. A apreciação, desse modo, parece se fazer necessária a fim de tornar mais específico e delimitado o que ainda pode ser considerado, para o participante, semanticamente vago.

JO: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda

LE: Bom...aí: ...grupo de artista bom

Veja que LE recorre ao mesmo procedimento tanto no décimo primeiro conjunto “Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira” quanto no décimo

sétimo conjunto “Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda”, qualificando “eles são bom” e categorizando, simultaneamente, com itens lexicais mais prototípicos “grupo de artista”, que, portanto, fazem parte do mesmo enquadre cognitivo do hiperônimo prototípico.

JO: Aham...Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira
LE: Esses três aí...vamos por que eles são bom...bom...
JO: Humm...eles são:
LE: Bons
JO: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda
LE: Bom...aí: ...grupo de artista bom

MS, por sua vez, utiliza o item lexical “maravilha” a ele característico, conforme já referido, para qualificar os co-hipônimos “alface, rúcula e agrião” e, depois de certa hesitação, evoca o item lexical “vegetais”, classificado como mais prototípico por pertencer ao mesmo enquadre cognitivo que os co-hipônimos e que o hiperônimo prototípico, embora mais hiperonímico que este.

JO: Alface, rúcula e agrião
MS: (PAUSA)...+balbucia+...+faz sinal com a mão para esperar+...rúcula...é: ...rúcula: maravilha... alface: maravilha...+balbucia+...ve - ge - tais....((sorri))...isso
JO: Vegetais...tá...

No oitavo conjunto de co-hipônimos “sogra, cunhado, genro”, MS lida com o estereótipo de sogra em relação ao genro ao afirmar, com tom cômico, que teve “cinco esposas” e, conforme inferido pela interlocutora, “cinco sogras”. Verifica-se, então, que “esposa”, pertencente, semanticamente, ao mesmo nível semântico que os co-hipônimos, é um item lexical ativado por anáfora indireta, sendo a classificação hiperonímica realizada pela ativação do item lexical “parentesco”, mais hiperonímico que o hiperônimo prototípico “família”.

JO: +Sogra, cunhado+ [S: Iiihhh...+coloca a mão na cabeça+] e genro...((JO ri))
MS: Eu tive cinco...eu tive cinco esposas
JO: Cinco sogras
((JO e MS riem))
JO: Então:...como eu consigo colocar em um conjunto sogra cunhado e genro?
MS: É: ...parentesco

VIII. 1 Hiperônimos menos prototípicos + predicções e/ou gesticulações (1+0)

Frente ao décimo quarto conjunto de co-hipônimos “valsa, forró e samba”, o participante MS demonstra, através de gestos simulando danças, que ativou o frame em questão. Além disso, o participante qualifica os co-hipônimos (“maravilha”), evidenciando, linguisticamente, que se projeta nesse enquadre cognitivo. Ao evocar o item lexical hiperonímico, seleciona “brincadeiras”, que, apesar de possuir muitos traços em comum com os co-hipônimos e com o enquadre ativado, como o caráter lúdico e o tom de entretenimento, não é um item lexical considerado recorrente no enquadre cognitivo que abarca os co-hipônimos e itens com “danças” e “músicas”. MS parece ter consciência desse enquadramento às margens já que sinaliza com o “mais ou menos”.

JO: Valsa forró e samba
MS: Isso...adoro +finge dançar+ ((JO ri)) forró...maravilha
((finge dançar de novo)) samba...é:...+faz sinal para
esperar+....calma...brincadeiras +faz um sinal de mais ou
menos+

Cabe ainda destacar que a evocação de “brincadeiras” foi precedida por hesitação por parte do participante, revelando a característica afásica de *word finding difficulty*, bem como foi sucedida pela insatisfação do participante através do gesto icônico de “mais ou menos”, devido a consciência de que um item prototípico nem mais prototípico fora ativado apesar do entendimento e mobilização, sobretudo gestual, do frame. Um fato semelhante acontece perante ao quarto conjunto, constituído pelos itens lexicais “quindim, goiabada e brigadeiro”, aos quais é associado o item “brinquedos”. Nesse caso, embora “brincadeira” também possa, dentro de um contexto infantil específico, por exemplo, conter traços em comum com os co-hipônimos, tal item lexical é considerado um prototípico por geralmente não estar presente no frame em que os co-hipônimos em questão e seus hiperônimos se alocam. O participante também está consciente dessa baixa prototipicidade já que “nãos” acompanham a palavra “brincadeira” quando evocada.

IX. 3 Alegou não saber/ não lembrar (2+1) – O participante LE alegou não saber responder diante do décimo segundo conjunto de co-hipônimos, composto por

“Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado” e do décimo quinto conjunto, constituído por “redondo, quadrado, oval”, enquanto MS após fazer gestos icônicos para cada co-hipônimo do décimo quinto conjunto, mostrando saber a que eles faziam referência no mundo extralinguístico, diz não saber colocá-los em um conjunto. Tratando da ativação de conhecimento intelectual/linguístico / explícito / declarativo, altamente standartizado e sem dar vazão a possíveis experiências subjetivas e individuais em relação a tais co-hipônimos, ambos os conjuntos, sobretudo o décimo quinto (“redondo, quadrado, oval”), tornam mais difícil a ‘atividade de referenciação perante a dificuldades como o *word finding difficulty*, mesmo quando o participante demonstra de modo multimodal, que sabe o frame que está sendo mobilizado.

JO: Isso: Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
LE: (PAUSA) Tem que ser bons ou ruins né?
JO: Não...é colocar em um conjunto...por exemplo... esses daí...podem ser pessoas que eu não conheço... por exemplo...se o senhor não conhecer. ..Monteiro Lobato, Machado de Assis e Jorge Amado...o que eles foram? Como eu posso agrupar? Como posso colocar em um conjunto só? São um conjunto do que?
LE: Coisa fácil hein...e eu fico embananando tudo
JO: Não:... O senhor lembra dessas pessoas?
LE: Mais ou menos
JO: Sabe o que elas foram?
LE: Hum...não sei viu
JO: Não?
LE: Não
JO: Pode ser qualquer pessoa então? Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
+LE Balança a cabeça afirmativamente+
JO: Que não tiveram nenhuma importância?
LE: Não...pra mim não
JO: Isso...redondo quadrado e oval
LE: (PAUSA) redondo quadrado e oval? (PAUSA)
JO: Não lembra?
LE: Não lembro viu...nossa

JO: Redondo quadrado e oval.
MS: É:...redondo +faz, no ar, uma forma redonda e um positivo+ & quadrado +faz um sinal de positivo e desenha, no ar, um quadrado+ (PAUSA) & não sei
JO: A palavra?
MS: Isso

6.3 Uma análise sociocognitivista das entrevistas dos participantes com Doença de Alzheimer

A interação com TR aconteceu a Faculdade da Terceira Idade, minutos antes da oficina “Mente Ativa”, ministrada pela Prof^a Dr^a Elisandra Gasparetto Sé, que TR frequenta semanalmente. Conversamos, antes de iniciar a aplicação do protocolo propriamente dita, sobre o desconforto dos óculos multifocais e sobre o igual incômodo que a utilização de dois óculos diferentes também provocava.

O contato com AP também se deu através da pesquisadora e fonoaudióloga Elisandra, no entanto, por AP ser uma paciente de Elisandra, a coleta de dados ocorreu na própria casa da participante, que, antes que a aplicação do protocolo fosse iniciada, contou um pouco sobre sua trajetória acadêmica na área de Biológicas, traçada também na Universidade Estadual de Campinas- UNICAMP.

Iniciando a análise do corpus propriamente dito, na aplicação do protocolo, perante a apresentação dos 18 de co-hipônimos para cada participante, somando, portanto, 36 apresentações de co-hipônimos repetidos dois a dois. Utilizando a estrutura “n X (nTR +nAP), Y”, onde n é a quantidade total de ocorrências de um determinado o recurso linguístico X, distribuídas segundo o quanto TR e AP individualmente lançaram mão de tais recursos. Y representa as prováveis motivações de cunho semântico, pragmático e textual que levaram os participantes a proceder de tal maneira e não de outra, bem como a descrição do percurso linguístico realizado. Z é a transcrição do corpus da pesquisa, que mostra o que Y descreve.

Frente aos dados e explicitado o esquema de análise, temos que foram obtidas as seguintes ocorrências:

QUADRO V

<u>SUJEITO</u>	<u>Nº</u>	<u>OCORRÊNCIA</u>	<u>ESTRUTURA SEMÂNTICA DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>PROCEDIMENTO REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>ITEM LEXICAL (HIPERÔNIMO) PROTÓTIPO</u>	<u>GRAU DE PROTÓTIPIÇÃO DE DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>ESTRUTURA TEXTUAL DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>PROCEDIMENTO TEXTUAL REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>TIPO DE ANÁFORA</u>	<u>ENQUADRE COGNITIVO</u>
Nº5-TR-COM DA	1	“Sala” “Sala de visita”	Holônimos	Relação de holonímia	Móveis	Mais prototípico Mais prototípico	Item Lexical Enunciado/ Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um objeto de discurso de caráter espacial	Anáfora por meronímia/holonímia	Por ativação de um item lexical e um sintagma (“sala”, “sala de visita”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
	2	“ Isso aí serve pra fazer salada né? Nossa... eu gosto tanto”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Hortalças	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente que é superordenado ao hiperônimo prototípico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, através de apreciação e experiência situada, de um item lexical (“salada”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
	3	“Os três são bebidas	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Bebidas	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, a	Anáfora por hiponímia/hiper	Por ativação de um sintagma

		alcoólicas”					a	partir dos hipônimos, do hiperônimo prototípico	onímia	(“bebidas alcólicas”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
4	“Doces”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Doces	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, a partir dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“doces”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
5	“Presidentes”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Presidentes	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, a partir dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“presidentes”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente	

								prototípico		te organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
6	“Cores”	Hiperônimo	Relação de quase-hiperonímia	Cores	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, a partir dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“cores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
7	“Alegou não lembrar” “Tipo de astro”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Planetas	Mais prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente mais superordenado (astro) que o hiperônimo prototípico. Entretanto, delimitado com a	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um sintagma (“tipo de astro”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	

								construção “tipo de”, torna-se sinônimo de planeta.		
8	“Família”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Família	Prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, a partir dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“família”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
9	“Capitais”	Item Lexical com o mesmo enquadre cognitivo do hiperônimo prototípico	Ativação, através dos hipônimos, de um enquadre cognitivo.	Países	Mais prototípico	Item Lexical	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um referente que, embora não esteja na cadeia hierárquica dos hipônimos, está no mesmo frame que eles.	Anáfora associativa	Por ativação de um item lexical (“capitais”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
10	“Animais”	Hiperônimo	Relação de	Animais	Prototípico	Item Lexical	Ativação	Anáfora por	Por ativação de	

			hiperonímia				anafórica, a partir dos hipônimos, de um referente que é o hiperônimo prototípico	hiponímia/hiperonímia	um item lexical (“animais”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
11	“Eles são de novela”	Apreciação/ Predicação/ Descrição	Relação de hiperonímia	Atores	Mais prototípico	Enunciado/ Sintagma	No interior de uma apreciação em relação aos hipônimos, ocorre a ativação anafórica de um objeto de discurso (eles) e a ativação de um referente (novela) que pertence ao mesmo frame dos hipônimos.	Anáfora associativa	Por ativação de um sintagma (“de novela”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
12	“Alegou não lembrar”			Escritores			Negação da relação de hiperonímia	Anáfora associativa	Por negação da alocação no enquadre que

	<p>“Qualquer pessoa também não foram”</p> <p>“Eles tiveram cargos”</p> <p>Escritores</p>	<p>Negação do hiperônimo (Qualquer pessoa)</p> <p>Apreciação/ Predicação/ Descrição</p> <p>Hiperônimo</p>	<p>Negação da relação de hiperonímia estabelecida com “qualquer pessoa”</p> <p>Ativação de um enquadre cognitivo em que “cargos” faz parte do mesmo frame que os hipônimos.</p> <p>Relação de hiperonímia</p>		<p>Mais prototípico</p> <p>Mais prototípico</p> <p>Prototípico</p>	<p>Enunciado/S intagma</p> <p>Enunciado/S intagma</p> <p>Item lexical</p>	<p>entre os hipônimos e o hiperônimo “qualquer pessoa”. Em seguida, ativação, através dos hipônimos, de um enquadre cognitivo em que “cargos” faz parte do mesmo frame que os hipônimos. Por fim, ocorre a ativação do hiperônimo prototípico (“escritores”)</p>		<p>compreenderia “qualquer pessoa”</p> <p>Por ativação de um item lexical (“cargos”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico</p>
13	<p>Alegou que não dá pra colocar em um conjunto: “porque cada um tem o seu...é separado né? Cada um tem seu estilo de vida”</p> <p>O avião está lá no ar...outro</p>	<p>Apreciação/ Predicação/ Descrição</p> <p>Categorização por ativação do frame (ar, mar, rua)</p>	<p>Ativação, a partir dos hipônimos, de um enquadre cognitivo</p>	<p>Meios de transporte</p>	<p>Mais prototípico</p>	<p>Enunciado/S intagma</p>	<p>Ativação, através dos hipônimos, de um enquadre cognitivo do qual “ar, mar e rua” fazem parte juntamente com os hipônimos.</p>	<p>Anáfora associativa</p>	<p>Ativação de três enquadres diferentes, separados.</p>

		no mar...outro na rua								
14	“Eu gosto de dançar os três, viu?”	Apreciação/ Predicação/ Descrição	Ativação de item lexical (dançar) pertencente ao mesmo frame dos hiperônimos e marcador de uma relação de quase-hiperonímia	Música/ Dança	Apesar de a resposta ser uma apreciação, é “mais prototípico” porque ocorreu a ativação do frame (dançar).	Enunciado/S intagma	No interior de uma apreciação em relação aos hipônimos, ocorre a ativação anafórica de um referente que evoca o frame em que os hipônimos estão inseridos (dançar). O item lexical “dançar” é o hiperônimo prototípico em sua forma verbal, por isso temos a relação de quase-hiperonímia.	Anáfora associativa	Por expressão de uma opinião, de um ponto de vista associado ao “dançar”.	
15	Alegou não dar para colocar em um conjunto: “posso colocar o redondo e o oval né? O quadrado está			Formas geométricas					Ativação de um enquadre que inclui “redondo” e “oval” e outro que é composto pro “quadrado”.	

		completament e fora”								
16	“Jogos”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Jogos	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiper onímia	Por ativação de um item lexical (“jogos”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamen te organizado, dos co- hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
17	“Cantores”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cantores	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiper onímia	Por ativação de um item lexical (“cantores”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamen te organizado, dos co- hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	
18	“Cobras”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Cobras	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora por hiponímia/hiper onímia	Por ativação de um item lexical (“cobras”) pertencente ao	

										mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico
--	--	--	--	--	--	--	--	--	--	---

QUADRO VI

<u>SUJEITO</u>	<u>Nº</u>	<u>OCORRÊNCIA</u>	<u>DESCRIÇÃO DA ESTRUTURA LEXICAL DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>PROCEDIMENTO REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>ITEM LEXICAL (HIPERÔNIMO) PROTOTÍPICO</u>	<u>GRAU DE PROTOTIPICIDADE DO QUE FOI ENUNCIADO</u>	<u>EVOCÇÃO DE UM ITEM LEXICAL OU DE UM ENUNCIADO/SINTAGMA OU DE GESTOS</u>	<u>PROCEDIMENTO TEXTUAL REALIZADO AO CATEGORIZAR</u>	<u>TIPO DE ANÁFORA</u>	<u>ENQUADRE COGNITIVO</u>
Nª6-AP-COM DA	1	“Sofá mesa e estante? Tem que são móveis... sofá mesa estante...móveis assim... de sala...estante pode ser de livros...de pendurar panela também...não	Hiperônimo Hiperônimo + predicação Apreciação/ Predicação/	Relação de hiperonímia Ativação de um enquadre cognitivo	Móveis	Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico. Em seguida, há uma especificação desse hiperônimo através da predicação	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de vários itens lexicais e sintagmas(livros , paelas, moveis de sala) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e do

		pode esquecer da dona de casa ((risos))”	Descrição					(móveis de sala) e, por fim, uma descrição dos hipônimos que revela um enquadre cognitivo.		hiperônimo prototípico
2	Alface rúcula e agrião são vegetais que se usa muito pra...pra salada... alface rúcula e agrião... as três coisas.	<p>Hiperônimo superordenado ao prototípico (vegetais)</p> <p>Hiperônimo subordinado ao prototípico (salada)</p> <p>Hiperônimo superordenado ao prototípico (coisas)</p>	Relação de hiperonímia	Hortaliças	Mais prototípicos	Itens lexicais	Ativação anafórica, através dos hipônimos, de um hiperônimo superordenado ao prototípico. Em seguida, esse hiperônimo é especificado através do uso de um hiperônimo subordinado ao prototípico. Posteriormente, a referência aos hipônimos é feita através de um hiperônimo bastante genérico.	Anáfora por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de um item lexical (“salada”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	

3	São bebidas que tem álcool cerveja...são bebidas fermentadas... cerveja vinho e licor...cerveja e vinho são fermentadas... o licor acho que não é né? Só adocicado NE	Hiperônimo + predicação Hiperônimo + predicação Apreciação/ Predicação/ Descrição	Relação de hiperonímia	Bebidas	Prototípicos	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico seguido de predicações. Primeiramente, bebidas que tem álcool. Posteriormente, bebidas fermentadas. No entanto, como bebidas fermentadas parece não englobar todos os hipônimos, predica-se “licor” como sendo adocicado.	Anáfora não-co-referencial por hipoonímia/hiperonímia	Por ativação de itens lexicais (“álcool”, “fermentada”, “adocicado”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
4	“hum: ...são doces também...quindim é feito com ovo farinha e outras coisas mais... leite eu acho...quindim...bolo que pode ser feito de fubá ou de	Hiperônimo Apreciação/ Predicação/ Descrição - Descrição do modo de preparo	Relação de hiperonímia	Doces	Prototípico	Itens lexicais Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico. A particularização de cada hipônimo fica por conta da descrição modo de	Anáfora não-co-referencial por hipoonímia/hiperonímia	Por ativação de um itens lexicais (“quindim”, “ovo”, “farinha”, “leite”, “fubá”, “trigo”, “digestão”, “pastel”) pertencentes ao mesmo campo semântico,

		trigo... de fubá é mais forte... o de trigo é menos pesado né? Mais fácil a digestão...fubá... trigo... e tem outras coisas... assim... pra fazer pastel”						preparo.		pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico
5	“AP: ((risos)) a quadrilha...Lula, FHC, Fernando Henrique Cardoso e o outro? JO: Sarney AP: São formadores de uma quadrilha JO: ((ri bastante)) AP: São políticos e formadores de quadrilhas”	Construções hiperonímicas e metafóricas (quadrilha, formadores de uma quadrilha) Hiperônimo	Ativação de um enquadre cognitivo Relação de hiperonímia	Presidentes	Mais prototípico Prototípico	Enunciado/Sintagma Item lexical	Ativação de um enquadre cognitivo ao utilizar, metaforicamente e de modo hiperonímico, as construções (quadrilha e formadores de uma quadrilha) para se referir aos hipônimos. Em seguida, houve a ativação anafórica do hiperônimo prototípico associado a essas construções.	Anáfora associativa Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, através de uma metáfora, de itens lexicais que enquadram sociocognitivamente os co-hipônimos (“quadrilha”, “formadores de uma quadrilha”)	

6	“Ah: são cores...verde é a cor da pátria...vermelho é a cor da rosa que eu estou vendo ali ((havia um vaso com rosas na estante em frente a qual a sra. A. estava sentada)), que é uma flor bonita e [J: rosa] & rosa também...pode ser vermelha ou rosa”	Hiperônimo Apreciação/ Predicação/ Descrição - Descrição das cores	Relação de hiperonímia Ativação de um enquadre cognitivo e dos elementos do contexto	Cores	Prototípico	Item lexical Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico seguida de uma descrição dos hipônimos.	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, via experiência situada, de um item lexical (“cor”, “pátria”, “rosas”, “flor”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico (no caso de “cor”)	
7	“Ah: esses são planetas”	Hiperônimo	Relação de hiperonímia	Planetas	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, via apreciação, de um item lexical (“planeta”) pertencente ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o	

										hiperônimo prototípico
8	“Eles são parentes” “ sogra é a mãe do meu marido...cunhada é irmã do meu marido e genro é quem casou com a minha filha”	Hiperônimo sinônimo ao prototípico Apreciação/ Predicação/ Descrição - Descrição definicional dos hipônimos	Relação de hiperonímia	Família	Prototípico	Item lexical Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia Anáfora definicional	Por ativação, via apreciação, de itens lexicais (“parentes”, “mãe”, “marido”, “filha”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do hiperônimo prototípico	
9	“São países...o Brasil é um país grande... enorme... muitos estados... um dos países maiores do mundo né? Acho que compete um pouco com a África... Brasil” O México...o México fica na...no final... tem a América do Norte...no	Hiperônimo Apreciação/ Predicação/ Descrição- Descrição/Predicação dos hipônimos	Relação de hiperonímia Ativação de um enquadre cognitivo	Países	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico. Em seguida, a descrição dos hipônimos segundo as características que AP julgou pertinentes.	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, via apreciação, de itens lexicais (“países”, “estados”, “África”, “América do Norte”, “Índia”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo	

		final sul é o México... Paquistão...es se eu não lembro agora onde é...parece que é na Índia...eu não lembro muito bem...não é muito grande né?								prototípico
10	Cachorro e gato são mamíferos e papagaio é uma ave muito (procurada)...t em papagaio azul e tem verde... verde tem até... por coincidência as cores da nossa bandeira né?	Dois hiperônimos(ave e mamífero) para três hipônimos Apreciação/Predicação/Descrição - Descrição de um hipônimo papagaio. Destaque para o fato de que esse hipônimo é caracterizado pelas cores, tópico dos hipônimos anteriores	Relação de hiperonímia	Animais	Mais prototípicos	Item lexical Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, a partir dos hipônimos, de dois hiperônimos subordinados ao hiperônimo prototípico. Devido a essa posição inferior na hierarquia semântica, são necessários dois hiperônimos (aves e mamíferos) para três hipônimos	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	Por ativação de itens lexicais (“mamíferos”, “ave”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico	

11	<p>Eu acho que os três são atores assim...de novela...que foram atores de teatro também né?Eles representam muito bem até quando na televisão...é diferente..a Fernanda Montenegro se olhar bem o jeito...ela expressa a emoção dela direitinho na televisão...e esses que são só de novela... que não tem essa experiência de teatro não é a mesma coisa...esses são os melhores atores... os que são de teatro.</p>	<p>Hiperônimo + predicções (de novela, que foram de teatro)</p> <p>Apreciação/ Predicação/ Descrição - Predicação/ Apreciação.</p> <p>Destaque para a citação de um hipônimo até então não citado, Fernanda Montenegro.</p>	<p>Relação de hiperonímia</p> <p>Ativação de um enquadre cognitivo</p>	Atores	<p>Prototípico</p> <p>Menos prototípico</p>	<p>Item lexical</p> <p>Enunciado/Sintagma</p>	<p>Ativação anafórica do hiperônimo prototípico. A fim de especificá-lo, são associadas a ele predicções, como “de teatro”, de televisão”, “de novela”. Em seguida, ocorre a ativação de um enquadre cognitivo por meio da predicação/ apreciação. Nesse processo, é evocado um potencial hipônimo, Fernanda Montenegro.</p>	<p>Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia.</p> <p>Anáfora associativa</p>	<p>Por ativação, via apreciação, de um sintagmas e itens lexicais (“atores”, “televisão”, “de novela”, “teatro”, “emoção”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico</p>

12	Grandes escritores... Monteiro Lobato escrevia estória pra crianças também né... Monteiro Lobato... Machado de Assis... grande escritor também” “e Jorge Amado também”	Hiperônimo prototípico + predicação	Relação de hiperonímia	Escritores	Prototípico	Item lexical	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia	Por ativação, via apreciação, de um item lexical e de um sintagma e (“escritores”, “estória pra crianças”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico (“escritores”)
13	“Avião ônibus e navio são meios de transporte... avião é aéreo +faz gesto+ o navio vai pelas águas +faz gesto+ e o:” “O ônibus... coletivo... grande... quer dizer... a mecânica dele	Hiperônimo Apreciação/ Predicação/ Descrição - Descrição dos hipônimos através de gestos quanto ao meio em que circulam.	Relação de hiperonímia	Meios de transporte	Prototípico Menos prototípico	Item lexical Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica do hiperônimo prototípico Ativação de um enquadre cognitivo por meio da descrição, predicação, apreciação, gesticulação e evocação de	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia Anáfora associativa	Por ativação, via apreciação e gesticulação, de itens lexicais (“aéreo”, “águas”, “coletivo”, “mecânica”, “automóveis”, “carro”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente

	é semelhante a dos automóveis só que é um carro bem grande que dá pra levar bastante pessoas né? Hoje até tem um engatado no outro né?"	Apreciação/ Predicação/ Descrição - Predicação					hipônimos análogos aos que foram citados.		te organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico ("meios de transporte")
14	"Ah ((sorri)) valsa forró e samba...samba é a coisa mais bonita que tem aqui no Brasil...é uma característica da nossa música popular...muito boa música popular...as letras geralmente são muito boas...é música" "A valsa é uma dança	Predicação/ Apreciação/ Descrição	Ativação de um enquadre cognitivo	Música/ Dança	Menos prototípico	Itens lexicais, enunciados e sintagmas	Ativação de um enquadre cognitivo por meio da predicação, apreciação e descrição dos hipônimos. Nesses processos descritivos e predicativos, houve a ativação anafórica de hiperônimos específicos para cada hipônimo bem como da ativação	Anáfora associativa Anáfora definicional Anáfora não-correferencial por hiperonímia.	Por ativação, via apreciação e experiência situada, de um sintagma e itens lexicais ("atores", "televisão", "de novela", "teatro", "emoção") pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo
		Evocação de outros hipônimos (carros, automóveis, ônibus articulado)	Relação de hiperonímia parcial (para cada hipônimo) e geral		Mais prototípico				
					Mais prototípico				
					Prototípico				

	<p>também... mas é uma dança de classes mais altas um pouco né? Quando tem uma formatura... por exemplo... se dança valsa +faz movimento com as mãos+ quando tem um casamento se dança uma valsa...então é pra um grupo mais seletivo né? pra uma festa...e:"</p> <p>"O forró e o samba...bom o forró...o forró eu não sei muito bem... mas me parece que é uma dança que pessoa na hora assim... vai fazendo os passos né? E dá umas umbigada</p>	<p>de valsa (dança, dança de classes mais altas)</p> <p>Evocação de enquadres cognitivos (formatura, casamento, festa)</p> <p>Hiperônimo de forró (dança)</p> <p>Hiperônimo (dança)</p> <p>Apreciação/pr edicação/ Descrição</p>					<p>anáforica de um hiperônimo geral (danças).</p>		<p>prototípico</p>
					<p>Prototípico</p>				
					<p>Prototípico</p>				

		também né? ((risos)) não é assim?"								
15	<p>“Então: o redondo é uma forma esférica: Ele forma uma bola”</p> <p>“o quadrado tem ângulos...mas eles estão em três dimensões né...o quadrado: O redondo tem mais ou menos a forma da nossa esfera né?...o redondo tem o formato de uma bola, né?e o:”</p> <p>“Oval, chama oval porque tem uma forma mais ou menos de ovo né? Só que o ovo tem um</p>	<p>Hiperônimo prototípico geral (formas)</p> <p>Apreciação/ Predicação/ Descrição- Enquadre cognitivo ativado através da descrição de cada uma das formas.</p>	<p>Relação de hiperonímia</p> <p>Ativação de enquadre cognitivo e de itens lexicais do mesmo frame que formas, tal como formato, lado, dimensão, esfera, ângulo, etc.</p>	<p>Formas geométricas</p>	<p>Prototípico</p> <p>Menos prototípico</p>	<p>Item lexical</p> <p>Enunciado/ Sintagma</p>	<p>Ativação anafórica do hiperônimo prototípico (forma), recorrente na descrição de todos os hipônimos citados. Ativação de um enquadramento cognitivo que a partir da ocorrência de itens lexicais pertencentes ao mesmo frame de formas geométricas.</p>	<p>Anáfora associativa</p> <p>Anáfora definicional</p> <p>Anáfora não-correferencial por hiperonímia.</p>	<p>Por ativação, via gesticulação, de itens lexicais (“bola”, “ângulos”, “dimensões”, “forma”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, do o hiperônimo prototípico</p>	

		lado mais assim +gesticula+ e o outro mais curto” “ oval...então... é uma forma assim +gesticula+ que seria como se fosse um círculo achatado um pouco né? E é isso”							
16	“Ah... isso eu não entendo muito...de jogo eu não entendo muito...ah... bingo é uma coisa que se faz assim... se distribui...eu não sei...porque eu nem jogo...bingo se dá uma cartela se não me engano e dá umas...a pessoa pega	Hiperônimo prototípico Apreciação/ Predicação/ Descrição - Descrição definicional de um dos hipônimos que evoca itens lexicais pertencentes ao mesmo frame de jogos, tais	Relação de hiperonímia Ativação de um enquadre cognitivo	Jogos	Prototípico Menos prototípico	Item Lexical Enunciado/ Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico.	Anáfora não-co-referencial por hiponímia/hiperonímia Anáfora associativa	Por ativação de itens lexicais (“cartela”, “pedras”, “sorteio”) pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide com o hiperônimo prototípico (“jogo”)

	um monte de de...pedras se não me engano...porque às vezes é papelão, sei lá o quê...pra jogar...então: faz o sorteio né?Tem o sorteio...sai aquele ali...aí a pessoa vai encaixando... quando encaixa tudo... ganhou	como sorteio, cartela, ganhar.							
17	São cantores todos né?...sendo que a Carmen Miranda se destacou demais porque foi lá pros Estados Unidos né? Divulgou a nossa música lá...porque ninguém tinha até então	Hiperônimo prototípico Apreciação/ Predicação/ Descrição - Enquadre cognitivo ativado a partir da descrição/ predicação do trabalho de Carmem Miranda	Relação de hiperonímia Ativação de enquadre cognitivo	Cantores	Prototípico Menos prototípico	Item Lexical Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico. Em seguida, ativação de um enquadre cognitivo e de itens lexicais que compartilham o mesmo frame de	Anáfora não co-referencial por hiponímia/hiperonímia Anáfora associativa	Por ativação, via apreciação, de um sintagma e itens lexicais (“música”, “swing”, “sapateados”), pertencentes ao mesmo campo semântico, pragmaticamente organizado, dos co-hipônimos e que coincide

		divulgado a nossa música... nós recebemos muito dos americanos não é? Música americana... é swing... é não sei que lá... os sapateados que tem lá... tudo isso né? E a nossa própria tinha muito pouco né? Nós temos boa música, mas exportamos muito pouco	Enquadre instaurado: música brasileira X música norte americana.					cantores, como música, swing, sapateado, etc.		com o hiperônimo prototípico (“cantores”)
18	AP: A jiboia é uma cobra que quando ela come ela é enorme né? E ela come... ela engole tudo...por isso que chama jiboia né? E a...a coral...tem coral venenosa e coral que não é venenosa...e	Apreciação/ Predicação/ Descrição de cada um dos hipônimos. Hiperônimo prototípico (cobras)	Ativação de um enquadre cognitivo uma vez que os hipônimos são caracterizados em termos de voracidade, cor, veneno, itens lexicais pertencentes ao mesmo frame de cobras.	Cobras	Menos prototípico Prototípico	Enunciado/Sintagma	Ativação anafórica, através dos hipônimos, do hiperônimo prototípico (cobras). Apreciação e considerações sobre as características dos co-hipônimos (“venenosa”, “bonita”, “enorme”).	Anáfora por subespecificação Anáfora por hiperonímia	Por ativação de um item lexical que coincide como prototípico inserida apreciações da participante acerca das características dos co-hipônimos (“venenosa”, “bonita”).	

	<p>é cobra também... tem uma cor muito bonita... por isso que ela chama coral... ela tem uma cor avermelhada e se não me engano um pouco de cinza branco também...e a outra?</p> <p>JO: Cascavel AP: A cascavel é muito venenosa...não o tem cascavel que não seja venenosa...quando fala que uma pessoa é muito ruim, aquela é uma cascavel”</p>	<p>Apreciação/ predicação/ Descrição</p>					<p>Por fim ativação do sentido metafórico de “cascavel”, mostrando que a participante não só ativa o enquadre cognitivo em questão como transita entre os sentidos (metafórico ou não) que ele pode assumir.</p>		
--	---	--	--	--	--	--	--	--	--

Quadro 15. Análise esquemática e panorâmica dos dados de doentes de Alzheimer.

I. 1 holônimos (1 +0), o holônimo foi “sala (de visita)”, ativado frente aos conjuntos de co-hipônimos “sofá, mesa e estante”. Tal como explicado na subseção 4.2, há uma semelhança entre a relação de hiperonímia/hiponímia e de holonímia/holonímia que pode ter motivado tal ocorrência: a coesão interna. Ao solicitar que a participante colocasse os co-hipônimos em um conjunto, o processo possivelmente efetuado foi a busca de uma integridade entre os itens lexicais; adotou-se, assim, uma classificação não hierárquica baseada em uma coesão interna, em ambos os casos, de cunho espacial, como se os co-hipônimos fossem partes de um determinado local, de um todo, seja da “sala”. Nota-se que a participante diz “conjunto de uma sala”, sendo subentendida a forma “conjunto de PARTES de uma sala”. A ocorrência do holônimo no início da aplicação do protocolo, no primeiro conjunto de co-hipônimos apresentado, também permite que levantemos a hipótese de que a participante estava se ajustando ao exercício e, portanto, experimentando relações semântico-pragmáticas.

JO: sofá mesa e estante
TR: Conjunto de uma sala...uma sala de visita

II. 24 hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico (11 + 13), a presença de hiperônimos prototípicos indicam que há conhecimentos socialmente estandardizados, isto é, que a estabilização também encontra seu papel na linguagem. Cabe notar que, dentre eles, 11, quase metade, co-ocorrem

com outras (uma ou mais) estratégias de categorização, sistematizadas em I, II, IV, V, VI ou VII, o que pode ser explicado pelo fato do participante sentir necessidade de complementar a categoria taxonômica evocada com suas experiências, muitas vezes através de predicções. Dessas 24 ocorrências, em uma delas, nomeadamente o sétimo conjunto que engloba os co-hipônimos “Mercúrio, Marte, Vênus” foi evocada a expressão hiperonímica “Tipo de astro”, que pode ser considerada sinônima do hiperônimo planeta. A expressão “tipo de” foi utilizada apenas neste caso, mas trata-se de uma estratégia linguístico-cognitiva bastante produtiva já que especifica ao mesmo tempo que evoca um hiperônimo mais prototípico e mais distante (“astro”) daquele pertencente ao nível de base (planetas).

JO: Aí: o único que a senhora não lembrou foi Mercúrio, Marte e Vênus...que pode ser qualquer coisa?
TR: Mercúrio Marte e Vênus...é um tipo de astro... assim
JO: Isso...

III. 18 descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos (3+15):

(a) *Descrição/apreciação em que constam âncoras que exploram o enquadre cognitivo do referente por meio da anáfora indireta:* Diante do 11º conjunto de co-hipônimos, “Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado” a participante TR ativa, por anáfora indireta, o item lexical “novela” em “Eles são de novela”. Verifica-se, então, que “novela” pertence ao mesmo enquadre cognitivo dos co-hipônimos e do que seria o hiperônimo prototípico “atores”, ancorando todo o contexto sociocognitivo já instaurado pelo conjunto de co-

hipônimos. Ainda podemos ver, nesse dado, que a ativação do enquadre cognitivo não tem a ver com uma prática individual da participante (“eu não assisto muito novela mas eu sei eu eles são de novela”), mas emerge de um conhecimento socialmente cunhado.

JO: É... Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira
TR: Eles são...são de novela né? São de novela...eu não assisto muito novela mas eu sei eu eles são de novela

Ao ativar “salada” diante do segundo conjunto de co-hipônimos, “alface, rúcula e agrião”, temos também uma âncora que remete, não ao hiperônimo prototípico, mas ao enquadre cognitivo a que os co-hipônimos pertencem. Verifica-se também que, ao evocar tal item lexical, a participante busca se inserir na categorização, dizendo “nossa, gosto tanto”, “não sei comer sem salada”, demonstrando, conforme afirma que a categorização “existe na e pela prática discursiva dos locutores” (MONDADA, 2001 apud MARCUSCHI, 2007), ao exprimir gostos e/ou evocar práticas sociais.

JO: Aham...alface rúcula e agrião
TR: Isso aí serve pra fazer salada né? Nossa... eu gosto tanto
JO: Ah é?
TR: É...eu não sei comer sem salada
JO: não sabe comer sem salada
TR: tem que ter salada
JO: Olha só...

Um processo similar acontece quando “cargos” em “Eles tiveram cargos” , construído diante do 12º conjunto de co-hipônimos “Monteiro Lobato, Machado de Assis, Jorge Amado”. Nota-se que, nesse caso, “ter cargos” dá aos

co-hipônimos uma deferência que está de acordo com o “qualquer pessoa não foram”, sentença formulada pela mesma participante previamente.

JO: Aham... Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
TR: Ih...esses daí eu não to lembrando
JO: Não tá lembrando? A senhora nem...não tem ideia assim?
Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
TR: Não lembro o que eles foram não...esses três eu não estou lembrando
JO: Pode ter sido qualquer pessoa?
TR: Não... qualquer pessoa também não foram né? Eles tiveram cargos...só que eu não lembro

Um processo semelhante também acontece quando são mobilizados, no décimo quarto conjunto de co-hipônimos, os itens “formatura, festa, casamento” para referir a “valsa, forró e samba”, sendo que, nesse caso, o mesmo enquadre cognitivo é ativado por anáfora indireta justamente porque em tais festividades há, potencialmente, a presença desses ritmos.

Valsa forró e samba
AP: Ah ((sorri)) valsa forró e samba...samba é a coisa mais bonita que tem aqui no Brasil...é uma característica da nossa música popular...muito boa música popular...as letras geralmente são muito boas...é música
JO: É valsa forró e samba
AP: O samba também né? O samba que já foi?
JO: Já foi
AP: A valsa é uma dança também... mas é uma dança de classes mais altas um pouco né? Quando tem uma formatura... por exemplo... se dança valsa +faz movimento com as mãos+ quando tem um casamento se dança uma valsa...então é pra um grupo mais seletivo né? pra uma festa...e:
JO: Valsa forró e samba
AP: O forró e o samba...bom o forró...o forró eu não sei muito bem... mas me parece que é uma dança que pessoa na hora assim vai fazendo os passos né? E dá umas umbigada também né? ((risos)) não é assim?

Diante dos co-hipônimos “vermelho, rosa e verde”, que constituem o sexto conjunto apresentado, a participante AP evoca a construção “Verde é a cor da pátria...vermelho é a cor da rosa que eu estou vendo ali (havia um vaso com

rosas na estante em frente a qual a sra. A. estava sentada), que é uma flor bonita e [J: rosa] & rosa também...pode ser vermelha ou rosa”. Nesse caso, verifica-se que a participante ativa, por anáfora indireta, diferentes enquadres (“pátria”, “flor”) de acordo com o hipônimo mobilizado, variando-os conforme sua experiências prévias, quando associa “verde” à “pátria”, por exemplo, ou de acordo com a própria situação comunicativa em questão, ao dizer que “vermelho” é a “cor da rosa que eu estou vendo ali” “que é uma flor bonita” e ao associar a cor rosa ao mesmo objeto (flor) “pode ser vermelha ou rosa”.

JO: Vermelho rosa e verde

AP: Ah: são cores...verde é a cor da pátria..vermelho é a cor da rosa que eu estou vendo ali ((havia um vaso com rosas na estante em frente a qual a sra. A. estava sentada)), que é uma flor bonita e [J: rosa] & rosa também...pode ser vermelha ou rosa

Também por anáfora indireta, são construídos objetos de discurso referentes ao nono conjunto de co-hipônimos “Brasil, México e Paquistão”, tais como “muitos estados... um dos países maiores do mundo né? Acho que compete um pouco com a África...” fazendo referência a Brasil, de modo que “estados, mundo e África” ancoram sociocognitivamente a percepção da participante em relação ao seu país. “No final, sul” e “Índia, não é muito grande” referem-se, também de modo anafórico indireto, respectivamente, a “México” e a “Paquistão”, enquadrando ambos espacialmente, seja pelo “sul” ou pela referência ao oriente (“Índia”).

JO: Brasil México e Paquistão

AP: Paquistão?

JO: Aham

AP: São países...o Brasil é um país grande... enorme... muitos estados... um dos países maiores do mundo né? Acho que compete um pouco com a África... Brasil
JO: Brasil México e Paquistão
AP: O México...o México fica na...no final... tem a América do Norte...no final sul é o México... Paquistão...esse eu não lembro agora onde é...parece que é na Índia...eu não lembro muito bem...não é muito grande né?
JO: É...é no oriente
AP: Oriente né?

“Televisão”, “emoção”, “novela”, “teatro” são as âncoras ativadas, por anáfora indireta, perante os co-hipônimos Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira, o décimo conjunto. Nesse caso, a anáfora indireta se concretiza por meio da ativação de um enquadre cognitivo que inclui o suporte em que os atores aparecem (“televisão”), o sentimento provocado pela atuação (“emoção”) e as modalidades de atuação (“novela”, teatro”).

JO: Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira.
AP: São atores de teat-...de televisão...é:
JO: Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira
AP: Eu acho que os três são atores assim...de novela...que foram atores de teatro também né?Eles representam muito bem até quando na televisão...é diferente..a Fernanda Montenegro se olhar bem o jeito...ela expressa a emoção dela direitinho na televisão...e esses que são só de novela... que não tem essa experiência de teatro não é a mesma coisa...esses são os melhores atores... os que são de teatro

No décimo segundo conjunto, “aéreo” e “águas”, “coletivo”, “mecânica”, “automóveis” e “carro”, bem como os gestos que os acompanham, demonstram a busca da participante, via anáfora indireta, por categorização, seja através dos meios (ar, água) utilizados para o transporte, pela semelhança dos co-hipônimos com outros de natureza ou “mecânica” semelhante (“automóveis”, “carro”) ou pela própria modalidade de transporte (“coletivo”), de modo que, nessa busca, todo esse enquadre é explorado pela participante.

JO: Avião ônibus e navio
 AP: Avião ônibus e navio são meios de transporte... avião é aéreo +faz gesto+ o navio vai pelas águas +faz gesto+ e o:
 JO: ônibus
 AP: O ônibus... coletivo... grande... quer dizer... a mecânica dele é semelhante a dos automóveis só que é um carro bem grande que dá pra levar bastante pessoas né? Hoje até tem um engatado no outro né?
 JO: Isso... aquele articulado né?

“Ângulos”, “dimensões”, “esfera”, “bola”, “ovo”, “círculo” são os itens lexicais ativados, por anáfora indireta, diante do décimo quinto conjunto de co-hipônimos “redondo, quadrado e oval”, demonstrando que, na tentativa de categorizar, são ativados itens pertencentes ao mesmo enquadre cognitivo que os co-hipônimos, tais como “ângulos” e “dimensões”, bem como sinônimos de alguns dos co-hipônimos apresentados, tais como bola e círculo para redondo e, metaforicamente, “ovo”, para oval.

JO: ((risos)) é...redondo quadrado e oval
 AP: Então: o redondo é uma forma esférica
 JO: Hum: ...que conjunto eles formam?
 AP: Ele forma uma bola
 JO: Não...essas palavras...redondo quadrado e oval
 AP: Ah, o quadrado tem ângulos...mas eles estão em três dimensões né...o quadrado:
 JO: Redondo
 AP: O redondo tem mais ou menos a forma da nossa esfera né?...o redondo tem o formato de uma bola, né?e o:
 JO: Oval
 AP: Oval, chama oval porque tem uma forma mais ou menos de ovo né? Só que o ovo tem um lado mais assim +gesticula+ e o outro mais curto
 JO: Seriam formas então
 AP: oval...então...é uma forma assim +gesticula+ que seria como se fosse um círculo achatado um pouco né? E é isso

Diante do décimo sexto conjunto de co-hipônimos, “bingo, xadrez, dominó”, a ativação dos itens lexicais “cartela”, “pedras” e “sorteio”, pertencentes ao mesmo enquadre cognitivo dos co-hipônimos, mostra que a participante não só

reconheceu o frame em questão como foi capaz de ativar outros de seus itens lexicais constituintes.

JO: Bingo xadrez e dominó
AP: Ah... isso eu não entendo muito...de jogo eu não entendo muito...ah... bingo é uma coisa que se faz assim... se distribui...eu não sei...porque eu nem jogo...bingo se dá uma cartela se não me engano e dá umas...a pessoa pega um monte de de...pedras se não me engano...porque às vezes é papelão, sei lá o quê...pra jogar...então: faz o sorteio né?Tem o sorteio...sai aquele ali...aí a pessoa vai encaixando... quando encaixa tudo... ganhou

(b) *Descrições/ apreciações em que constam âncoras que exploram o enquadre cognitivo dos co-hipônimos por meio da anáfora associativa: “Ar, mar e rua”, por sua vez, são ativados por anáfora indireta associativa em “O avião está lá no ar...outro no mar...outro na rua”, visto que “ar, mar e rua” atuam como “ingredientes” de “avião, ônibus, navio” (13º conjunto de co-hipônimos), sendo todos pertencentes, também, ao mesmo enquadre cognitivo. Assim, mesmo que a participante alegue que “cada um tem seu estilo de vida”, o próprio modo de classificação dos co-hipônimos que ela propõe, segundo os meios em que eles veiculam, já é uma categorização e um enquadramento.*

JO: Olha...o avião o ônibus e o navio
TR: Não... porque cada um tem o seu...é separado né? Cada um tem seu estilo de vida((ri))
[...]
JO: Isso...os três são escritores...e avião ônibus e navio...os três...cada um na sua?
TR: O avião está lá no ar...outro no mar...outro na rua

O mesmo ocorre quando, por anáfora associativa, “livros, panela e dona de casa” são ativados diante de “estante” em meio ao conjunto “sofá, mesa e

estante”. No entanto, nesse caso, há um interessante processo em que a participante converge, para um mesmo enquadre cognitivo, dois contextos sociocognitivos aparentemente distintos, “livros” e “panela”, sendo essa convergência possível através de “estante”, um dos co-hipônimos.

JO: ... o primeiro conjunto é sofá mesa e estante
AP: Sofá mesa e estante? Tem que são móveis... sofá mesa estante...móveis assim... de sala...estante pode ser de livros...de pendurar panela também...não pode esquecer da dona de casa ((risos))

Na ativação de “ovo, farinha, leite” e “fubá, trigo” para fazer referência, por anáfora associativa a “quindim”, “bolo” e “pastel” temos também um processo semelhante aos supracitados, em que as ancoras são “ingredientes”, nesse caso, literalmente, dos co-hipônimos.

AP: hum: ...são doces também...quindim é feito com ovo farinha e outras coisas mais... leite eu acho...quindim...bolo que pode ser feito de fubá ou de trigo... de fubá é mais forte... o de trigo é menos pesado né? Mais fácil a digestão...fubá... trigo... e tem outras coisas... assim... pra fazer pastel

Perante ao oitavo conjunto de co-hipônimos “sogra, cunhado e genro”, AP recorre a um processo semelhante, também fazendo uso da anáfora associativa”, já que evoca “mãe”, “marido”, “irmã” e “filha”, todos pertencentes ao mesmo nível semântico dos co-hipônimos, a fim de defini-los com a construção “sogra é a mãe do meu marido...cunhada é irmã do meu marido e genro é quem casou com a minha filha”.

JO: Sogra cunhado e genro
AP: Eles são parentes... sogra que é a mãe...sogra... mãe
JO: é a mãe do marido da senhora

AP: não...não é sogra mãe e genro?
JO: Não...é sogra cunhado e genro
AP: Ah... cunhado...então: sogra é a mãe do meu marido...cunhada é irmã do meu marido e genro é quem casou com a minha filha
JO: é família
AP: É família

c) Descrição/ apreciação em que essas âncoras também aparecem, mas sob a forma de qualificadores por referência subespecificada: A participante AP, diante do terceiro conjunto de co-hipônimos “cerveja, vinho e licor” ativa a construção “cerveja e vinho são fermentadas...o licor acho que não é né? Só adocicado, né?”, em que os qualificadores “fermentadas” e “adocicado” são as marcas de referência, estando (bebidas) provavelmente subespecificada no caso do primeiro qualificador.

JO: Cerveja vinho e licor
AP: São bebidas que tem álcool cerveja...são bebidas fermentadas...cerveja vinho e licor...cerveja e vinho são fermentadas...o licor acho que não é né? Só adocicado né

Diante do décimo oitavo conjunto de co-hipônimos, “jibóia, coral e cascavel”, a referência subespecificada é ativada através dos qualificadores “venenosa”, “não venenosa”, “cor avermelhada”, “cinza” e “branco” com o item lexical “cobra” subespecificado.

JO: O último é jiboia coral e cascavel
AP: A jiboia é uma cobra que quando ela come ela é enorme né? E ela come... ela engole tudo...por isso que chama jiboia né? E a...a coral...tem coral venenosa e coral que não é venenosa...e é cobra também... tem uma cor muito bonita... por isso que ela chama coral... ela tem uma cor avermelhada e se não me engano um pouco de cinza branco também...e a outra?
JO: Cascavel
AP: A cascavel é muito venenosa...não tem cascavel que não seja venenosa...quando fala que uma pessoa é muito ruim, aquela é uma cascavel

IV. 3 itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos (0+3), os conjuntos de co-hipônimos e os referidos itens e expressões ativados são, respectivamente, (i) “Lula, FHC e Sarney”, originando “formadores de uma quadrilha”, (ii) “valsa, forró e samba”, culminando em “formatura, festa, casamento”, além de “umbigadas”, “passos”, etc. e (iii) “Roberto Carlos, Jair Rodrigues e Carmen Miranda”, ativando um frame de música brasileira contraposto ao de música norte-americana (“sapateado”, “swing”). Em (i) temos “quadrilha” no sentido de facção criminosa, que pratica atitudes criminosas e, portanto, ilícitas. Nessa prática, talvez, resida, para a participante a convergência entre o conjunto de políticos “corruptos ou que agem com má conduta” e uma quadrilha de bandidos e ladrões. A ideia de “formadores” pode estar em consonância com a noção de governantes, líderes, presidentes, que formam uma quadrilha, isto é, um governo corrupto, já que sabemos que um político não governa sozinho, mas responde pela (má) governança dos outros poderes. Assim, através da metáfora “formadores de uma quadrilha” para “líderes de um governo corrupto”, a participante expõe sua opinião sobre a política do país e categoriza os co-hipônimos com base nela.

JO: Aham...Lula FHC e Sarney
AP: ((risos)) a quadrilha...Lula, FHC, Fernando Henrique
Cardoso e o outro?
JO: Sarney
AP: São formadores de uma quadrilha
JO: ((ri bastante))
AP: São políticos e formadores de quadrilhas

Em (ii), temos o mesmo frame ativado, inicialmente, para todos co-hipônimos, no caso o frame ativado pelo item lexical música. No entanto, a participante faz

um realinhamento e segmenta os co-hipônimos em dois frames, um incluindo a “valsa”, caracterizado por “classes altas”, “casamento”, “festa”, “formatura” e movimentos sincronizados (“faz movimento com as mãos”), e outro incluindo o forró e o samba, sendo caracterizado pelo improvisado (“a pessoa vai dançando assim...vai fazendo os passos na hora”, “E dá umas umbigada também né?”). Assim, nesse caso, os enquadramentos cognitivos, manifestados pela participante, tiveram como intuito unificar, através do frame música, mas também separar que os co-hipônimos segundo enquadramentos que revelassem as crenças da participante sobre eles.

JO:...valsa forró e samba
AP: Ah ((sorri)) valsa forró e samba...samba é a coisa mais bonita que tem aqui no Brasil...é uma característica da nossa música popular...muito boa música popular...as letras geralmente são muito boas...é música
JO: É valsa forró e samba
AP: O samba também né? O samba que já foi?
JO: Já foi
AP: A valsa é uma dança também... mas é uma dança de classes mais altas um pouco né? Quando tem uma formatura... por exemplo... se dança valsa +faz movimento com as mãos+ quando tem um casamento se dança uma valsa...então é pra um grupo mais seletivo né? pra uma festa...e:
JO: Valsa forró e samba
AP: O forró e o samba...bom o forró...o forró eu não sei muito bem... mas me parece que é uma dança que pessoa na hora assim vai fazendo os passos né? E dá umas umbigada também né? ((risos)) não é assim?
JO: ((risos)) é...

O input para a exploração dos enquadres música brasileira e música norte americana em (iii) foi o conhecimento, manifestado pela participante, de que Carmen Miranda, um dos co-hipônimos, fizera sucesso no exterior. Através da ativação desses enquadres, “swing” e “sapateado” foram itens evocados dentro de “música norte americana” e “boa música” e “pouca exportação” caracterizou o frame “música brasileira”. Tais enquadres, talvez, complementaram,

sociocognitivamente, a ativação do hiperônimo prototípico, que fora construído no início do turno da participante.

JO: Hum: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmem Miranda
AP: São cantores todos né?...sendo que a Carmen Miranda se destacou demais porque foi lá pros Estados Unidos né? Divulgou a nossa música lá...porque ninguém tinha até então divulgado a nossa música...nós recebemos muito dos americanos não é? Música americana... é swing... é não sei que lá... os sapateados que tem lá... tudo isso né? E a nossa própria tinha muito pouco né? Nós temos boa música mas exportamos muito pouco

- V. 6 hiperônimo prototípico + predicções (0 + 5) – as construções nominais neste padrão evocadas perante, respectivamente, os conjuntos de co-hipônimos “sofá, mesa, estante”, “cerveja vinho e licor”, “Fernanda Montenegro, Suzana Viera, Tarcísio Meira”, Monteiro Lobato, Machado de Assis, Cecília Meireles” e “valsa, forró, samba” foram “móveis assim... de sala...”, “bebidas que tem álcool / bebidas fermentadas”, “atores assim...de novela...que foram atores de teatro também né?”, “Grandes escritores”, “dança também... mas é uma dança de classes mais altas um pouco né? então é pra um grupo mais seletivo né? [...] dança que a pessoa na hora assim... vai fazendo os passos né? E dá umas umbigada também né?”. Veja que esses dados já foram referidos por conterem outros aspectos além da prototipia. Nessas ocorrências, verifica-se que a anáfora correferencial recategorizadora por hiperonímia, caracterizada pela retomada, por meio de um hiperônimo, de um objeto de discurso previamente introduzido por um hipônimo (KOCH, 2004, p. 248), constitui uma estratégia que assegura um mínimo de estabilidade informacional, sobretudo pelo fato de o hiperônimo ser prototípico e pela anáfora por hiperonímia funcionar por

recorrência a traços lexicais. No entanto, o participante agrega, ao hiperônimo, uma predicação (“de álcool”, “fermentada”, “de novela”, “de teatro”, “grandes”, “de classes mais altas”, “para um grupo mais seletivo”, “que a pessoa na hora assim...”), um complemento que volta a especificar esse hiperônimo. Trata-se, portanto, de uma expansão adjetival de caráter classificatório que permite capturar o referente como uma subespécie, ao que Apothéloz & Reichler-Béguelin (1995, p.69) denominam ‘hiperônimo corrigido’. Desse modo, verifica-se que mesmo o hiperônimo prototípico não contém, em seu bojo, todos os traços lexicais do hiperônimo que o participante necessita evocar diante dos co-hipônimos. Em alguns casos, como em “grandes”, em “de classes mais altas”, em “para um grupo mais seletivo” e em “que a pessoa na hora assim...”, o participante constrói, inclusive, um julgamento de valor acerca do hiperônimo baseando-se, para tanto, em seus conhecimentos de mundo, em suas experiências a fim de subespecificar o hiperônimo selecionado. A ativação de “passos” e “umbigada”, nesse contexto, dá-se por anáfora indireta, sendo tais termos construídos inferencialmente, a partir do co-texto, com base em nosso conhecimento de mundo e ancorado (SCHWARZ-FRIESEL, CONSTEN, KNEES, 2007) em “dança”.

VI. 1 hiperônimos mais prototípicos (1 + 0), o hiperônimo mais prototípico em questão ativado isoladamente pela participante, isto é, sem estar acompanhado por predicação, foi “capitais” perante os co-hipônimos “Brasil, México e Paquistão”. Tal categorização permite verificar que a participante acessou o enquadre cognitivo a que os co-hipônimos pertencem ao evocar “capitais” e não

“frutas”, por exemplo. Por ser uma divisão convencionalizada e de cunho geopolítico, talvez a categorização como “países” não tenha se solidificado nas práticas sociocognitivas dessa participante- o que, pela sua inserção social (vide seção 5), é perfeitamente coerente, embora o frame tenha sido, de fato, ativado e a própria natureza geopolítica resgatada com a evocação de “capitais”. Cabe atentar para o fato de que os co-hipônimos em questão requerem um conhecimento intelectual/ linguístico / explícito / declarativo, conforme classificado a subseção 3.1, caracterizado por ser mais institucionalizado, normativo e de processamento mais lento. A maioria dos hiperônimos mais prototípicos, como será visto no VII, são acompanhados por predicação, o que supre o fato de não pertencerem a um possível nível de base prototípico e os especializa caso os co-hipônimos estejam distantes não só do item prototípico, mas, principalmente, da realidade sociocognitiva do sujeito que os recategoriza.

JO: Brasil México e Paquistão
TR: Esses são...capitais né?
JO: Capital...
TR : São capitais

- VII. 2 Hiperônimo mais prototípico + predicações (1+1) - perante os co-hipônimos “valsa, forró e samba”, a participante discorre sobre cada um deles, relacionando-os ao longo de sua exposição “samba...samba é a coisa mais bonita que tem aqui no Brasil...é uma característica da nossa música popular...muito boa música popular...as letras geralmente são muito boas...é música”. Ao categorizar “samba” como “a coisa mais bonita que tem no brasil” ou “uma característica da nossa música popular brasileira”, temos, no primeiro

caso, a construção da referenciação aos co-hipônimos através de uma anáfora co-referencial recategorizadora por hiperonímia seguida de uma expansão adjetival que classifica do objeto de discurso superordenado “coisa”, localizado acima do chamado nível básico, tal como “característica”. Nesse segundo caso, temos uma repetição do processo textual anafórico já descrito, visto que “característica” é o hiperônimo construído e sua expansão adjetival é constituída por outro hiperônimo “música” também predicado por “popular” e por “muito boa”. Embora não esteja distante do nível básico, “música” acaba não sendo considerado hiperônimo prototípico (e sim mais prototípico) por conta dos demais hipônimos, já que, embora “samba” dê margens à ambiguidade “música” e “dança”, “valsa” e “forró”, podem não dar. Progredindo textualmente, a participante ainda recorre a uma anáfora indireta com a âncora “letras”, passível de ser enquadrada na ocorrência IV, referindo-se a “música” e, por fim, repete o hiperônimo “música”, que, após ser predicado, parece conter mais informações enxertadas pela própria participante à palavra. Uma outra ocorrência de hiperônimo prototípico, dessa vez imerso e não paralelo a uma predicação é verificada quando a participante TR, também diante do 14º conjunto de co-hipônimos, alega “Eu gosto de dançar os três, viu?”, ativando o item mais prototípico dançar que, por ser a forma verbal do hiperônimo prototípico “dança”, caracteriza a evocação da chamada “quase-hiperonímia”, segundo proposto por Cruse (1986).

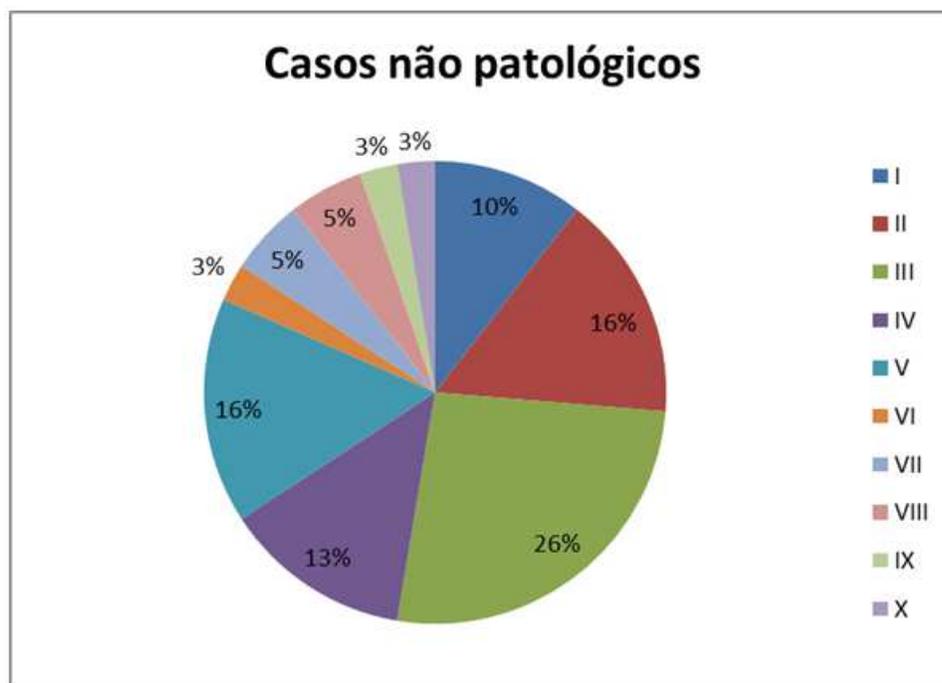
6.4 Um estudo comparativo dos resultados obtidos

As estratégias obtidas diante da atividade de referenciação proposta foram bastante similares entre os grupos, mas, ao mesmo tempo bastante heterogêneas entre si, sendo possível elencar sete procedimentos comuns aos três grupos estudados, nomeadamente, a ativação de: I- Holônimos; II- Hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico; III- descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos; IV - Itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos; V- Hiperônimo prototípico + predicações, apreciações e/ou gesticulações; VI - Hiperônimo mais prototípico e VII Hiperônimo mais prototípico + predicações, apreciações e/ou gesticulações. É possível destacar, nessas estratégias, a necessidade de agregar, em algumas delas, “gesticulações” por conta da construção referencial de cunho muitas vezes multimodal utilizada pelos participantes afásicos.

Para os casos não patológicos e para os afásicos, as estratégias em comum continuariam com a presença de: VIII - Hiperônimos menos prototípicos e IX – Alegou não saber/ não lembrar, estando X- Mal entendido presente apenas nos dados de casos não patológicos.

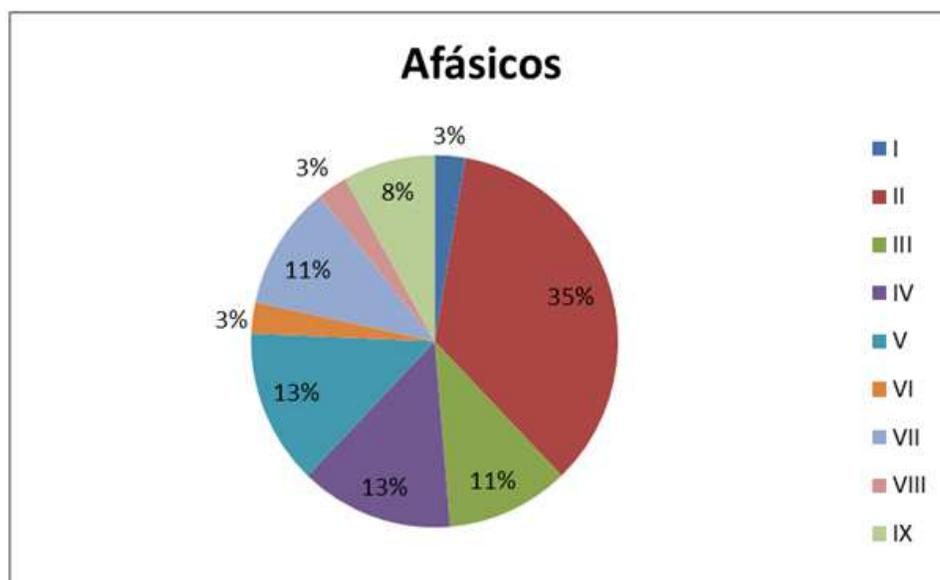
Cabe ainda destacar, no que diz respeito às estratégias de categorização, que em III- descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos, foi detectada a possibilidade de três subdivisões: a) Descrição/apreciação em que constam âncoras que exploram o enquadre cognitivo do referente por meio da anáfora indireta; b) descrições/ apreciações em que constam âncoras que exploram o enquadre cognitivo dos co-hipônimos por meio da anáfora associativa e c) descrição/ apreciação em que essas âncoras também aparecem, mas sob a forma de qualificadores por referenciação subespecificada. No entanto, embora III ocorra nos três grupos estudados, o mesmo não acontece com as suas subdivisões. Nos casos não patológicos, temos a ocorrência de a) e de c), no grupo de afásicos, temos apenas c) e no grupo dos doentes de Alzheimer, há ocorrências para contemplar as três possibilidades.

Ilustrando os resultados nas figuras 5, 6 e 6, correspondentes, respectivamente, aos gráficos 1, 2 e 3, damos mais visibilidade aos dados, organizando-os em termos de porcentagens das estratégias ativadas.



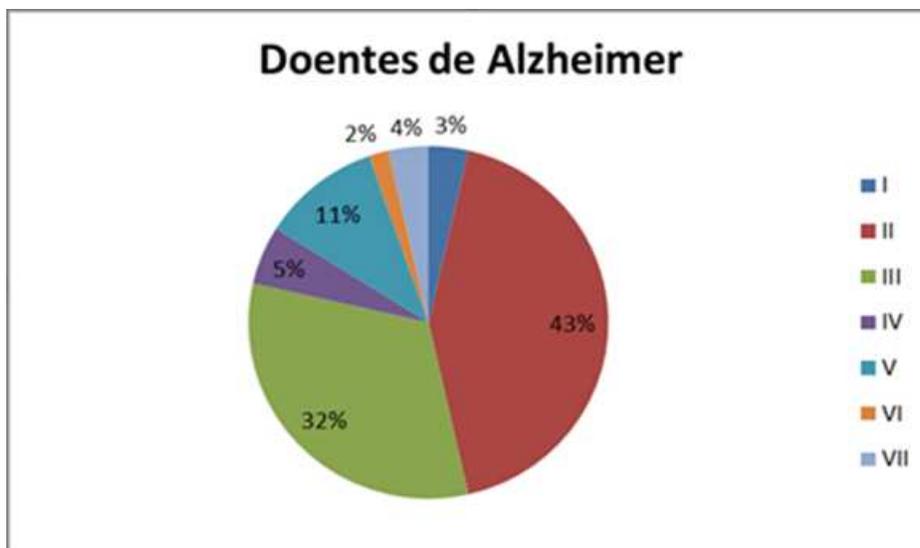
- I - Holônimos
- II - Hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico
- III - descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos
- IV - Itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos
- V- Hiperônimo prototípico + apreciações e/ou gesticulações
- VI - Hiperônimo mais prototípico
- VII - Hiperônimo mais prototípico + predicações + predicações, apreciações e/ou gesticulações
- VIII - Hiperônimos menos prototípicos
- IX - Alegou não saber responder
- X - Mal entendido

Figura 5. Construções referenciasiais utilizadas por sujeitos dos casos não patológicos.



- I - Holônimos
- II - Hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico
- III - descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos
- IV - Itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos
- V- Hiperônimo prototípico + apreciações e/ou gesticulações
- VI - Hiperônimo mais prototípico
- VII - Hiperônimo mais prototípico + predicações + predicações, apreciações e/ou gesticulações
- VIII - Hiperônimos menos prototípicos
- IX - Alegou não saber responder

Figura 6. Construções referenciais utilizadas por afásicos.



- I - Holônimos
- II - Hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico
- III - descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos
- IV - Itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos
- V- Hiperônimo prototípico + apreciações e/ou gesticulações
- VI - Hiperônimo mais prototípico
- VII - Hiperônimo mais prototípico + predicações + predicações, apreciações e/ou gesticulações
- VIII - Hiperônimos menos prototípicos
- IX - Alegou não saber responder
- X - Mal entendido

Figura 7. Construções referenciais utilizadas por doentes de Alzheimer.

Nota-se que em nenhum dos grupos, seja o não patológico ou os patológicos, a porcentagem de hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico ultrapassou o 43% do total de recursos utilizados para construir uma referenciação, que tinha como input co-hipônimos e, no comando, a noção de conjunto, intrínseco ao conceito de hiperonímia. Esse resultado os mostra que a referenciação por hiperonímia é mais produtiva que o veiculado, não se restringindo apenas a hiperônimos prototípicos mas permitindo vir à tona, “a multiplicidade de pontos de vistas que os sujeitos exercem sobre o mundo” (MONDADA&DUBOIS, 1995, p.286). Evidência disso é o fato de no grupo dos casos não

patológicos, os hiperônimos prototípicos representarem 16% do total de estratégias, um número de ocorrências igual ao de hiperônimo prototípico + apreciações e/ou gesticulações, que também ocupam alta porcentagem nos três grupos (16%, 13% e 11%), evidenciando o quão constituinte da atividade de referenciação são os supracitados “pontos de vista”. Os 35% de hiperônimos prototípicos mobilizados pelos afásicos também ratificam, frente aos 16% do grupo controle que mostrou que, mais produtiva que “buscar palavra adequada dentro de um estoque lexical” (MONDADA&DUBOIS, 2003, p.34), o referir é uma busca pela construção de categorias muitas vezes flexíveis e instáveis através de processos complexos de categorização e produção de categorias potencialmente lexicalizadas (MONDADA&DUBOIS, 2003, 35).

Tanto nos casos não patológicos quanto para os sujeitos com DA, as descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos representam o segundo recurso mais utilizado. Essa constatação, bem como o fato dos doentes de Alzheimer fazerem uso de três procedimentos (anáfora indireta, indireta e subespecificação) para construir ancoras ativadoras de enquadres cognitivos, deixa explícito que os participantes usufruem de uma memória vivida, ou seja, lançam mão da utilização de uma experiência autobiográfica, circunscrita na memória coletiva, que também envolve as memórias individuais (LEIBING, 2001, p. 78), para retomar essas âncoras, referir e categorizar. Desse modo, a memória recente, bastante acometida nos casos mais leves, que foram justamente os da pesquisa, não se sobrecarrega, ficando incumbida, muitas vezes, apenas de lembrar quais os co-hipônimos apresentados.

Aos afásicos, uma estratégia que se mostrou bastante produtiva, a terceira mais recorrente, representando 13% do total, conforme a Fig. 6, foi a ativação de itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos. Através dela, o contexto que circunda os co-hipônimos é explorado de modo que a gama de itens lexicais passíveis de serem acessados é consideravelmente maior e, conseqüentemente, a possibilidade de *word finding difficulty* se reduz. Paralelo a esse ganho, está o fato de os enquadres cognitivos possibilitarem a inserção uma maior de experiências pessoais e coletivas que àquela quase nula possibilitada pelos itens prototípicos, fazendo jus à referenciação como “atividade cognitivo-interativa realizada por sujeitos sociais” (KOCH,

2002). Desse modo, esses enquadramentos cognitivos mostram-se como fruto da atuação linguísticas dos participantes sobre o mundo e como inserção sociocognitiva de si mesmos, de componentes culturais e de conhecimentos diversos (MARCUSCHI, 2002 apud MORATO, 2010, p.87). Essa última afirmação é confirmada pelo fato de a mobilização de itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos também representarem a terceira maior estratégia (13% do total também) empregada pelos indivíduos de casos não patológicos para categorizar.

Também merece destaque, nessa análise contrastiva dos dados, a ocorrência de holônimos em 83% das ocorrências diante do conjunto “sofá, mesa e estante”. Para explicar essa recorrência, sempre marcada pelo item lexical “sala”, temos as seguintes hipóteses: uma mais despretensiosa, de que por ser o primeiro conjunto de co-hipônimos, os participantes podem estar ajustando suas tentativas com o comando e tomando familiaridade com a atividade, pautando-se na ideia e na busca por uma coesão interna dos elementos, noção que norteia o conceito de holonímia/meronímia; outra mais provável se pauta na própria coesão interna que já há entre tais co-hipônimos. “Sofá, mesa e estante” compõem por si sós, um cenário, um frame, de sala, no entanto, a nuance semântica de componentes e não partes/membros de uma sala, sobretudo se contrastados com os merônimos “parede”, “teto” fazem com que eles não sejam merônimos de “sala”. A escolha desses itens, o entanto, ao proporcionar uma coesão interna, propicia a ativação da relação de holonímia/meronímia. Se o conjunto fosse formado por “sofá, cômoda e prateleira”, provavelmente as ocorrências não seriam as mesmas.

É relevante destacar, também, a presença de hiperônimos mais ou menos prototípicos, que, somados (estratégias VI, VII e VIII), correspondem a 13%, 17% e 18% para os casos não patológicos, afásicos e doentes de Alzheimer, respectivamente. Essas ocorrências permitem concluir que, diante dos co-hipônimos, os participantes não só tangenciam a hierarquia semântica através dos enquadres cognitivos, holônimos ou predicções, mas também adentram-a e se movimentam em seu interior, atingindo patamares ou níveis mais distantes ou mais próximos do chamado nível básico ou de base. No caso dos menos prototípicos, a relação de associação aos co-hipônimos é ainda mais distante pois se encontra fora de relações semânticas, bem distante na hierarquia semântica,

dissociada do enquadre cognitivo, estruturando-se, muitas vezes, apenas em semelhanças físicas entre os objetos do mundo real ou a traços semânticos em comum insuficientes para compor uma relação semântica, tal como acontece, como exemplo do primeiro caso, quando, diante dos co-hipônimos “redondo quadrado e oval” é ativado o item lexical “bandeira”. Dessas ocorrências, conclui-se que os participantes mostram conhecimentos, evidenciam relações e revelam experiências diversas, variando de modo dinâmico entre essas e outras opções de ordem multissemiótica.

Em suma, essa análise comparativa, bem como a apresentação segmentada dos dados por grupos das seções 6.1, 6.2 e 6.3, possibilitou evidenciar, ratificar e somar, às hipóteses iniciais da pesquisa, alguns pontos relevantes – tais como a heterogeneidade da própria hiperonímia enquanto input de referenciação, da diversidade de estratégias textuais de categorização, empregadas nos contextos contemplados, da multiplicidade de acarretamentos pessoais e sociais pressupostos o fenômeno de referenciação - acerca das construções referenciais da hiperonímia em contextos patológicos e não patológicos e suas implicações semânticas, textuais e neurolinguísticas.

7) Considerações finais

Retomamos, frente aos resultados obtidos, os questionamentos de base formulados na seção 1. Introdução: (i) Quais são as motivações que determinam o item ou a expressão lexical o falante escolherá perante os co-hipônimos?; (ii) Quais as implicações semântico-pragmáticas de usar um termo e não outro? (iii) É possível que outros percursos linguísticos ou estratégias sociocognitivas emergjam através da relação de hiperonímia como processos referenciais a partir dos co-hipônimos?

Assumindo que as escolhas feitas pelos participantes da pesquisa face aos co-hipônimos constroem objetos de discurso e pressupõem atividades de categorização através de processos de referenciação, temos a motivação ou, pelo menos a natureza da motivação das escolhas efetuadas: ela é social (KOCH, 2005a), cultural (APOTHÉLOZ & BÉGUELIN, 1995; TOMASELLO, 2003) e intersubjetiva (MONDADA, 2001). Os dados desta pesquisa evidenciam o que os autores constatam, visto que todas as estratégias ativas pelos participantes, sejam através da formulação de hiperônimos prototípicos ou enquadres cognitivos, respeitam tais características. Nos dados, a representação social de “sala” como um conjunto formado por “sofá, mesa e estante”, fez com que 83% das respostas ativassem o holônimo (“sala”) e não o hiperônimo (“móveis”), por exemplo. A evocação de “formadores de uma quadrilha” para “Lula, Sarney e Bush” também se mostra claramente como uma escolha culturalmente motivada.

Quanto às implicações semântico-pragmáticas de usar um termo ou expressão e não outro(a) perante aos co-hipônimos, temos que:

“o sujeito, por ocasião da interação verbal opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, realizando escolhas significativas para representar estados de coisas com vistas à concretização de sua proposta de sentido”(KOCH, 2005A, p.35)

Desse modo, quando um item ou expressão lexical é mobilizado, é porque ele(a) atende minimamente ou vai em direção à proposta de sentido

(KOCH&MARCUSCHI, 1998) pretendida por quem o(a) enuncia. Tal proposta segue, por ser fruto da referenciação, as motivações elencadas em (i) e repercute no interlocutor que se afina ou não ao sentido exposto, expressando ou não uma (re)recategorização dos objetos de discurso mobilizados, com outras motivações de igual natureza. Assim, vemos que há não só implicações semântico-pragmáticas como interacionais subjacentes à formulação de estratégias diante dos co-hipônimos.

Em relação à questão (iii), verificamos que outros percursos linguísticos ou estratégias sociocognitivas são não só possíveis, como altamente produtivos e largamente passíveis de serem ativados através de um input categorial, combinados com um comando e em consonância com o conceito da relação semântica de hiperonímia. Destacamos, dentre tais percursos, holônimos; hiperônimos que coincidem com o chamado prototípico; descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos; itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos; hiperônimo prototípico + predicções, apreciações e/ou gesticulações; hiperônimo mais prototípico, hiperônimo mais prototípico + predicções, apreciações e/ou gesticulações e hiperônimos menos prototípicos. Essa variedade de estratégias também acarreta uma expansão da própria noção de hiperonímia, capaz de originar não só hiperônimos prototípicos, mas com diferentes graus de prototipicidade e acompanhados por diferentes predicções e apreciações que moldam o sentido do item lexical construídos.

Todos esses procedimentos de referenciação, excetuando os casos em que a atividade de proposta pelo protocolo, deram vazão à ativação de outras relações semânticas, como holonímia/holonímia, são possíveis a partir de um input categorial composto por co-hipônimos, de modo que uma das constatações e feitos deste trabalho é justamente possibilitar a expansão conceitual da própria relação de hiperonímia.

Soma-se, às perguntas retomadas, o compromisso assumido de verificar a pertinência das perspectivas dicotômicas que restringem a afasia às dificuldades de ordem metalinguística e a Doença de Alzheimer a uma carência de cunho essencialmente cognitivo. Para tanto, recorro às tendências observadas no campo da pesquisa

neurolinguística/neuropsicológica com testes de categorização e contraste-as com os resultados comparativos (casos patológicos e não patológicos) obtidos nesta pesquisa.

Em testes de evocação, nomeação, de decisão lexical, categorização semântica (como em Balthazar 2008, 2010), a dificuldade em formular relações paradigmáticas apresentada por sujeitos com transtorno cognitivo leve e demência em fase inicial, como a DA, estaria revelada na menor recorrência de termos coordenados e numa maior recorrência de termos superordenados. Estudos também afirmam que sujeitos com a patologia poderiam compreender e identificar um elemento prototípico, mas teriam dificuldade de discriminação face a dois protótipos (ZAKI, NOSOFSKI; JESSUP; UNVERSAGAT, 2003).

Nesta pesquisa, os sujeitos com DA apresentaram o maior número de ocorrências de hiperônimos prototípicos (43%) dos grupos estudados, ratificando a boa articulação em relações sintagmáticas. No entanto, os indivíduos também apresentaram mais casos de holônimos (11%), que são ativados por uma relação de coordenação. Acredita-se, então, que a coesão semântica interna dos elementos que se relacionam, característica presente na relação semântica de holonímia/meronímia tenha propiciado esse resultado, mostrando que nem sempre todas as relações de coordenação (holonímia/meronímia) poderão ser mal manipuladas e nem que todas as relações de superordenação serão bem executadas pelos sujeitos com DA.

Ainda podemos apontar o fato de que os sujeitos com DA tiveram 34% das respostas como descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos o que demonstra que, diante de co-hipônimos, o frame mobilizado foi ativado pelos participantes quase tanto quanto os próprios hiperônimos prototípicos. Assim os participantes valiam-se de ferramentas que o entorno social e o seu entorno físico (a participante AP, por exemplo, recorre a esse recurso no conjunto “vermelho rosa e verde”) oferecem para que o sujeito categorize através de predicções e apreciações.

A ocorrência de 11% de hiperônimo mais prototípico + predicções, também indica que os sujeitos com DA fazem uso da mobilidade paradigmática em diferentes graus de prototipicidade e de modo produtivo para categorizar, combinando-a com as predicções

possíveis e contornando possíveis dificuldades na seleção entre dois itens prototípicos através da mobilidade e flexibilidade da predicação.

Quanto aos estudos que lidam com testes de classificação e categorização, por associação entre texto e imagem em casos de afasia, verifica-se que, dentre as relações investigadas, a mais comprometida foi a que envolvia relações funcionais (MCCLEARY & HIRST, 1986 apud MORATO, 2012a). Em testes específicos de categorização envolvendo nomeação de termos superordenados (como em Hagoort, 1993), obteve-se que afásicos produzem respostas menos gerais do que não afásicos e mais respostas de nível subordinado. É afirmado ainda que, em testes de categorização não apenas taxonômica, o desempenho de afásicos e não afásicos pode ser semelhante, exceto pela dificuldade de encontrar palavras.

Nos dados desta pesquisa, a referida dificuldade é manifestada pelos 8% referentes a “alegou não saber”, no entanto, é contornada, muitas vezes, manifestando-se nos 13% de itens ou expressões lexicais diretamente mobilizadores de enquadres cognitivos e nos 13% de hiperônimos prototípico + predicações, por exemplo. Os 35% de hiperônimos prototípicos, mais que os 16% dos não afásicos, também merecem destaque e mostram que, mesmo diante da dificuldade de encontrar palavras, o esforço para ativá-las e categorizar de maneira prototípica foi relevante. As ocorrências de descrições/apreciações com itens ou expressões ativadores de enquadres cognitivos, 11%, também mostram que os sujeitos encontraram estratégias capazes de ativar enquadres semânticos mesmo quando pareciam desconhecer um item lexical ou não encontrar o termo prototípico, como ao ativar “férias” para “ônibus, avião e navio” e “baile” para “valsa, forró e samba”.

Assim, extrapolando a dicotomia linguístico/cognitivo, trabalhamos com as estratégias e recursos de diferentes ordens que os participantes lançam mão a fim de categorizar, levando em consideração as relevantes tendências e resultados obtidos no campo sem que eles restringissem, mas contribuíssem para nossa percepção do fenômeno de categorização e, sobretudo de referenciação, a partir de seu estatuto sociocognitivo.

Dado o escopo desta dissertação, já interdisciplinar, outras questões afeitas ao núcleo teórico tripartite (Semântica, Linguística Textual e Neurolinguística) da pesquisa

apareceram em nosso horizonte teórico, tal como o comportamento heterogêneo e complexo das anáforas na dinâmica textual, sobretudo em situação de interação, o contínuo entre protótipo e estereótipo; a questão do gênero discursivo e suas implicações nas construções textuais formuladas pelos participantes, tanto nos casos patológicos quanto não patológicos; a multimodalidade da comunicação face-a-face, bastante produtiva, sobretudo nos casos de afasia, na atividade de categorização proposta; a metaforicidade embutida nos processos de referenciação que contribuem para a ativação de enquadres cognitivos; os implícitos, também presentes no processo de referenciação, sobretudo quando esta acontece em meio a apreciações e gesticulações; os processos meta, emergentes tanto na fala de casos patológicos quanto não-patológicos, sobretudo em afásicos, revelando uma atividade reflexiva sobre a própria linguagem, etc.

8. Referências bibliográficas

- AHLSÉN, E. **Introduction to Neurolinguistics**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2006.
- APOTHÉLOZ D.& REICHLER-BÉGUELIN, M. J.(1995), **Construction de la référence et stratégies de désignation**, In: Berrendonner, Alain & Marie-José Reichler-Béguelin (orgs.) pp.142-173, 1995.
- BALTHAZAR, M. L. F.; CEDES, F.; DAMASCENO, B. P. Semantic error patterns on the Boston naming test in normal aging, amnesic mild cognitive impairment, and mild Alzheimer's Disease: is there Semantic Disruption? **Neuropsychology**, 22(6), p.703-709, 2008.
- BALTHAZER, M. L. F.; YASHUDA, C. L.; PEREIRA, F. R. S.; BERGO, F. P. G.; CENDES, F.; DAMASCENO, B. P. Coordinated and circumlocutory semantic naming errors are related to anterolateral temporal lobes in mild AD, amnesic mild cognitive impairment, and normal aging. **Journal of the International Neuropsychological Society**, 16, p. 1099-1107, 2010.
- BERRIOS, G. Non-cognitive symptoms and the diagnosis of dementia. Historical and clinical aspects. **British Journal of Psychiatry**. v. 154, pp. 11-16, 1989.
- CARAMAZZA, A.; MAHON, B. Z. The organization of conceptual knowledge: the evidence from category-specific semantic deficits. **Trends Cogn. Sci**, 7, p.354-361, 2003.
- CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Anáfora e dêixis: quando as retas se encontram. In: Koch, Ingedore Villaça. MORATO, Edwiges Maria. BENTES, Anna Christina (Orgs). **Referência e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2012, p. 125-149.
- CAZELATO, S. E. **A interpretação de provérbios parodiados por afásicos e não afásicos**. Campinas, SP: [s.n.], 2008.
- CIENKI, A. Frames, idealized cognitive models and domains. In: GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. **The Oxford handbook of cognitive linguistics**. OUP, New York. Pp.170-187, 2007
- COHEN, M. **Sensible Words: Linguistic Practice in England, 1640-1785**, Baltimore: John Hopkins University Press, 1977.

- CRUSE, D. A. **The pragmatics of lexical specificity.** *Journal of Linguist* 13: 153-64. 1977.
- _____. **Lexical semantics.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.
- _____. **A Glossary of Semantics and Pragmatics.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- _____. On the Transitivity of the Part-Whole Relation. **Journal of Linguistics** 15, p.29-38, 1979.
- COUDRY, M. I. H. **Diário de Narciso.** São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- CRUZ, F. M. **Linguagem, cognição e interação a Doença de Alzheimer.** Campinas, SP: s.n., 2008.
- DAVIDOFF, J. & ROBERSON, D. Preserved thematic and impaired taxonomic categorisation: A case study. **Language & Cognitive Processes**, 19, 137-174, 2004
- DIAS DA SILVA, B. C. Wordnet.br: An exercise of human language technology research. **Revista Palavra**, n. 12, 2004.
- FELLBAUM, C. (Ed.) *WordNet: an electronic lexical database.* Cambridge (Mass): The MIT Press, 1998.
- FIGUEIREDO, o. M. **Estudos em homenagem ao Professor doutor Mário Vilela.** Porto: Universidade do Porto, 2006, p. 263-276.
- FILLMORE. C. Frame semantics. In **Linguistics in the Morning Calm**, ed. by The Linguistic Society of Korea, 111-137. Soeul: Hanshin, 1982.
- _____.Topics in Lexical Semantics. In: Cole, R. W. (ed.) **Current Issues in Linguistic Theory.** 1977
- _____. Border Conflicts: FrameNet Meets Construction Grammar. In: EURALEX,13, 2008, Barcelona. **Anais Barcelona:** Universitat Barcelona Fabra, 2008.
- FORLENZA, O. & CARAMELLI, P. (Orgs). **Neuropsiquiatria Geriátrica.** São Paulo – SP: Editora Atheneu, 2000.
- FRAWLEY, W. J. *International Encyclopedia of Linguistics.* Oxford: Oxford University Press, 2003.
- GARCEZ, P. M. & RIBEIRO, B. T. (Orgs.) **Sociolingüística Interacional**, pp.70-97. Porto Alegre: AGE, 1987.

GEERAERTS, D. *Diachronic Prototype Semantics: A Contribution to Historical Lexicology*. Oxford University Press, 1997.

GIVÓN, T. **Functionalism and grammar**. Philadelphia: John Benjamins, 1995.

GOFFMAN, E. **Frame analysis: an essay on the organization of experience**. New York, NY et al.: Harper & Row, 1974.

GOODWIN, C. Co-Constructing Meaning in Conversations with an Aphasic Man. **Research on Language and Social Interaction**, 28(3), 233-260, 1995.

_____. GOODWIN, C. Time in Action. **Current Anthropology**, 43(Supplement August — October 2002), S19-S35, 2002.

GRACE, G.W. **The linguistic construction of reality**, London: Croom Helm, 1987.

GRICE, H. P. (1975). Logic and conversation. In: Cole P. & Morgan J. L. (eds), **Syntax and Semantics**, vol. III, Speech Acts. New York: Academic: 41-58.

HAGOORT, P. Impairments of lexical-semantic processing in aphasia: evidence from the processing of lexical ambiguities. **Brain and Language**, 45(2), p.189-232, 1993

ILARI, R. Semântica e Pragmática: duas formas de descrever e explicar os fenômenos da significação. **Revista de Estudos da Linguagem**, ano 9, v. 9, p. 109-162, jan./jun. 2000.

IZQUIERDO, I. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

JACKENDOFF, R. **Foundations of language**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

JAKOBSON, R. Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia [1954]. In: _____. **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1981, p. 34-62.

KLEIBER, G. **La Sémantique du Prototype**. Catégories et sens lexical, Paris, Presses Universitaires de France, 1990.

KOCH, I. G. V. & ELIAS, V. M. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G.V. Léxico e progressão referencial. In: VILELA, M.; RIO-TORTO, G. M.;

KOCH, I. G. V. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In: NEGRI, L.; FOLTRAN, M. J.; OLIVEIRA, R. P. Sentido e significação. **Em torno da obra de Rodolfo Ilari**. São Paulo: Contexto, p. 244-262. 2004.

_____. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo, Cortez, 2002.

_____. **A Inter-Ação pela Linguagem**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2006

- _____. A Construção sociocognitiva da referência. In: MIRANDA, N. S. & NAME, M. C. (Org.) **Linguística e Cognição**. 1ª Ed. Juiz de Fora: UFJF, p. 95-108, 2005
- _____. A enunciação em diferentes perspectivas. *Mimeo*, 2008.
- _____. Referenciação e orientação argumentativa. In: KOCH, I. G. V; MORATO, E. M.; BENTES, A. C. **Referenciação e discurso**. São Paulo: Campinas, 2005a.
- KOCH, I. G. V. & CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: Fernanda Mussalim & Anna Christina Bentes (Orgs.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**, v. 3. São Paulo: Cortez, p. 251-300, 2004.
- KOCH, I G. V. & MARCUSCHI L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **Delta**, v.14, 1998.
- LAKOFF, G. **Women, Fire, and. Dangerous Things: what categories reveal about the mind**. Chicago Press, Chicago, 1987.
- LANGACKER, R. W. Assessing the cognitive linguistic enterprise. In: JANSSEN, Theo; REDEKER, Gisela. (eds.) **Cognitive linguistics: foundations, scope, and methodology**. New York: Mouton de Gruyter, 1999. p. 13-59.
- _____. Culture, cognition, and grammar. In: Martin Pütz (ed.), *Language Contact and Language Conflict*, 25-53. Amsterdam: John Benjamins, 1994.
- _____. **Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites**. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- _____. The contextual basis of cognitive semantics. In: Jan Nuyts e Eric Pederson (eds.), *Language and Conceptualization*, 229-252. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LEBRUN, Y. **Tratado da afasia**. São Paulo: Panamed, 1983.
- LEIBING, A. Divided Gazes: Alzheimer's Disease, the person within, and Death in life. In: LEIBING, A., COHEN, L. (orgs). **Thinking about dementia: culture, loss, and the anthropology of senility**. Rutgers University Press, cap. 11, pp. 240-268, 2006.
- LEVELT, W .J. M. Accessing words in speech production: stages, processes and representations. **Cognition**, 42, p.1-22, 1992.
- LURIA, A.R. The functional organization of the brain. **Scientific American**, 222(3), 66-78, 1970
- _____. **Language and cognition** (J. V. Wertsch, ed.). New York: Wiley, 1981.
- _____. *The working brain*. USA, Basic Books. 1973.

- _____. **Basic problems of Neurolinguistics**. New York: Mouton, 1976.
- LYMAN, K. A. Bringing the social back in: a critique of the biomedicalization of dementia. **Gerontologist**, v. 29, n. 5, pp. 597-605, 1989.
- LYONS, J. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- MANSUR, L. et al. Language and Cognition in Alzheimer's disease. **Psicologia: reflexão e crítica**, v.18, n. 3, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: o que são e como se constituem**. Recife: UFPE, 2000.
- _____. **Cognição, Linguagem e Práticas Interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- _____. Do código para a cognição: o processo referencial como atividade criativa. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 43-62, 2002.
- _____. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. (Orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- MARCUSCHI, L. A. & KOCH, I. G. V. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, Maria Bernadete (org.), **Gramática do Português Falado**, vol. VIII, Campinas, Edunicamp/Fapesp, pp. 31-58, 1998.
- KOCH, I. G. V.; MARCUSCHI, L. A. Processos de referenciação na produção discursiva. **DELTA**, v. 14, Número Especial, p. 169-90, 1998a.
- MARRAFA, P.; RIBEIRO, C.; SANTOS, R. Automatização da Geração de Dicionários Tratáveis por Máquina: Reutilização de Recursos Linguísticos, **Revista Iberoamericana de Sistemas, Cibernética e Informática**, 2005. Disponível em: <http://www.iiisci.org/Journal/riSCI/> . Acesso em julho de 2010.
- MCCLEARY, C. & HIRST, W. Semantic classification in aphasia: a study of basic, superordinate, and function relations. **Brain and Language**, 27(2), p. 199-209, 1986.
- MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada: um estudo piloto da transcrição de narrativas na língua de sinais brasileira (LSB). In: SALLES, H. (Org.) **Bilinguismo e surdez: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cênone Editorial, 2007.

- MILNER, Jean-Claude. Reflexões sobre a referência e a correferência. In: CAVALCANTE, Mônica M.; RODRIGUES, Bernadete B.; CIULLA, Alena. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.85-126.
- MONDADA, L. **Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir**. Approche linguistique de la construction des objets de discours. Lausanne: Université de Lausanne, Faculté de Lettres. Thèse pour obtenir le grade de docteus en lettres, 1994.
- _____. Destion du topic et organization de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, IEL/Unicamp, n. 41, p. 9, 2001.
- MONDADA, L. e DUBOIS, D. Construção dos objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CULLA, A. **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003.
- MONTEIRO, R. S. **A estruturação da memória semântica: os desafios do letramento e da escolarização**. Florianópolis: UFSC, 2001. Tese de doutoramento.
- MORATO, E. M. (Coord.). **Centro de Convivência de Afásicos: práticas discursivas, processos de significação e propriedades interativas**. Campinas: UNICAMP, 2002. (Relatório científico FAPESP no 99/07055-6).
- MORATO, E.M. As querelas da semiologia das afasias. In: MORATO, E. M. **A semiologia das afasias – perspectivas linguísticas**. São Paulo: Cortez, 2010.
- _____. A noção de frame no contexto eurolinguístico: o que ela é capaz de explicar? **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Letras e cognição** n. 41, p. 93-113, 2010a
- _____. O estatuto sociocognitivo do contexto na orientação argumentativa das práticas referenciais. **Investigações**, v. 21, n. 2, p. 81-95, 2008.
- _____. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. **Letras de Hoje**, v. 47, n. 1, p. 45-54, 2012.
- MORATO, E. M. O estudo da metafóricidade no campo neuroinguístico: velhas questões, novos desafios. In: MOURA, H. M.; GABRIEL, R (org.). **Cognição na Linguagem**. Florianópolis: Insular, 2012^a.
- MORATO, E. M.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Referenciação e discurso**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 53-101.
- NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

- OLSEN-RODRIGUES, J.O.; DIAS-DA-SILVA, B. C. **Um estudo exploratório de aspectos do processamento cognitivo do léxico mental: a conexão entre as estruturas conceitual e linguística**. Araraquara: s/n. Monografia de conclusão de curso, 2010.
- PEREGRIN, J. The pragmatization of semantics. In: **The Semantics/Pragmatics interface from different points of view**. Amsterdam: Elsevier, p.419-442, 1999.
- PUSTEJOVSKY, J. **The Generative Lexicon**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.
- SACKS, H Lectures on conversation. Londres: Blackwell, v. 1 e 2, 1992.
- RESNIK, P. S. **Selection and Information: a class-based approach to lexical relationships**. Tese de doutoramento, 1993.
- ROSCH, E. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In T. E. Moore (ed.), **Cognitive Development and the Acquisition of Language**, 111-44. New York: Academic Press, 1973.
- ROSCH, E. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology: General** 104: 192-233, 1975.
- SALOMÃO, Maria Margarida M. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. In: **Veredas** 4: 61-79, 1999.
- _____. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. **Caleidoscópio**, São Leopoldo: UNISINOS, vol. 7 n. 3, p. 171-182, set/dez, 2009.
- SCHNEDECKER, C., CHAROLLES, M. (1994). Les référents évolutifs: points de vue ontologique et phénoménologique, **Cahiers de linguistique française**,14, 197-227.
- SCHWARZ-FRIESEL, M.; CONSTEN, M.; KNEES, M. **Anaphors in Text: Cognitive, formal and applied approaches to anaphoric reference**, Amsterdam : John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 37-47.
- SPERBER, D. & WILSON, D. **Relevance: Communication and Cognition**. Oxford: Blackwell, 1986.
- SERRANO, M. Higher order categorization in afasia. **Jétou**, Toulouse, April 7-8, 2011.
- SILVA, A. S. Linguística Cognitiva. Uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. In: **Revista Portuguesa de Humanidades**, Vol. 1 – Fasc. 1 – 2, pp. 59-101, 1997. Disponível em: <http://www.facfil.ucp.pt/lincognit.htm>

SOHLBERG, M. M. & MATEER, C. A. Neuroplasticity and synaptic reorganization. In: *Cognitive Rehabilitation: An Integrative Neuropsychological Approach*. New York: Guilford Press; 2001.

STEDE, M. The hyperonym problem revisited: conceptual and lexical hierarchies in language generation. **The INLG '00 Proceedings of the first international conference on Natural language generation**, v.14, p. 93-99, 2000.

TANNEN, D.; WALLAT, C. 'Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação: exemplos de um exame/consulta médica'. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.) **Sociolingüística Interacional**, pp.70-97. Porto Alegre: AGE, 1987.

TOMASELLO, M. **Origins of Human Communication**. Cambridge, MA/London: MIT Press, 2008.

TURNER, M. **The literary mind**. New York: Oxford University Press, 1996.

ZAKI, NOSOFSKI; JESSUP; UNVERSAGAT. Categorization and recognition performance of memory impaired group: evidence for single-system models. **Journal of the International Neuropsychological Society**, 9, p.394-406, 2003.

WIERZBICKA, A. *Cross-cultural Pragmatics: The semantics of human interaction*. 2nd edition. Berlin: Mouton de Gruyter , 2003.

WITTGENSTEIN, L. **Tractatus Logico-Philosophicus**. São Paulo: Edusp, 1993.

9) Apêndices

Apêndice A – Transcrição de todos os dados

Entrevista I – Grupo de Controle

Informações sobre o sujeito

Sigla de identificação: DN

Data de Nascimento: 10 de Novembro de 1946

Profissão: professor (História e Matemática) e promotor aposentado

Estado Civil: Casado

Escolaridade: 2º grau completo mais de uma vez.

Contexto da gravação: A entrevista foi feita em sua casa de campo, na cidade de Ibitinga, onde reside com sua esposa em grande parte dos dias da semana. A gravação aconteceu poucos dias antes da sua festa de aniversário.

JO: Então...oh...ahm...são só três palavras...que eu peço pro senhor ((D faz uma expressão de descontentamento)) posso te chamar de você, né? ((risos)) que eu peço pra você agrupar em um conjunto. Mas primeiro eu gostaria que você falasse seu nome e sua ida- sua data de nascimento.

DN: Meu nome é Dirceu Sordi Nogueira...nascido em 10 de 11... quer dizer... de Novembro de 1946.

JO: Aham

DN: 65 anos...prestes a completar 66. ((risos))

JO: Aham ((risos)) Então... o primeiro conjunto de palavras/...ahm... que eu peço pra você englobar / ((gesticula)) em uma palavra só/ ou em uma expressão/ é sofa, mesa e estante.

DN: Sofá mesa e estante?

JO: Isso

DN: Minha sala possui um belo sofá, uma mesa e uma estante tipo colonial.

JO: Então sala englobaria isso tudo?

DN: ((balança a cabeça afirmativamente)) sala englobaria isso tudo.

JO: Tá...alface rúcula agrião

DN: Uma horta

JO: Uma horta... aham

DN: Que nós temos no sítio...uma horta onde se destacam essas verduras

JO: Tá ótimo

DN: São justamente essas verduras que se destacam...alface, agrião e:

JO: Rúcula...cerveja vinho e licor.

DN: Normalmente são bebidas servidas no fim de semana...agora: ...especialmente na festa do meu aniversário elas serão servidas.

JO: Hum:

DN: O licor a cerveja e o vinho

JO: Quindim goiabada e brigadeiro

DN: Muito comum é:: esses três doces... quindim goiabada e brigadeiro... em festa de criança... aliás eu participei de uma que foi a festa do meu neto e tinha esses três doces

JO: Então... doces que tem em festas de crianças

DN: Festa de criança

JO: É:: Lula FHC e Sarney

DN: Como?

JO: Lula o FHC e o Sarney

DN: ((começa a rir))

JO: ((ri também, após DN))

DN: Três ex-presidentes do Brasil/...Ahm:... com os quais eu não me afinei\

JO: Aham: ((ri)) vermelho rosa e verde

DN: Bom...esse último é:...cor da bandeira brasileira...uma das cores da bandeira brasileira. Vermelho, rosa e verde são cores que normalmente você não encontra em harmonia ...geralmente estão em espaços em locais diferentes

JO: Mercúrio Marte e Vênus

DN: três sistemas... três planetas do nosso sistema solar

JO: Sogra cunhado e genro

DN: Bom... uma família/...ahm...uma família/...digamos completa/... com os agregados/... normalmente tem sogra cumad- [JO: cunhado] & cunhado e genro...porque o cunhado e o gen- o genro é agregado e o cunhado pode ser da família ou não

JO:Ah tá

DN: Se ele se casar com alguém da família...será da família...se não se casar será agregado também...os três podem ser da família ou agregados

JO: Ah: aham ((sorri)). Brasil México e Paquistão

DN: Brasil e México... dois países da América do Sul...América do Sul? [JO: Ahm...] &México: acho que é América do Sul?

JO: América latina né?

DN: Eu...e o outro lá...o Paquistão é: do Orien-do Oriente ou Asi- ou Ásia ou Oriente...com culturas completamente diferentes

JO: Países com culturas diferentes

DN: ((balança a cabeça afirmativamente))

JO: Cachorro gato papagaio

DN: Três animais domésticos...cachorro...gato...e papagaio...geralmente convivem.

JO: Tony Ramos Lima Duarte e Tarcísio Meira

DN: Três grandes expoentes da nossa dramaturgia [JO: aham] & que é o Tarcísio Meira... o Lima Duarte e:

JO: Tony Ramos

DN: e o Tony Ramos...trabalham muito bem...são invejáveis naquilo que fazem no teatro

JO: Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado

DN: Três escritores que jamais serão esquecidos [JO: Aham] porque: fazem parte da nossa cultura..ahm: e: até hoje... são profundamente estudados...seus livros são guias para nossa: digamos... evolução...inclusive... quando se fala em: quando nós falamos na língua portuguesa... nós não podemos esquecer dos três

JO: Aham: ((sorri)) avião ônibus e navio

DN: Bom...avião ônibus e navio são três máquinas...de transporte [J: Aham] & é: diferentes quanto ao meio que circulam

JO: Valsa forró e samba.

DN: Balsa, forró e samba...ahm: eles representam o nosso nordeste...incluindo a Bahia. Quando se fala em balsa forró e samba [J: VALSA VALSA] ((D continua, parecendo não ouvir o que JO fala)) & nós pensamos na Bahia ou no nordeste...porque: seriam símbolos do nosso Nordeste... incluindo a Bahia

JO: Redondo, quadrado e oval

DN: Bom, três figuras geométricas que: dependo do que você pensa...se pensar em: em: ciência...eles pertencem às ciências exatas...são estudados. Se pensar em: em: digamos... +faz movimento com as mãos+ o que eu diria...como figura geométrica é ciência, matemática...ou: fazem parte da: ahm: por exemplo: ahm: por exemplo: ((DN mostra-se um pouco irritado)) se você é um arquiteto... AH bom, +bate na mesa+ ...é mais que se identifica com as exatas

JO: Bingo xadrez e dominó

DN: Olha, eu não tenho muita afinidade: bingo, xadrez e dominó...porque: o xadrez...ele desenvolve muito o raciocínio...você depende do raciocínio...o dominó um pouco não muito...agora: o bingo é aleatório...são três jogos que: não tem uma coisa a ver com outra... eles não se identificam

JO: Aham...Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda

DN: Três cantores de épocas diferentes e também...digamos: com tipos de música diferentes...a Carmem Miranda antiga... o Jair Rodrigues que gosta de um samba um pouco mais contemporâneo e o: Roberto Carlos representa a jovem guarda e está até hoje parece que: cantando na jovem guarda

JO: Aham...jibóia coral e casca- cascavel

DN: É...três cobras...a mais venenosa é a cascavel...a outra... coral... pode ser venenosa ou não... e a outra... jiboia... não é venenosa... sendo que a jiboia é predadora das outras duas ao que eu sei...e: ela ajuda a equilibrar...ela come sapo e outros animais ...ajuda a equilibrar o meio ambiente...e as outras duas...a coral pode ser venenosa ou não...a cascavel é venenosa

JO: Bom...é só isso...e eu gostaria de saber se eu posso utilizar esse material para os meus estudos

DN: Sim...claro

Transcrição: Entrevista II – Grupo de Controle

Informações sobre o sujeito

Sigla de identificação: OR

Data de Nascimento: 9 de março de 1951

Profissão: Porteiro de um condomínio residencial

Estado Civil: Casado

Escolaridade: 1º grau incompleto

Contexto da gravação: A entrevista foi realizada, após o expediente, no salão de festas do condomínio residencial em que OR trabalha e em que JO reside.

JO: Então: Sr Rodolfo...é bem simples...é um conjunto de três palavras que eu vou falar para o senhor e pedir pro senhor agrupar, colocar em um conjunto [OR: Vixe] & por exemplo...Bush, Collor e Sarney...aí o senhor pode responder...tudo corja...tudo porcaria, malandro...aí o senhor coloca essas três palavras em um grupo... em um conjunto

OR: Em uma palavra só já mata os três

JO: Isso...em uma frase... em uma palavra... em uma expressão...então: Sr. Rodolfo... mas eu gostaria...primeiro... que o senhor falasse o seu nome completo e a data do seu nascimento.

OR: Osvaldo Brito Rodolfo

JO:Uhum: Osvaldo...ninguém chama o senhor de Osvaldo

OR: Não: ninguém conhece se você quer saber ((risos))

JO: Ninguém nem sabe que é o senhor

OR: Acho que a única que sabe é a esposa do Hilário ((Hilário é o síndico do condomínio))

JO: Uhum:

OR: Porque eu trabalhei na Lupo ((o síndico trabalha na Lupo))...lá era Osvaldo Osvaldo Osvaldo

JO: Uhum:

OR: Mas aqui... ninguém...se você perguntar pra qualquer um ninguém nem sabe quem é

JO: Já pensou...((risos)) e a data de nascimento?

OR: Nove do três de cinquenta e um

JO: Cinquenta e um...tá...o senhor tem um pouquinho mais de 60 anos.

OR: Vou fazer sessenta e um...em março...março é sessenta e um anos de documento né? A data de nascimento mesmo é dia doze de abril

JO: Olha

OR: É que meu pai tinha pressa de que eu trabalhasse logo... então ele já registrou um mês antes ((risos))

JO:Nossa: mas é sério mesmo?

OR: É: nasci em doze de abril...ele registrou em nove de março...um mês antes

((JO faz uma expressão de estranhamento))

OR: Não sei se foi erro dele em fazer o registro...viu a data errada

JO: Nossa Sr. Rodolfo...bom...mas vamos lá ((risos)) primeiro conjunto é sofá, mesa e estante.

OR: Hum: o que eu podia te dizer:

JO: Como eu posso colocar em um grupo?Em um conjunto?

OR: Não sei...uma sala de jantar

JO: Uhum: alface, rúcula e agrião.

OR: Salada

JO: Cerveja vinho e Licor

OR: Churrasco

JO: Hum: por quê? O senhor acha que no churrasco tem isso?

OR: É: às vezes tem... mas não o licor...agora o vinho e a cerveja...principalmente a cerveja né? Ah...um banquete...

JO:Uhum: quindim goiabada e brigadeiro

OR: (PAUSA) Bolo

JO: Hum: como eu poderia colocá-los em um conjunto... assim: agrupar? Quindim...goiabada ... e brigadeiro

OR: Hum: esse eu vou ficar te devendo

JO: Tá... Lula FHC e Sarney

OR: (PAUSA)

JO: O Lula... o Fernando Henrique Cardoso né? e o Sarney.

OR: Eles seriam o que? Presidentes?

JO: Uhum: Vermelho rosa e verde

OR: (PAUSA)

((OR mostra-se bastante nervoso)

JO: Cores? São cores né?

OR: É

JO: Mercúrio Marte e Vênus

OR: (PAUSA)

JO: É um conjunto de:

OR: Esse me foge da memória

JO: Bom: olha: sogra cunhado e genro.

OR: Família

JO: Família? Tem gente que não considera né?

OR: É. Principalmente a sogra...mas eu não posso falar nada...pra mim é família mesmo

JO: Brasil México e Paquistão

OR: Estados não pode ser... né?

JO: Estados:...países?
OR: Países
JO: Cachorro gato e papagaio.
OR: Uma criação?
JO: Criação
JO: Aham...Lima Duarte, Tony Ramos e Tarcísio Meira.
OR: Artistas
JO: Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado
OR: Estórias
JO: Avião ônibus e navio.
OR: Tá na ponta da língua e não vem...ahm: uma viagem...mas teria uma palavra mais certa né?
JO: Meios de transporte?
OR: Transporte era isso que estava na ponta da língua e não saia
JO: Valsa forró e samba
OR: (PAUSA) Valsa forro e samba...uma festa
JO: Redondo quadrado e oval
OR: Bandeira? Não é? Ou não?
JO: Oval?
OR: É o centro dela né?
JO: Bingo xadrez dominó
OR: Jogo
JO: Jair Rodrigues Roberto Carlos e Carmen Miranda
OR: Cantor
JO: Jiboia coral e cascavel
OR: °(Raptil riptil riptal)°
JO: Como?
OR: °(Raptil riptil riptal)°...o pessoal que fala
JO: Hum: não entendi o que o senhor disse
OR: Jiboia:
JO: Jiboia coral e cascavel
OR: Venenosas

JO: Hum: mas são o quê venenosas?
OR: A gente pode dizer inseto?
JO: Aham: (PAUSA) tá...tá...é isso aí
OR: Só isso? Se servir pro seu trabalho
JO: O senhor autoriza que eu utilize?
OR: Lógico

Transcrição: Entrevista III – Afásicos

Informações sobre o sujeito

Sigla de identificação: MS

Data de Nascimento: 17 de janeiro de 1946

Profissão: aposentado

Estado Civil: Casado

Escolaridade: 2º grau completo

Contexto da gravação: A entrevista aconteceu em uma sala do Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Era o último encontro dos participantes do CCA no ano de 2011.

((JO arruma a câmera e MS a ajuda no ajuste da imagem))
MS: Globo...eu estava na Globo
JO: Ah é?
MS: Não..eu: ...muitos anos
JO: Trabalhou?
MS: Isso
JO: HUM:...olha só/...então entende tudo de câmera
MS: ((sorri)) Maravilha
JO: Então:... Sr. Serra
MS: Senhor não... Serra
JO: Tá... Serra...então: Serra... é o seguinte: eu estou fazendo o meu mestrado né?

MS: Isso

JO: e a atividade que eu estou propondo é a seguinte...eu falo três palavras... e eu peço para o senhor agrupar...+colocar em um grupo... colocar em um conjunto+

+MS balança a cabeça afirmativamente+

JO: Então:... oh/:... sofá mesa e estante

MS: M- ... móveis

JO: Alface, rúcula e agrião

MS: (PAUSA)...+balbucia+...+faz sinal com a mão para esperar+...rúcula...é: ...rúcula: maravilha... alface: maravilha...+balbucia+...ve - ge - tais....((sorri))...isso

JO: Vegetais...tá...cerveja vinho e licor

MS: bebidas

JO: Quindim goiabada e brigadeiro

MS: é: (PAUSA)...+balbucia+...como chama...brinquedos...não...brigadeiro...quindim...

JO: goiabada

MS: Isso...(XXX) ... (balbucia) ...brinquedos...não...

JO: São coisas boas de comer, né...doces...

MS: Isso...maravilha...é...doces não...é: ...brinquedo...chega

JO: Tá... Lula FHC Fernando Henrique Cardoso e Sarney

MS: É:...presidentes do Brasil

JO: Vermelho rosa e verde

MS: É:...cores

JO: Mercúrio Marte e Vênus.

MS: É:...planetas

JO: +Sogra, cunhado+ [S: Iiihhh...+coloca a mão na cabeça+] e genro...((JO ri))

MS: Eu tive cinco...eu tive cinco esposas

JO: Cinco sogras

((JO e MS riem))

JO: Então:...como eu consigo colocar em um conjunto sogra cunhado e genro?

MS: É: ...parentesco

JO: Brasil México e +Paquistão+

MS: +Hum+

+MS faz uma expressão de surpresa+

MS: & +México+

+conta um com o dedo+

MS: & +Brasil+

+conta dois com o dedo+

MS: & Paquistão

+faz um sinal para o lado com a mão+

MS: & Eu...Brasil...excelente...México...excelente...+Paquistão+

+MS faz um sinal de negativo com o dedo+

MS: & Eu conheço o Paquistão.

JO: Ah é?

MS: Oh...+prende as narinas com os dedos, como um prendedor, e solta+

JO: Não gosta...cachorro, gato, papagaio.

MS:É...papagaio...cachorro...maravilha...gato...maravilha...papagaio...aves...não...não...é...animais ...isso

JO: Lima Duarte [MS: Eu adoro o Lima Duarte]

JO: É?

MS: +faz sinal de positivo+...maravilha

JO: Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira

MS: Atores

JO: Monteiro Lobato, Machado de Assis e Jorge Amado.

MS: Escritores

JO: Avião ônibus e navio

MS: Hum...é como ônibus +imita o barulho de um ônibus e finge dirigir+ & avião +imita, com a mão, o pouso de uma avião+ &navio...transportes

JO: Valsa forró e samba

MS: Isso...adoro +finge dançar+ ((JO ri)) forró...maravilha ((finge dançar de novo)) samba...é:...+faz sinal para esperar+....calma...brincadeiras +faz um sinal de mais ou menos+

JO: Redondo quadrado e oval.

MS: É:...redondo +faz, no ar, uma forma redonda e um positivo+ & quadrado +faz um sinal de positivo e desenha, no ar, um quadrado+ (PAUSA) & não sei

JO: A palavra?

MS: Isso

JO: Sei...bingo xadrez e dominó

MS: É:...jogos

JO: +Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda+

+MS faz um sinal de não gostar+

JO: Não gosta?

MS: Roberto Carlos...péssimo...Jair Rodrigues...maravilha...carmem Miranda +faz um sinal de mais ou menos+ cantores

JO: Jiboia coral e cascavel.

MS: Cobras

JO: Bom...é só isso...eu também gostaria por favor que o senhor falasse o nome completo e a data de nascimento

MS: Mário Luís Fernandes Serra. Dezesete do um de quarenta e seis.

JO: Bom...e aqui está um termo em que o senhor autoriza que eu utilize essa gravação na pesquisa.

MS: +faz sinal positivo e estica a mão para assinar o termo+

Transcrição: Entrevista IV – Afásicos

Sigla de identificação: LE

Data de Nascimento: 10 de setembro de 1957

Profissão: desempregado

Estado Civil: Separado

Escolaridade: 1º grau completo

Contexto da gravação: A entrevista aconteceu em uma sala do Centro de Convivência de Afásicos da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp. Era o último encontro dos participantes do CCA no ano de 2011.

JO: Bom Sr. Lázaro... o exercício é o seguinte...eu vou falar três palavras e vou pedir pro senhor agrupar essas palavras... colocá-las em um conjunto...então: primeiro... eu pediria que o senhor falasse o nome completo e a data de nascimento... pode ser?

LE: Meu nome completo é Lázaro Moreira Elias...data de nascimento?

JO: Isso

LE: Dez do nove de cinquenta e sete

JO: Bom... o primeiro é sofá mesa e estante.

LE: Sala

JO: Alface rúcula e agrião

LE: (PAUSA) Agora aí...eu tenho que falar...cozinha... né?

JO: Cozinha...como o senhor colocaria essas três palavras em um conjunto só? O senhor acha que alface rúcula e agrião estão representados por cozinha? Estão no conjunto cozinha?

LE: (PAUSA) é

JO: Cerveja vinho e licor

LE: (PAUSA) Aniversário

JO: Quindim goiabada e brigadeiro

LE: (PAUSA) café da manhã? Não... né?

JO: Pode ser...Lula FHC e Sarney

LE: (PAUSA) bom

JO: Bom?

LE: Uhum

JO: Então você coloca no conjunto dos bons?

LE: O Lula foi bom

JO: Vermelho rosa e verde.

LE: (PAUSA) ah... eu gosto dessas cor aí... sabe?

JO: Mercúrio Marte e Vênus

LE: (PAUSA) esse negócio dos planeta...significa uma coisa só... né? Fala dos planeta

JO: planetas

LE: Isso

JO: Sogra cunhado e genro

LE: Minha sogra...foi bom pra mim...até durante o tempo que eu fiquei casado... sabe? Então... quer dizer que eu posso falar mal da minha sogra? Não né?

JO: Tem como colocar sogra, cunhado e genro em um conjunto? Em um grupo?

LE: Tem...assim... eles foram bom

JO: Bom...Brasil México e Paquistão

LE: (PAUSA) Tem um país que eu acho ruim...Paquistão

JO: Cachorro gato e papagaio

LE: Eu gosto desses animal aí...então...o que que eu posso falar...quintal né?

JO: Aham...Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira

LE: Esses três aí...vamos por que eles são bom...bom...

JO: Humm...eles são:

LE: Bons

JO: Pode colocar em outro conjunto... além de bons? Por exemplo... Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira...que grupo que eles formam? Um grupo de que?

LE: (PAUSA) um grupo...um grupo de artistas né?

JO: Isso: Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado

LE: (PAUSA) Tem que ser bons ou ruins né?

JO: Não...é colocar em um conjunto...por exemplo... esses daí...podem ser pessoas que eu não conheço... por exemplo...se o senhor não conhecer. ..Monteiro Lobato, Machado de Assis e Jorge Amado...o que eles foram? Como eu posso agrupar? Como eu posso colocar em um conjunto só? São um conjunto do que?

LE: Coisa fácil hein...e eu fico embananando tudo

JO: Não:... O senhor lembra dessas pessoas?

LE: Mais ou menos

JO: Sabe o que elas foram?

LE: Hum...não sei viu

JO: Não?

LE: Não

JO: Pode ser qualquer pessoa então? Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado

+LE Balança a cabeça afirmativamente+

JO: Que não tiveram nenhuma importância?

LE: Não...pra mim não

JO: Avião ônibus e navio.

LE: (6s) Falando...esses três...só lembro... só...eu só lembro de passear, né? Então...férias, né?

JO: Férias?

LE: Uhum

JO: Valsa, forró e samba.

LE: (PAUSA) que jeito que a gente põe isso?

JO: hum: como a gente pode agrupar isso, hein? Como a gente pode por em um conjunto? A valsa...o forró ...e o samba? Conjunto do que? Como colocar em um grupo?

LE: (PAUSA) ah...baile né?

JO: Isso...redondo quadrado e oval

LE: (PAUSA) redondo quadrado e oval? (PAUSA)

JO: Não lembra?

LE: Não lembro viu...nossa

JO: Bingo xadrez e dominó.

LE: Bom (PAUSA) aí é: ...brinquedo né?

JO: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda

LE: Bom...aí: ...grupo de artista bom

JO: Jibóia coral e cascavel

LE: (PAUSA) Cobra...por no conjunto...de cobra né?

JO: Isso...é só isso

LE: Ai ((faz uma expressão de descontentamento))

JO: Achou difícil?

LE: Não...mas eu fiquei embananado né?

JO: Não...muito obrigada e o senhor autoriza que eu utilize pros meus estudos

LE: Autorizo sim...que isso

Transcrição: Entrevista VI – Alzheimer

Informações sobre o sujeito

Sigla de identificação: TR

Data de Nascimento: 20 de novembro de 1936

Profissão: Vendedora aposentada

Estado Civil: casada

Escolaridade: 1º grau incompleto

Contexto da gravação: A entrevista aconteceu em uma sala da Faculdade da Terceira Idade da Politécnica de Campinas. TR não participa de nenhuma atividade dessa instituição de ensino, mas foi até lá para participar da pesquisa.

JO: Então: D. Therezinha...primeiro eu peço que a senhora fale seu nome completo e sua data de nascimento

TR: É Therezinha com T... H e Z... Nadin Benevides do Rosário...vinte do onze de trinta e seis

JO: Então... o exercício é o seguinte... são três palavras pra colocar em um conjunto

TR: Deixa eu só mudar os óculos...não vai precisar esse né +muda de óculos+

JO: Tudo bem...olha: o primeiro é... sofá mesa e estante

TR: +balança a cabeça afirmativamente+

JO: A senhora poderia colocar em um conjunto pra mim?

TR: Como assim?

JO: Por exemplo...Bush Collor e Sarney...políticos... pessoas boas ou ruins...agora é... sofá mesa e estante

TR: Conjunto de uma sala...uma sala de visita

JO: Aham...alface rúcula e agrião

TR: Isso aí serve pra fazer salada né? Nossa... eu gosto tanto

JO: Ah é?

TR: É...eu não sei comer sem salada

JO: não sabe comer sem salada

TR: tem que ter salada

JO: Olha só...cerveja vinho e licor

TR: É um grupo né... porque os três são bebidas alcoólicas

JO: Quindim goiabada e brigadeiro

TR: São doces...quindim é uma delícia...você está judiando de mim

JO: ((ri)) Lula FHC e Sarney

TR: FHC eu não lembro

JO: É o Fernando Henrique Cardoso

TR: Ah: Quem é mesmo o primeiro?

JO: Lula FHC e Sarney

TR: Lula, FHC e Sarney...esse FHC eu não lembrava não...o Lula e o Sarney...+balança a cabeça afirmativamente+

JO: E é um grupo do que?

TR: De presidentes

JO: Vermelho rosa e verde

TR: São cores

JO: Mercúrio Marte e Vênus

TR: Agora não lembra pra o que é que isso não...pra o quê é que a gente usa...Mercúrio é: ah... não lembro

JO: Mercúrio Marte e Vênus?

TR: Não lembro...esses três eu não lembro

JO: Não lembra...sogra, cunhado e genro

TR: Esse aí...é família né?

JO: A sogra o genro e o cunhado

TR: É

JO: Brasil México e Paquistão

TR: Esses são...capitais né?

JO: Capital...

TR : São capitais

JO: Cachorro gato e papagaio

TR: Cachorro e gato são animais...e papagaio é ave.Bate as asinhas +gesticula+& né?

JO: É... Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira

TR: Eles são...são de novela né? São de novela...eu não assisto muito novela mas eu sei eu eles são de novela

JO: Aham... Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado

TR: Ih...esses daí eu não to lembrando

JO: Não tá lembrando? A senhora nem...não tem ideia assim? Monteiro Lobato Machado de Assis e Jorge Amado

TR: Não lembro o que eles foram não...esses três eu não estou lembrando

JO: Pode ter sido qualquer pessoa?

TR: Não... qualquer pessoa também não foram né? Eles tiveram cargos...só que eu não lembro

JO: Ah... entendi...avião ônibus e navio
TR: O avião anda no ar o navio na água, né? O ônibus na rodovia
JO: E um conjunto que contenha os três?
TR: (PAUSA)
JO: Qual é o conjunto?
TR: (PAUSA)
JO: Pode colocar em um conjunto ou não dá?
TR: (PAUSA) Ah: acho que não né?
JO: Olha...o avião o ônibus e o navio
TR: Não... porque cada um tem o seu...é separado né? Cada um tem seu estilo de vida((ri))
JO: Valsa forró e samba
TR: Eu gosto de dançar os três viu
JO: Danças então?
TR: Ai que delícia...forrozinho
JO: Redondo quadrado e oval
TR: (PAUSA)...e agora hein...aí...que eu eu tenho que
JO: Colocar em um conjunto +gesticula+ como eu consigo agrupar... colocar em um grupo o redondo o quadrado e o oval
TR: Ah...posso colocar o redondo e o oval né? O quadrado está completamente fora.
JO:Uhum...eles são
TR: É...o redondo e oval ainda dá
JO: São formas
TR: São formas...só que não são bem né
JO: Bingo xadrez e dominó
TR: Jogo ...são os três jogos
JO: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmen Miranda
TR: Cantores...o que eu mais amei foi o Roberto Carlos ((risos))
JO: Ama ainda
TR: Amo ainda...amo
JO: Jibóia coral e cascavel.
TR: Essas cobras aí hein

JO: Aí: o único que a senhora não lembrou foi Mercúrio, Marte e Vênus...que pode ser qualquer coisa?

TR: Mercúrio Marte e Vênus...é um tipo de astro... assim

JO: Isso... e teve esse Machado de Assis Monteiro Lobato e Jorge Amado...que não são qualquer pessoa

TR: Eu sei o que eles são mas eu não estou lembrando (PAUSA) escritor não é? Acho que são escritores

JO: Isso...os três são escritores...e avião ônibus e navio...os três...cada um na sua?

TR: O avião está lá no ar...outro no mar...outro na rua

JO: Estão é isso aí...muito obrigada D. Therezinha...ah e a senhora continua aceitando participar da pesquisa?

TR: Sim...continuo

JO: Então está bom... muito obrigada

Transcrição: Entrevista VI – Alzheimer

Informações sobre o sujeito

Sigla de identificação: AP

Data de Nascimento: 10 de janeiro de 1926

Profissão: médica e professora da Unicamp aposentada

Estado Civil: Viúva

Escolaridade: 2º grau completo

Contexto da gravação: A gravação foi realizada na sala de visitas da casa de AP. A entrevista foi possível graças ao apoio da fonoaudióloga responsável pelo acompanhamento de AP, Elisandra Gaspareto Sé, que acompanhou JO até a residência de AP.

JO: Então, D. Alba, o exercício como a senhora leu +aqui + aponta o termo de consentimento+ &ahm...são três palavras e eu peço pra senhora agrupar... colocar em um conjunto... colocar em um mesmo grupo...não tem certo ou errado

AP: Mas coloca em um certo grupo como? Se é substantivo... se é verbo?

JO: Não

AP: Em uma frase?

JO: Não... é igual ao exemplo +aponta para o temo de consentimento+ por exemplo... quindim goiabada e brigadeiro

AP: Ah sim...coisas que estão próximas né?

JO: Isso...coisas que eu gosto... por exemplo... doces...Lula FHC e Sarney...corja...((A começa a rir))...malandro...tudo safado

AP: Você sabe...que eu fui da época...que votei no Lula...a primeira vez que votei na vida foi no Lula

JO: Ah...poxa vida hein...

AP: E sabe o que ele fazia? Ele só fazia greve dos empregados contra patrão...eu era pequena

JO: é:...do sindicato né?...ele era do sindicato...bom... o primeiro grupo... o primeiro conjunto é sofá mesa e estante

AP: Sofá mesa e estante? Tem que são móveis... sofá mesa estante...móveis assim... de sala...estante pode ser de livros...de pendurar panela também...não pode esquecer da dona de casa ((risos))

JO: É ((risos)) alface rúcula e agrião

AP: Alface rúcula e agrião são vegetais que se usa muito pra...pra salada... alface rúcula e agrião... as três coisas.

JO: Cerveja vinho e licor

AP: São bebidas que tem álcool cerveja...são bebidas fermentadas...cerveja vinho e licor...cerveja e vinho são fermentadas...o licor acho que não é né? Só adocicado né

JO: Quindim goiabada e brigadeiro

AP: hum: ...são doces também...quindim é feito com ovo farinha e outras coisas mais... leite eu acho...quindim...bolo que pode ser feito de fubá ou de trigo... de fubá é mais forte... o de trigo é menos pesado né? Mais fácil a digestão...fubá... trigo... e tem outras coisas... assim... pra fazer pastel

JO: Aham...Lula FHC e Sarney

AP: ((risos)) a quadrilha...Lula, FHC, Fernando Henrique Cardoso e o outro?

JO: Sarney

AP: São formadores de uma quadrilha

JO: ((ri bastante))

AP: São políticos e formadores de quadrilhas

JO: Vermelho rosa e verde

AP: Ah: são cores...verde é a cor da pátria..vermelho é a cor da rosa que eu estou vendo ali ((havia um vaso com rosas na estante em frente a qual a sra. A. estava sentada)), que é uma flor bonita e [J: rosa] & rosa também...pode ser vermelha ou rosa

JO: Mercúrio Marte e Vênus

AP: Mercúrio?

JO: Marte e Vênus

AP: Marte? Ah: esses são planetas

JO: Sogra cunhado e genro

AP: Eles são parentes... sogra que é a mãe...sogra... mãe

JO: é a mãe do marido da senhora

AP: não...não é sogra mãe e genro?

JO: Não...é sogra cunhado e genro

AP: Ah... cunhado...então: sogra é a mãe do meu marido...cunhada é irmã do meu marido e genro é quem casou com a minha filha

JO: é família

AP: É família

JO: Brasil México e Paquistão

AP: Paquistão?

JO: Aham

AP: São países...o Brasil é um país grande... enorme... muitos estados... um dos países maiores do mundo né? Acho que compete um pouco com a África... Brasil

JO: Brasil México e Paquistão

AP: O México...o México fica na...no final... tem a América do Norte...no final sul é o México... Paquistão...esse eu não lembro agora onde é...parece que é na Índia...eu não lembro muito bem...não é muito grande né?

JO: É...é no oriente

AP: Oriente né?

JO: Cachorro gato e papagaio

AP: Cachorro e gato são mamíferos e papagaio é uma ave muito (procurada)...tem papagaio azul e tem verde... verde tem até... por coincidência as cores da nossa bandeira né?

JO: Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira.

AP: São atores de teat-...de televisão...é:

JO: Lima Duarte Tony Ramos e Tarcísio Meira

AP: Eu acho que os três são atores assim...de novela...que foram atores de teatro também né?Eles representam muito bem até quando na televisão...é diferente..a Fernanda Montenegro se olhar bem o jeito...ela expressa a emoção dela direitinho na televisão...e esses que são só de novela... que não tem essa experiência de teatro não é a mesma coisa...esses são os melhores atores... os que são de teatro

JO: Monteiro Lobato, Machado de Assis e Jorge Amado.

AP: Grandes escritores...Monteiro Lobato escrevia história pra crianças também né... Monteiro Lobato

JO: Machado de Assis

AP: Machado de Assis...grande escritor também

JO: E Jorge Amado

AP: e Jorge Amado também

JO: Avião ônibus e navio

AP: Avião ônibus e navio são meios de transporte... avião é aéreo +faz gesto+ o navio vai pelas águas +faz gesto+ e o:

JO: ônibus

AP: O ônibus... coletivo... grande... quer dizer... a mecânica dele é semelhante a dos automóveis só que é um carro bem grande que dá pra levar bastante pessoas né? Hoje até tem um engatado no outro né?

JO: Isso... aquele articulado né? Valsa forró e samba

AP: Ah ((sorri)) valsa forró e samba...samba é a coisa mais bonita que tem aqui no Brasil...é uma característica da nossa música popular...muito boa música popular...as letras geralmente são muito boas...é música

JO: É valsa forró e samba

AP: O samba também né? O samba que já foi?

JO: Já foi

AP: A valsa é uma dança também... mas é uma dança de classes mais altas um pouco né? Quando tem uma formatura... por exemplo... se dança valsa +faz movimento com as mãos+ quando tem um casamento se dança uma valsa...então é pra um grupo mais seletivo né? pra uma festa...e:

JO: Valsa forró e samba

AP: O forró e o samba...bom o forró...o forró eu não sei muito bem... mas me parece que é uma dança que pessoa na hora assim vai fazendo os passos né? E dá umas umbigada também né? ((risos)) não é assim?

JO: ((risos)) é...redondo quadrado e oval

AP: Então: o redondo é uma forma esférica

JO: Hum: ...que conjunto eles formam?

AP: Ele forma uma bola

JO: Não...essas palavras...redondo quadrado e oval

AP: Ah, o quadrado tem ângulos...mas eles estão em três dimensões né...o quadrado:

JO: Redondo

AP: O redondo tem mais ou menos a forma da nossa esfera né?...o redondo tem o formato de uma bola, né?e o:

JO: Oval

AP: Oval, chama oval porque tem uma forma mais ou menos de ovo né? Só que o ovo tem um lado mais assim +gesticula+ e o outro mais curto

JO: Seriam formas então

AP: oval...então...é uma forma assim +gesticula+ que seria como se fosse um círculo achatado um pouco né? E é isso

JO: Bingo xadrez e dominó

AP: Ah... isso eu não entendo muito...de jogo eu não entendo muito...ah... bingo é uma coisa que se faz assim... se distribui...eu não sei...porque eu nem jogo...bingo se dá uma cartela se não me engano e dá umas...a pessoa pega um monte de de...pedras se não me engano...porque às vezes é papelão, sei lá o quê...pra jogar...então: faz o sorteio né?Tem o sorteio...sai aquele ali...aí a pessoa vai encaixando... quando encaixa tudo... ganhou

JO: Hum: Roberto Carlos Jair Rodrigues e Carmem Miranda

AP: São cantores todos né?...sendo que a Carmen Miranda se destacou demais porque foi lá pros Estados Unidos né? Divulgou a nossa música lá...porque ninguém tinha até então divulgado a nossa música...nós recebemos muito dos americanos não é? Música americana... é swing... é não sei que lá... os sapateados que tem lá... tudo isso né? E a nossa própria tinha muito pouco né? Nós temos boa música mas exportamos muito pouco

JO: O último é jiboia coral e cascavel

AP: A jiboia é uma cobra que quando ela come ela é enorme né? E ela come... ela engole tudo...por isso que chama jiboia né? E a...a coral...tem coral venenosa e coral que não é venenosa...e é cobra também... tem uma cor muito bonita... por isso que ela chama coral... ela tem uma cor avermelhada e se não me engano um pouco de cinza branco também...e a outra?

JO: Cascavel

AP: A cascavel é muito venenosa...não tem cascavel que não seja venenosa...quando fala que uma pessoa é muito ruim, aquela é uma cascavel

JO: É isso aí ...bom, muito obrigada...então é isso...e a senhora continua autorizando: [A: Continuo...eu tenho o maior prazer]& ah... muito obrigada

AP: Eu gosto porque a gente sempre aprende também com os outros...esse negócio...e eu recordo coisa que já fazia tempo que estudei...sabe porque eu conheço bastante cobra? O meu pai... na época em que eu estudei...no começo do século...bem nos princípios do século...assim... eu era pequena...eu devia ter uns...não tinha ainda ido pro grupo escolar e houve uma queda da bolsa de Nova Iorque e muita ...gente foi muito prejudicada sabe...e meu pai foi parcialmente... porque ele fabricava móveis sabe... e depois ele começou a fabricar material niquelado...aqui em casa não tem porque ficou lá em São Paulo com minha irmã...mas esse móvel ((havia, em frente ao local em que J e A estavam sentadas, uma estante de madeira)) foi meu pai quem fez...apresentou

num...numa exposição...exposição de fábricas né?...lá em São Paulo e ele ganhou medalha com isso aí

JO: Aquela é a senhora? +aponta para um retrato+

AP: Não... minha filha...depois eu vou mostrar fotografias minhas pra você...fotografias de formatura...você tem tempo né?

JO: Sim:

AP: Então eu vou mostrar...aquela ali é minha filha +aponta para o retrato+ é só ela que eu tenho...não tive mais filho porque o Sérgio morreu ela estava engatinhando... meu marido...depois apareceram...foi em Ribeirão Preto que eu casei e ela nasceu lá. Agora mesmo eu estive lá em Ribeirão Preto que eu me dou muito com a minha cunhada...e era aniversário dela...até quando ela foi casar...eu dava aula porque naquele tempo médico não ganhava nada...aí meu pai falou que eu tinha que ser médica e meu irmão engenheiro...meu irmão que fez a planta dessa casa e acompanhou...e eu, na medicina, não ia ganhar de jeito nenhum porque não acreditavam em mulher...pra fazer parto era parteira...quando a coisa encrencava...aí ia pra pro hospital e só tinha médico... não tinha quase médicanão tinha mesmo...na minha turma se formaram poucas médicas...eu tenho o quadro aí...uma delas era transferida...da turma mesmo tinha poucas...tinha uma japonesi-...não... nem japonesa acho que tinha...espera um pouco... eu tenho o quadro lá de formatura...quando fez 50 anos eles iam jogar fora os quadros velhos da faculdade lá da USP...era na Avenida Doutor Arnaldo...você conhece São Paulo?

JO: Sim:

AP: Então: na Doutor Arnaldo...ali...perto do cemitério... quase em frente ao cemitério do Araci...aí estavam...lá iam jogar fora...aí um colega falou...nós fomos lá...e foi tirado foto...eles tiram foto do quadro e está pendurado aí. Se você quiser ver...você vê

JO: Ah... bacana...muito obrigada

Apêndice B – Termo de consentimento assinado pelos participantes da pesquisa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esse Termo de Consentimento presta esclarecimentos aos sujeitos da pesquisa e/ou aos responsáveis pela participação destes na dissertação de mestrado intitulada: “Um estudo da construção referencial da hiperonímia nos contextos patológicos e não patológicos.”, desenvolvida pela pesquisadora Janaina Olsen Rodrigues, sob orientação da Profª Drª Edwiges Maria Morato.

O objetivo geral desta pesquisa é proceder a entrevistas semi-dirigidas para investigar o processo de produção espontânea de expressões linguísticas mais genéricas (hiperonímia) desencadeado a partir da apresentação de palavras mais específicas (hipônimos) aos sujeitos que participarão do estudo. Para tanto, será utilizado um Protocolo de Hipônimos composto por conjuntos de três hipônimos como, por exemplo, “quindim, goiabada, brigadeiro”. Tal protocolo, composto de dezoito conjuntos de hipônimos, será apresentado oralmente e, se solicitado, por escrito, aos dois sujeitos afásicos, ao grupo de controle, isto é, aos dois sujeitos não-afásicos e não-Alzheimer e aos dois sujeitos com Alzheimer (fase leve) em situações de interação com a responsável pela pesquisa, Janaina Olsen Rodrigues.

A partir dessa investigação, será possível, de modo mais específico, verificar as diferentes estratégias linguísticas utilizadas pelos sujeitos para construir a hiperonímia, como as predicções; bem como, de forma mais geral, compreender melhor as relações entre linguagem e cognição, em especial memória.

As entrevistas serão individuais, gravadas e filmadas, no caso dos sujeitos afásicos, no Centro de Convivência de Afásicos (CCA) do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) no grupo coordenado pela Profª Drª Edwiges Maria Morato; no caso do grupo de controle, na própria residência dos sujeitos ou no local em que eles julgarem mais conveniente; e, no caso dos sujeitos com Alzheimer, na Faculdade da Terceira Idade da Politécnica de Campinas (POLICAMP), com os participantes da oficina “Mente Ativa”, coordenada pela Profª Drª Elisandra Villela Gasparetto Sé.

Cabe ainda ressaltar que o sujeito entrevistado não terá gastos com a participação, não havendo, portanto, nenhuma forma de reembolso de dinheiro, não será exposto a riscos

previsíveis e terá direito ao esclarecimento de qualquer dúvida acerca dos assuntos relacionados a esta investigação, antes, durante ou após a realização da pesquisa, ainda que estes possam afetar sua vontade em continuar participando da mesma.

O sujeito entrevistado poderá, portanto, deixar de participar da pesquisa a qualquer momento, sem nenhum prejuízo no atendimento e tratamento pela equipe em que ele esteja inserido, no caso dos sujeitos afásicos e dos sujeitos com Alzheimer.

Por fim, assegura-se a privacidade dos participantes, garantindo que sua identificação permaneça em sigilo, bem como a entrega de uma cópia desse Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos.

A autorização expressa do participante será expressa em:

Eu, _____, nascido (a) em ___/___/___, afirmo, pelo presente termo, de livre e espontânea vontade, o meu consentimento em participar de entrevistas individuais que fazem parte da pesquisa, intitulada “Um estudo da construção referencial da hiperonímia nos contextos patológicos e não patológicos.”, desenvolvida por Janaina Olsen Rodrigues.

Estou ciente do teor desse documento e afirmo, mais uma vez, o meu expresso consentimento.

Campinas, _____ de _____ de 2011

* Em caso de recurso ou reclamação, contatar a Secretaria da Comissão de Ética em Pesquisa no endereço Rua Tessália Vieira de Camargo nº 126 (Faculdade de Ciências Médicas – FCM/UNICAMP), no telefone (19) 32518936, ou no e-mail cep@fcm.unicamp.br.

* Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, contatar a responsável pela pesquisa, Janaina Olsen Rodrigues, no endereço Rua Sérgio Buarque de Holanda nº 571 (Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/UNICAMP) , no telefone (16) 81578199, ou, preferencialmente, no e-mail olsen.janaina@gmail.com

Campinas, _____ de _____ de 2011

Profª Drª Edwiges M. Morato

Janaina Olsen Rodrigues